

Organizadoras

Claudia Almeida Rodrigues Murta
Edilene Alexandra Leal Soares
Marilsa Aparecida Alberto
Núbia Nogueira de Freitas Vogado

CEFORES, 30 ANOS DE HISTÓRIA

A trajetória do Centro de Educação Profissional da
Universidade Federal do Triângulo Mineiro



Copyright © 2021: EDUFTM

Direção Geral
Norma Lucia da Silva

Coordenação Editorial
Tânia Araújo do Nascimento Cad

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa
Viviane Mara Miranda Rodrigues

Revisão
Débora Francisca de Lima

Conselho Editorial
Profa. Dra. Norma Lucia da Silva
Prof. Dr. Álvaro da Silva Santos
Profa. Dra. Ana Cristina de Souza
Prof. Dr. Danilo Seithi Kato
Profa. Dra. Maria das Graças Reis
Profa. Dra. Renata Pereira Alves Balvedi
Profa. Dra. Sanívia Aparecida de Lima Pereira
Profa. Dra. Suzel Regina Ribeiro Chavaglia
Prof. Dr. Tales Vilela Santeiro
Ma.Terezinha Severino da Silva

Editora da UFTM - EDUFTM
Endereço: Praça Thomaz Ulhôa, 582 - Bairro Abadia
CEP: 38025-050 - Uberaba/MG
Telefone: (34) 3700-6647

CATALOGAÇÃO NA FONTE:

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO

C385 Cefores, 30 anos de história: a trajetória do Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro / Claudia Almeida Rodrigues Murta... [et al], organizadoras. — Uberaba, MG: Eduftm, 2021.
E-book : il.

E-book, no formato PDF
ISBN 978-65-89736-08-0

1. Escolas técnicas. 2. Ensino profissional. I. Murta, Claudia Almeida Rodrigues. II. Título.

CDU 377.36

Organizadoras

Claudia Almeida Rodrigues Murta

Edilene Alexandra Leal Soares

Marilsa Aparecida Alberto

Núbia Nogueira de Freitas Vogado

CEFORES, 30 ANOS DE HISTÓRIA

**A trajetória do Centro de Educação Profissional da
Universidade Federal do Triângulo Mineiro**



Uberaba
2021

COMISSÃO ORGANIZADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO
“CEFORES: 30 ANOS DE HISTÓRIA”

Claudia Almeida Rodrigues Murta
Edilene Alexandra Leal Soares
Jacqueline Oliveira Lima
Keila Adriana Magalhães Ferreira
Marilsa Aparecida Alberto
Núbia Nogueira de Freitas Vogado
Renata Costa Gomes
Teresinha das Graças Lima

DISCENTES PARTICIPANTES DO PROJETO DE EXTENSÃO
“CEFORES: 30 ANOS DE HISTÓRIA”

Bruno Luís da Costa Bento
Carmem Lúcia Rodrigues de Freitas
Clarissa Stival Gonçalves
Douglas Passos Ribeiro
Gabriele Carvalho Rodrigues
Ives Alberto Carvalho Costa
Marcela Faria Rigobelo
Marilene Almeida do Nascimento
Mhadrena Rodrigues da Costa
Paulo Henrique de Jesus Miranda
Pollyanna Aparecida Vaz Rosa Guimarães
Renata Nogueira Rossi - *In memoriam*

EQUIPE DO CEFORES RESPONSÁVEL PELA REVISÃO

Claudia Almeida Rodrigues Murta
Marilsa Aparecida Alberto
Núbia Nogueira de Freitas Vogado

Fotografia Capa

Edmundo Gomide

Unidade Praça Manoel Terra - Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM

SUMÁRIO

PALAVRAS DO DIRETOR	6
<i>Paulo Roberto da Silva</i>	

PREFÁCIO	7
<i>Ana Palmira Soares dos Santos</i>	

APRESENTAÇÃO	8
<i>Claudia Almeida Rodrigues Murta</i>	
<i>Edilene Alexandra Leal Soares</i>	
<i>Marilsa Aparecida Alberto</i>	
<i>Núbia Nogueira de Freitas Vogado</i>	

NOTA DA SEGUNDA REVISÃO	12
<i>Marilsa Aparecida Alberto</i>	
<i>Núbia Nogueira de Freitas Vogado</i>	

HOMENAGEM AO CEFORES	14
<i>Teresinha das Graças Lima</i>	

PARTE I- FONTES E HISTÓRIA

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADE DE APREENDER O PROCESSO HISTÓRICO DE UMA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA	16
<i>Edilene Alexandra Leal Soares</i>	

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL: MARCOS HISTÓRICOS	29
<i>Guilherme Henrique Barbosa</i>	
<i>Jacqueline Oliveira Lima</i>	
<i>Núbia Nogueira de Freitas Vogado</i>	

CEFORES, 30 ANOS DE HISTÓRIA	44
<i>Marilsa Aparecida Alberto</i>	
<i>Renata Costa Gomes</i>	

PARTE II – GÊNESE E TRAJETÓRIA DOS CURSOS TÉCNICOS

CURSO TÉCNICO EM ANÁLISES CLÍNICAS.....	73
<i>Elaine Cristina Bento Oliveira</i>	
<i>Paulo Roberto da Silva</i>	
<i>Rafael Faria de Oliveira</i>	
MEMÓRIAS E NARRATIVAS: A HISTÓRIA DO CURSO TÉCNICO.....	88
EM ENFERMAGEM.	
<i>Célio César Antunes de Souza</i>	
<i>Fernanda Silva Santos</i>	
<i>Joyce Mara Gabriel Duarte</i>	
<i>Karla Fabiana Nunes da Silva</i>	
<i>Lilian Cristina da Cruz</i>	
<i>Luciana Ferreira dos Santos Vaz</i>	
<i>Neusa da Silva</i>	
<i>Vivian Jilou</i>	
CURSO TÉCNICO EM FARMÁCIA DO CEFORES: RECORDAR.....	101
E SABOREAR	
<i>Keila Adriana Magalhães Ferreira</i>	
<i>Márcia Laina da Luz Silveira</i>	
<i>Douglas Passos Ribeiro</i>	
CURSO TÉCNICO EM RADIOLOGIA: HISTÓRIA E QUESTÕES ATUAIS.....	127
<i>Neliane Cristina Moreira</i>	
<i>Edmur Teodoro Leite</i>	
<i>Fabiano de Araújo Rezende</i>	

PARTE III – MOMENTO ATUAL E PERSPECTIVAS

O CEFORES E A IDENTIDADE PROFISSIONAL.....	138
<i>Neusa da Silva</i>	
<i>Núbia Nogueira de Freitas Vogado</i>	
O CEFORES NA CONTEMPORANEIDADE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS.....	153
<i>Claudia Almeida Rodrigues Murta</i>	
<i>Teresinha das Graças Lima</i>	
SOBRE OS AUTORES.....	161
SERVIDORES LOTADOS NO CEFORES EM 2020.....	168
REGISTROS ICONOGRÁFICOS.....	170

PALAVRAS DO DIRETOR

Esta obra, que conta a trajetória do Centro de Educação Profissional – Cefores – em seus 30 anos de existência, foi idealizada por um grupo de servidores que sentiu a necessidade de retomar as origens da instituição e fazer seu registro em forma de livro, envolvendo toda a comunidade acadêmica: docentes, discentes e técnicos administrativos. Daí surgiu o Projeto de Extensão intitulado “Cefores: 30 anos de história”, que tem como finalidade retomar a trajetória dessa escola técnica desde sua criação até o momento atual.

Anteriormente denominado Centro de Formação Especial de 2º Grau em Saúde, o Cefores foi criado em junho de 1990 por meio da Portaria nº 73 da então Secretaria Nacional de Educação Tecnológica do Ministério da Educação - Senete/MEC, na época vinculado à Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro – FMTM, atual Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM. É uma escola de ensino profissionalizante, técnico e tecnológico, direcionada à formação de alunos que estão cursando ou que concluíram o Ensino Médio. Sendo assim, o Cefores faz parte do Conselho de Diretores das Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais – Condetuf.

Oferta atualmente sete cursos técnicos regulares: Análises Clínicas, Enfermagem, Farmácia, Informática, Radiologia, Saúde Bucal e Segurança do Trabalho. Além disso, oferta cursos na modalidade Formação Inicial e Continuada - FIC e curso preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio - Enem e outros processos seletivos para alunos de escolas públicas, por meio de projeto de extensão.

O livro conta a história da escola desde as primeiras conversas entre seus fundadores para sua criação, destacando os cursos pioneiros, com suas características específicas, até os mais atuais. Apresenta as dificuldades, desafios e conquistas ao longo dessa trajetória. Para constituir esta obra contamos com a participação dos fundadores, ex-diretores, atual diretor, docentes, técnicos administrativos e discentes na coleta das informações.

O livro tem como objetivo divulgar a história e a trajetória do Cefores para a comunidade, mostrando as contribuições e o que a escola pode oferecer para a formação profissional, técnica e tecnológica, por meio de seus docentes, técnicos administrativos e estrutura física. Além disso, destaca a atuação dos egressos dos cursos técnicos no mercado de trabalho na região e no Brasil. Assim, esperamos que o livro possa levar o nome do Cefores a toda a comunidade. Agradecemos a todos que contribuíram para sua elaboração.

Paulo Roberto da Silva

PREFÁCIO

Para quem participou da elaboração, planejamento e sedimentação do Cefores, há mais de 30 anos, ao ler o conteúdo dessa obra, consigo reviver momentos que foram decisórios na efetivação de nossos planos. Sinto-me honrada e agradecida pelo convite para redigir o prefácio desta obra. Vivenciávamos o final dos anos 1980, após algumas décadas em regime de exceção, ao qual o país foi submetido no decorrer de 21 anos. O Estado assumiu seu verdadeiro papel de Estado Democrático de Direito com inúmeras garantias sociais somente reconhecidas com a Constituição Cidadã de 1988.

Cabe-nos relembrar que o ensino profissionalizante passou por diversos momentos frágeis. Na década de 1960, a mão de obra passou a ser formada nas escolas técnicas federais e em seguida contratada pelas grandes empresas públicas ou privadas. Na década de 1980, o ensino profissionalizante tornou-se mais democratizado com a Rede de Ensino Técnico-Profissional, consolidada junto às mudanças nos rumos da educação brasileira.

O Cefores foi projetado em momento muito próximo da vigência da Constituição de 1988, quando ainda estava em vigor a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - Lei nº 5.692 de 1971, a qual determinava que a profissionalização era obrigatoriedade do ensino do 2º grau. Nosso foco era o de buscar atender à necessidade de mão de obra qualificada para os serviços de apoio à saúde, bem como abrir caminhos para jovens e profissionais que já atuavam no mercado de trabalho sem a devida educação profissional.

Na primeira parte desta obra, o leitor entrará em contato com a inserção do Cefores na história da educação. Em seguida, encontrará as origens e as trajetórias dos primeiros cursos, cujas fontes foram levantadas por meio de documentos e ricas narrativas. Finalmente, o leitor conhecerá o momento atual com foco na identidade profissional e nos desafios e perspectivas da instituição.

Refletindo um pouco mais, nos vem à mente que, se tivéssemos que passar por todos os percalços e barreiras novamente, ainda assim valeria a pena, pois caminhamos lado a lado de diversas mazelas da evolução histórica da educação brasileira, com frutos muito preciosos, que são nossos egressos.

Ana Palmira Soares dos Santos

APRESENTAÇÃO

Este livro foi elaborado em virtude do aniversário de 30 anos do Centro de Educação Profissional – Cefores, instituição educativa pertencente ao conjunto das 24 escolas técnicas vinculadas a universidades federais brasileiras, que integra, assim, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica.

Considerando que o aniversário de 30 anos é um marco institucional, um grupo de técnicos administrativos, docentes e discentes acreditou que seria pertinente a produção de um livro que narrasse a trajetória da escola. Surgiu, então, o projeto de extensão “Cefores: 30 anos de história”, que teve como principais objetivos levantar diversas fontes referentes à história da instituição; entrevistar ex-alunos e servidores que passaram pela escola; refletir sobre a importância da instituição para a comunidade interna e externa e, finalmente, reconstruir a história do Cefores por meio da escrita de um livro, que você tem em mãos neste momento.

A escrita deste livro foi norteadada pelos seguintes questionamentos: como se constituiu o processo histórico do Cefores e, conseqüentemente, dos seus primeiros cursos? Qual a memória que se tem da escola? Como as memórias dos sujeitos que fizeram parte dessa história contam sua construção? Como resultado, as fontes documentais e as narrativas trouxeram elementos que permitiram dimensionar a importância da instituição no cenário educacional local.

Uma instituição que completa 30 anos de existência tem, evidentemente, muita história para contar. Afinal, são diversas vozes – de discentes, docentes, diretores, técnicos e membros da comunidade – que se uniram para recordar e recompor o percurso institucional, desvelando acontecimentos que contribuíram não somente para a projeção e consolidação da escola na comunidade, mas que também foram significativos em suas trajetórias pessoais.

Comemorar três décadas de uma instituição – além de ser uma maneira de considerar a relevância daqueles que ajudaram a construir o que somos hoje – é uma forma de apreender o passado, compreender o presente e refletir sobre o que queremos ser e onde queremos estar no futuro. Afinal, são 30 anos de persistência, conquistas, questionamentos e desafios, tendo em vista o cum-

primento de uma missão que, conforme expresso no Projeto Pedagógico do Cefores, é a de “propiciar ao educando formação comum e formação profissional com aquisição de conhecimentos necessários ao desenvolvimento permanente, de aptidões para a vida produtiva e social [...]”.

O presente livro está dividido em três partes. A primeira parte, intitulada **Fontes e História** desdobra-se em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado **História da Educação: possibilidade de apreender o processo histórico de uma instituição educativa**, Edilene Alexandra Leal Soares discorre sobre a importância das fontes na escrita da história da educação - neste caso na história de uma instituição escolar - lembrando que tanto os arquivos quanto as memórias dos sujeitos são verdadeiros baús que permitem uma visita ao passado, tendo como intuito não apenas registrá-lo, mas também entendê-lo, trazendo assim um novo olhar para o presente.

No segundo capítulo que tem como título **Educação Profissional no Brasil: marcos históricos**, Guilherme Henrique Barbosa, Jacqueline Oliveira Lima e Núbia Nogueira de Freitas Vogado discorrem sobre a educação profissional no Brasil, traçando um percurso que vai desde as primeiras escolas de artífices até as escolas técnicas que hoje compõem a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, discutindo a articulação e a inter-relação existente entre a educação profissional e o mundo do trabalho.

O terceiro capítulo, denominado **Cefores, 30 anos de história**, foi escrito por Marilsa Aparecida Alberto e Renata Costa Gomes. Nele, as autoras traçam um panorama geral dos 30 anos do Cefores, focando em sua gênese, espaço físico, cursos, gestores, técnicos administrativos, corpo docente e discente, buscando desvelar os sentidos atribuídos à escola ao longo do tempo pela comunidade interna e externa.

A segunda parte do livro - **Gênese e Trajetória dos Cursos Técnicos do Cefores** conta a história dos primeiros cursos técnicos que ainda hoje são ofertados à comunidade, a saber: Análises Clínicas, Enfermagem, Farmácia e Radiologia. Criados na década de 1990 para atender às demandas do Hospital Escola da antiga Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, tais cursos continuam sendo procurados por pessoas não somente de Uberaba, mas de outras cidades circunvizinhas que buscam formação de qualidade na área da Saúde.

No capítulo intitulado **Curso Técnico em Análises Clínicas**, Elaine Cristina Bento Oliveira, Paulo Roberto da Silva e Rafael Faria de Oliveira retomam a trajetória desse curso no Cefores, desde a publicação da portaria de autorização até os dias atuais, permitindo que o leitor conheça a sua matriz curricular, corpo docente, laboratórios e dados estatísticos do alunado, ressaltando que a formação sólida oferecida vai ao encontro das expectativas do mercado de trabalho local e regional.

A seguir, o grupo de enfermeiros que atua no Curso Técnico em Enfermagem - Célio César Antunes de Souza, Fernanda Silva Santos, Joyce Mara Gabriel

Duarte, Karla Fabiana Nunes da Silva, Lilian Cristina da Cruz, Luciana Ferreira dos Santos Vaz, Neusa da Silva e Vivian Jilou - escreveu o capítulo intitulado **Memórias e narrativas: a história do Curso Técnico em Enfermagem**. Além de apresentarem a contextualização histórica do curso ao longo de seus 30 anos de funcionamento, os autores também trouxeram depoimentos de profissionais ligados ao curso nos quais eles narraram o significado da instituição em suas trajetórias profissionais e pessoais. Ressaltaram também a incessante busca da equipe em estruturar sua práxis de modo a possibilitar a construção do conhecimento, pelos discentes, de forma autônoma, interativa, singular e crítica, em uma perspectiva interdisciplinar.

No capítulo seguinte, intitulado **Curso Técnico em Farmácia do Cefores: recordar e saborear**, as professoras Keila Adriana Magalhães Ferreira e Márcia Laina da Luz Silveira, em parceria com o ex-aluno Douglas Passos Ribeiro, retomam o itinerário do curso, que inicialmente formava Auxiliares e posteriormente Técnicos em Farmácia. Além dos dados sobre o curso, encontrados em meio a várias fontes documentais, os autores também trouxeram registros iconográficos que permitiram acompanhar diversas atividades realizadas pelo curso junto à comunidade acadêmica.

Na sequência os professores Edmur Teodoro Leite, Fabiano de Araújo Rezende e Neliane Cristina Moreira, no capítulo denominado **Curso Técnico em Radiologia: história e questões atuais** retomaram aspectos da história da radiologia no mundo e no Brasil até chegarem à criação do curso em Uberaba, na década de 1990. A seguir, é possível conhecer a história do curso na instituição, com destaque para suas diversas matrizes curriculares e para o Congresso de Técnicos em Radiologia que, criado em 1995, está intrinsecamente relacionado à constituição do curso.

A terceira parte do livro, denominada **Momento atual e perspectivas**, contempla aspectos atuais da instituição. No capítulo **O Cefores e a identidade profissional**, Neusa da Silva e Núbia Nogueira de Freitas Vogado mostram que para conhecer a história de uma instituição é importante conhecer alguns aspectos dos sujeitos que dela fizeram ou fazem parte. Sendo assim, elas discorrem especificamente, neste capítulo, sobre a questão da identidade, tanto daqueles que compõem a força de trabalho do Cefores quanto do corpo discente. Para tanto, além de contextualizarem o que vem a ser identidade e identidade profissional, as autoras apresentam e analisam dados de pesquisas qualitativas feitas junto a esses dois segmentos.

Finalizando a obra, as professoras Claudia Almeida Rodrigues Murta e Teresinha das Graças Lima refletem sobre **O Cefores na contemporaneidade: desafios e perspectivas**. Após traçarem o panorama da formação técnica no Brasil e no mundo, as autoras apresentam os desafios encontrados pelo Cefores na contemporaneidade, bem como as perspectivas futuras, destacando o árduo trabalho que todos ainda têm pela frente. Ressaltam, também, a certeza de que a história da instituição está sendo escrita com muito amor e dedicação por

aqueles que dela fizeram ou fazem parte.

A presente obra teve o intuito de trazer à luz documentos históricos que compõem o acervo institucional, bem como dar voz a diversos sujeitos que fizeram ou fazem parte da trajetória do Cefores, com o intuito de desvelar aspectos da instituição que ainda não são do conhecimento de todos. Cabe lembrar que cada pessoa que passou pela instituição – seja docente, discente ou técnico administrativo – mesmo não sendo diretamente citada neste livro, certamente contribuiu para a escrita da história do Cefores. Cada capítulo apresentado pode ser visto como uma parte integrante de um mosaico que ainda não está completo. Mesmo assim, esperamos que este livro possa ser um instrumento para uma melhor compreensão desta escola técnica, elevando assim o nível de responsabilidade e coparticipação de todos os seus sujeitos na construção de uma escola cada vez melhor.

As organizadoras

NOTA DA SEGUNDA REVISÃO

Este livro foi idealizado no ano de 2019, alguns meses antes do Centro de Educação Profissional - Cefores completar 30 anos de existência. Na ocasião, planejou-se concluí-lo em tempo hábil para apresentá-lo à comunidade em junho do ano seguinte, durante as comemorações do aniversário da escola.

Entretanto, logo no início de 2020, o mundo foi surpreendido pelo surto da Covid 19, doença causada pelo novo coronavírus e classificada como pandemia pela Organização Mundial de Saúde. Tal classificação não estava necessariamente relacionada à gravidade da doença, mas sim à sua rápida disseminação geográfica.

A pandemia afetou o mundo e provocou mudanças em todos os setores da sociedade. No âmbito educacional, escolas e universidades foram fechadas, uma vez que o isolamento social foi uma das medidas tomadas para evitar a disseminação rápida da doença.

Por esse motivo, em março de 2020 a Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM suspendeu as aulas e as atividades acadêmicas e replanejou as atividades administrativas, que passaram a ser realizadas, em sua maioria, de forma remota. Posteriormente, no mês de junho, a UFTM instituiu o Período Suplementar Emergencial, no qual os componentes curriculares passaram a ser ofertados aos alunos de forma remota, por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação.

Obviamente, tudo isso provocou muitas alterações na vida dos alunos, docentes e técnicos administrativos: planos foram adiados, rotas foram alteradas, projetos foram refeitos, metodologias foram repensadas. Em meio a tantas mudanças, as comemorações dos 30 anos do Cefores, inclusive a finalização do presente livro, foram postergadas.

Nesse momento em que estamos concluindo a segunda revisão do livro, a pandemia de Covid 19 ainda assusta a cidade e o país: já ocorreram mais de 200 óbitos em Uberaba e mais de 160.000 no Brasil. Todos esperam por uma vacina que possa conter o vírus e possibilitar o retorno à *normalidade*.

Em um livro que conta a história do Cefores, não poderíamos deixar de redigir essa nota, registrando fatos presentes deste momento inusitado que se constitui em um enorme desafio para a escola. Assim, encerramos esta nota

inundadas por um sentimento de esperança... Esperança de que brevemente alunos, professores e técnicos possam estar todos reunidos no Centro Educacional da UFTM, retomando as atividades presenciais que, além de serem essenciais para a completa formação técnica do corpo discente, são extremamente importantes para nos aproximar e estreitar nossos laços.

Marilsa Aparecida Alberto
Núbia Nogueira de Freitas Vogado
Novembro de 2020.

HOMENAGEM AO CEFORES

Foi um grupo de servidores
que o Cefores idealizou,
e em 1990, nossa escola começou.

No tique-taque do tempo,
muita gente se formou.
Nessa grande trajetória,
é tão bela a sua história
que em livro se transformou.

Data festiva se aproximou.
É a existência dos 30 anos que chegou.
Em quantas festividades se pensou!
Mas veio a Covid19 e tudo alterou!
A taça de champanhe não brilhou...

Talvez uma renomada poetisa
faria versos mais eloquentes.
Mas não teria a vivência
que nos faz tão contentes.

Professora de Matemática,
com poucos recursos da gramática
mas com boa intenção pensou
em homenagear a todas e a todos do Cefores.
Portanto, aqui registrou
aquilo que, do seu coração, brotou.

Teresinha das Graças Lima

PARTE I

FONTES E HISTÓRIA



HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADE DE APREENDER O PROCESSO HISTÓRICO DE UMA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA

Edilene Alexandra Leal Soares¹

Introdução

Neste capítulo, serão discutidos alguns apontamentos sobre a Instituição Escolar enquanto objeto de pesquisa do campo da História da Educação. Desta forma, será feita uma breve contextualização teórico-metodológica para que o leitor compreenda como se dá o estudo das instituições educativas no âmbito da História da Educação e como correlacioná-las a partir das fontes elencadas.

Assim, serão mencionadas as fontes que proporcionaram o levantamento de inúmeras perguntas e despertaram o interesse pela escrita deste artigo. Reportando a Lopes e Galvão (2010, p. 11), é importante considerar que “o estudo da história proporciona uma experiência semelhante àquela que obtemos quando viajamos para um lugar que ainda não conhecemos”.

A instituição, objeto desta análise, foi implantada em 1990 com a denominação Centro de Formação Especial de 2º Grau em Saúde. Na ocasião, possuía seis cursos aprovados pelo Ministério da Educação e do Desporto: Auxiliar de Enfermagem, Auxiliar de Farmácia, Técnico em Enfermagem, Técnico em Nutrição e Dietética, Técnico em Patologia Clínica e Técnico em Radiologia Médica, Radiodiagnóstico e Radioterapia. Ressalta-se que os cursos de Nutrição e Dietética e de Patologia Clínica não foram ofertados em 1990 devido à falta de espaço físico (CEFORES, 1993).

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Assistente em Administração no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: edilene.soares@uftm.edu.br.

No momento atual, a instituição recebe o nome de Centro de Educação Profissional – Cefores – ofertando sete cursos técnicos: Análises Clínicas, Enfermagem, Farmácia, Informática, Radiologia, Saúde Bucal e Segurança do Trabalho.

História da Educação: novos objetos para a Historiografia

O campo da História da Educação apresenta-se como um vasto leque de possibilidades que permite o entendimento de como a ação educacional foi disseminada ao longo do tempo. A partir do percurso histórico de um determinado espaço e tempo vislumbra-se um passado que deixou vestígios para a reconstrução de novas abordagens e outros olhares sobre o que foi e o que ainda permanece em uma dada sociedade.

Os objetos de estudo da História da Educação proporcionam descobertas que não podem ser compreendidas como mera naturalidade ou fatalismo. A essência central do estudo de qualquer ciência perpassa pela fundamentação teórico-metodológica e, sem qualquer dúvida, pelo crivo da cientificidade. Neste sentido, Prost (2008, p. 54) apresenta os seguintes questionamentos:

A importância atribuída ao trabalho de construção dos fatos explica-se por uma preocupação central: como fornecer um status de ciência ao texto do historiador? Como garantir que, em vez de uma sequência de opiniões subjetivas, cuja aceitação ou rejeição ficaria ao critério de cada um, a história é a expressão de uma verdade objetiva e que se impõe a todos?

Desta maneira, concebe-se que os fatos não são por si só explicados de maneira mecânica, mas envolvem uma análise crítica e circunscrita. Nessa análise, não só as possíveis fontes são elementos essenciais para a pesquisa histórica, mas também a cientificidade, que se faz imprescindível.

A História da Educação aborda diversos objetos como, por exemplo, as instituições escolares, as crianças, as mentalidades, as disciplinas escolares, os manuais e tantos outros. Essa gama de temáticas originou-se com os estudos realizados pela *Écoles des Annales*, a partir de 1929, quando os principais expoentes dessa corrente como Marc Bloch, Lucien Febvre, Fernand Braudel, Jacques Le Goff, Pierre Nora, Georges Duby e Jacques Revel perceberam a necessidade de explorar outras fontes para ampliar as possibilidades de pesquisas.

Assim, as temáticas que até então eram recorrentes na História foram alocadas para outro momento do passado, como as questões políticas e a história dos fatos por si só. Portanto, não se deve desconsiderar os estudos realizados até então, mas faz-se necessário entendê-los como pertencentes a um dado espaço de tempo.

Já nos anos 1980, uma avalanche de outros temas e objetos repercutiram no campo da História da Educação. Por sua vez, foram realizadas outras abor-

dagens nas inúmeras pesquisas, contribuindo substancialmente para a apreensão do conhecimento no âmbito educacional. Conforme salientam Buffa e Nosella (2009, p.60 - 61):

As novas abordagens, decorrentes da escola dos Annales, da chamada nova história francesa, provocaram uma transformação nos objetos, na maneira de trabalhar do historiador e nas concepções de história. Essas novas abordagens são fascinantes: histórias da vida privada, das pessoas simples, de seu cotidiano, da vida doméstica, religiosa, sexual, todos objetos negligenciados no passado e que suplantaram tanto enfadonhos estudos sobre reis e imperadores e seus feitos político-guerreiros, como complicados tratados sobre história econômica, por exemplo.

Após essa revolução historiográfica², a História da Educação versará sobre objetos que anteriormente não eram considerados significativos para a investigação.

A instituição escolar como vestígio do ontem no presente

A História das Instituições Escolares contribui sobremaneira nas investigações que buscam vestígios para apreender o passado e entender as possíveis continuidades e rompimentos existentes no momento presente. Conforme enfatizam Buffa e Nosella (2009), o percurso histórico de uma dada instituição pode ser retomado por meio de suas memórias, histórias de vida, manuscritos de alunos e professores, atas, jornais, fotografias, plantas arquitetônicas e outras inúmeras fontes.

Magalhães (2004) explica a institucionalização da educação escolar como um processo complexo constituído por diversas fases, no qual ela influencia e é influenciada pelo tempo e espaço em que foi idealizada e consolidada, ou seja, esse processo não a considera de forma isolada.

O autor ainda salienta que a institucionalização da educação escolar permite compreender o contexto histórico da criação da instituição, bem como o seu desenvolvimento, tornando possível entendê-la como elemento da realidade social e educacional.

Sendo assim, entende a instituição como resultado de uma múltipla interação entre os meios interno e externo, ou seja, o primeiro refere-se ao âmbito

2 No Brasil, esse movimento se dá a partir de meados dos anos de 1980, observando-se não só mudanças qualitativas, mas também quantitativas, em que diversos espaços surgem para a discussão e a produção no campo da História da Educação. Assim, podemos citar alguns eventos, periódicos e associações científicas que se tornaram especializados nesse campo investigatório. Em complementação, recomenda-se a leitura de “Território Plural: a pesquisa em História da Educação”, de Eliane Marta Teixeira Lopes e Ana Maria de Oliveira Galvão (2010).

institucional e, o segundo, às legislações, ao Estado, entre outros. Magalhães (2004, p. 62) ainda explica que:

As instituições educativas, de forma particular e na sua dimensão sistêmica, são realidades dentro de uma outra realidade. São instâncias que, sendo diferentes na sua natureza, finalidades e dimensões organizacionais, se identificam num mesmo processo de institucionalização. Os conceitos de instituição e de educação-instituição são aqui utilizados para traduzir um sentido instituinte, logo, marcado por dinâmicas de fundamentação, normatização, ainda que em quadros progressivos de mudança e de evolução. À noção de instituição corresponde uma memória, um historicismo, um processo histórico, uma tradição, em permanente atualização – totalidades em organização. Na relação pedagógica, a ideia de instituição consagra o dado, o instituído, mas evolui e transforma-se pelo processo educativo.

Desta maneira, Magalhães (2004) aponta como os conceitos de instituição e de educação-instituição são importantes para entender os nexos norteadores da composição institucional. Para o descortinar da tessitura histórica, busca-se *sinais* (GINZBURG, 1989) que possibilitam investigar vestígios em uma dada instituição educativa e, a partir daí, depreender seu percurso ao longo do tempo.

Nesta perspectiva, verifica-se que os arquivos das instituições escolares são verdadeiros baús nos quais é possível encontrar valiosos sinais da trajetória histórica, possibilitando a compreensão dos fatos, não só pelos pesquisadores, mas também por todos os sujeitos envolvidos no processo educacional.

Esta trajetória pode ser pensada a partir da análise e interpretação, com base em aspectos teóricos e metodológicos. Os documentos, por sua vez, são fontes que podem se tornar *corpus* documental necessário para rastrear os vestígios deixados pelo tempo histórico.

As fontes como *corpus* documental na história da instituição escolar

Bacellar (2010) explica que as fontes podem ser encontradas em diversos tipos de arquivos, como os dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, os cartoriais, os eclesiásticos, os privados, dentre outros. Cartas, fotografias e documentos particulares podem ser encontrados nos arquivos privados.

Na instituição escolar também é possível encontrar documentos que contribuem para a retomada desse percurso histórico. Tais documentos permitem elencar pessoas do passado e do presente, entre elas, discentes e egressos, professores e servidores, tanto ativos, como inativos, para possí-

veis entrevistas que, por meio de seus relatos, trazem à tona memórias sobre aquilo que fez parte da história da instituição escolar. Os depoimentos obtidos por meio dessas entrevistas contribuem para que a memória nunca se apague, mas permaneça acesa na relação do homem enquanto ser detentor de conhecimento.

De posse dessas fontes, é possível ao pesquisador inter cruzar os dados e, desta forma, aplicar metodologias para o enriquecimento do estudo acerca da instituição educativa. Ao se referir a ela em sua totalidade, nos âmbitos da organização e do desenvolvimento, Magalhães (2004, p. 34) afirma que sua construção, enquanto objeto do conhecimento:

[...] carece de um marco teórico interdisciplinar e de uma hermenêutica cruzada entre memórias, arquivos e museus, no âmbito de uma projeção e de uma regressão investigativas – um percurso metodológico indutivo/dedutivo. Como ciência social e humana, a história da educação erige por esta via um objeto do conhecimento, amplo, complexo, interdisciplinar, aprofundando um quadro de reflexão e de ação, focalizado na projeção e na reversibilidade entre teorias e práticas.

Dessa maneira, a instituição escolar torna-se objeto de pesquisa, possibilitando a compreensão da sua gênese e da sua consolidação em dada sociedade. Além disso, também contribui, como objeto da História da Educação, para o entendimento do processo educacional brasileiro.

Santos (2007, p. 92) elucida de forma riquíssima a importância de resgatar a História da Educação ao nível do compromisso interventivo, afirmando que:

[...]há que investir na desocultação dos itinerários históricos das escolas, reapreciar reservatórios informativos como a imprensa local e a documentação oficial, registrar a memória popular, recolher material configurador do património escolar e, entre outras iniciativas, promover debates que identifiquem problemas relacionados com a educação quer para todos e para cada um, quer para a formação permanente como processo ao longo da vida. Se importa promover a visibilidade das fundas raízes do projecto educativo, atravessando vários extractos – o político, o social, [...], igualmente importa promover o enraizamento do projecto educativo de cada ser humano, criando o sentimento de pertença à comunidade e à humanidade.

Depreende-se que a História da Educação é um importante campo de investigação que contribui, não só para a história institucional, mas também para os sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem. É, sem dúvida, uma visita ao passado, não apenas para registrá-lo, mas também para entendê-lo, verificando as continuidades, descontinuidades e outras perspectivas.

A procura dos vestígios históricos do Cefores

Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas surge em seguida uma outra em que se ensina o que não se sabe: a isso se chama “procurar”. Ora a procura será sempre o horizonte possível da História da Educação, enquanto o ser humano tiver por horizonte a interrogação e a investigação (BARTHES, 1997, p.71 citado por SANTOS, 2007, p. 93-4).

A História da Educação possibilita conhecer o que há além da instituição enquanto materialidade e também relacioná-la com a presença do homem enquanto sujeito histórico que produz e escreve sua história na sociedade.

Motivados pela *procura*, horizonte possível da História da Educação, conforme disposto na epígrafe, e pela inquietude e desejo de encontrar vestígios que possibilitassem retomar a trajetória de 30 anos do Cefores, iniciamos esta pesquisa inserida no âmbito da História da Educação.

Em 1990, a escola era denominada Centro de Formação Especial de 2º Grau em Saúde, tendo sido autorizada para funcionamento pelo disposto na Portaria nº 73, de 29 de junho de 1990, da Secretaria Nacional de Educação Tecnológica – Senete (FMTM, 1990, p.12).

Durante essas três décadas, muitas mudanças ocorreram tanto no Cefores, quanto nos contextos nacional e mundial, sobretudo no campo educacional. Só é possível compreender o momento atual quando retornamos ao passado em busca das origens da instituição.

Partindo-se dessa proposta, as seções seguintes apresentarão vestígios que permitiram melhor compreender as origens do Cefores, por meio da interação dos seus diversos sujeitos, bem como sua notória capacidade em criar e efetivar seus processos históricos. Trata-se de um contributo para a História da Educação local e nacional.

Interrogando, procurando e investigando

O primeiro impulso que instigou esta pesquisa foi, sem dúvida, a interrogação sobre o motivo dessa instituição, prestes a completar 30 anos, ainda não possuir registros, em forma de livro, sobre sua trajetória. Os sujeitos que fizeram parte do ontem foram motivados por desejos e necessidades de gerações da sociedade em que estavam. E, sem dúvida, os que fazem parte do hoje, encontram motivação para realizar esta pesquisa acreditando que muito se tem a descobrir ao valorizar essas pessoas. Por isso entende-se que nenhum conhecimento se perde ao longo do caminho.

O outro impulso, por sua vez, foi entender a ação desses homens, enquanto sujeitos da história, de duas maneiras. A primeira, na produção de documentos disponíveis nos arquivos da instituição; e a segunda, na sua própria memória, enquanto antigo docente, aluno ou servidor.

Esses sujeitos, mobilizados por suas possibilidades, contribuíram para a sociedade e desbravaram caminhos que, após tantos anos, permitiram a continuidade da instituição na formação de profissionais e, principalmente, cidadãos cientes de seus deveres e responsabilidades sociais.

Na busca pelas fontes, inicialmente foram encontrados convites de formaturas oriundos do ano de 1991. A fotografia impressa naquele papel amarelado pelo tempo fez surgir inúmeras indagações, em especial para aqueles que admiram a arte do fazer e ser história. O convite de formatura, que talvez não tivesse tanto significado para outras pessoas, causou, nos amantes pela história da educação, uma explosão de perguntas.

Quem são esses formandos? O que os motivaram a realizar um curso técnico? Como era o contexto da gênese da instituição educativa? Quem eram os docentes? Qual o motivo da criação de uma escola técnica vinculada a então Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro - FMTM? Como eram as aulas e métodos de aprendizagem naquele momento? Quais disciplinas eram ministradas?

Quais as denominações das disciplinas que inicialmente foram ofertadas nos primeiros cursos da área de Saúde? Como era a estrutura física e pedagógica daquele tempo? Quais os impasses e realizações para as pessoas que estiveram à frente desse ideal de educação? Como era o processo seletivo de professores e alunos? Haveria documentação, além daqueles convites de formaturas, que pudessem apresentar vestígios da história do Cefores?

O que os alunos, professores e diretores que fizeram parte desse processo histórico trazem em suas memórias? Como foi o itinerário dos nomes dos cursos dessa instituição? Qual foi a justificativa para a implantação desses cursos? Por que uma instituição de ensino superior possuía interesse em ofertar cursos técnicos? Enfim, quem são os sujeitos, suas histórias de vida, seus sonhos, embates e superações presentes naquele contexto educacional?

Sabemos que o cotidiano de uma instituição traz não só a estrutura didático-pedagógica, mas todo um arcabouço objetivo e subjetivo dos que estiveram em algum momento por aquele lugar. A instituição só existe a partir da ação histórica do homem, que se motiva por ideias e ideais na ânsia de viver intensamente o dom da vida.

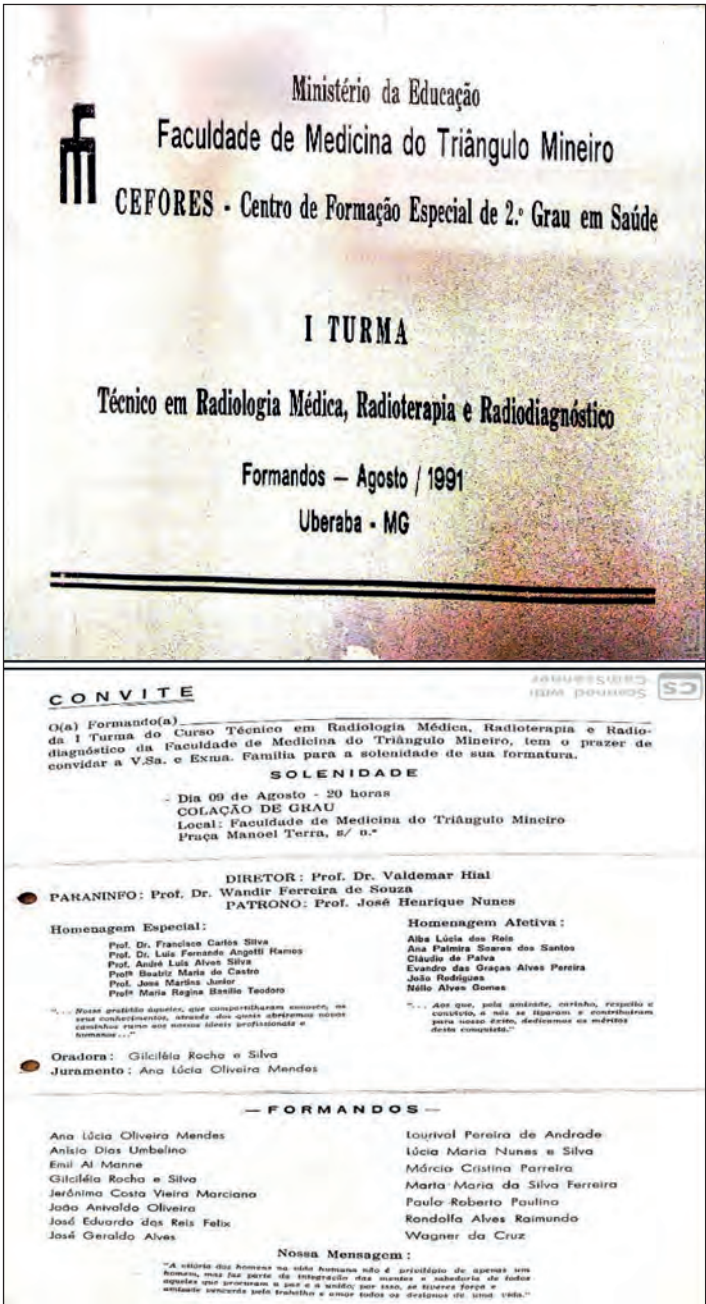
Explorando as fontes

Conforme mencionado, o que nos motivou às perguntas idealizadas sobre a história do Cefores foram os convites de formatura das primeiras turmas, provocando interesse em buscar os vestígios do passado da instituição. Desta maneira, torna-se imprescindível valorizar a história como construto da ação humana.

Para ilustrar os diversos convites de formatura encontrados, escolhemos o da I Turma do Curso Técnico em Radiologia Médica, Radioterapia e Radio-

diagnóstico, do ano de 1991, conforme apresentado na Figura 1 que mostra, respectivamente, sua capa e contracapa.

Figura 1 – Convite de Certificação da I Turma do Curso Técnico em Enfermagem do Cefores/UFTM



Fonte: Acervo do Cefores

Ao analisar os convites de formatura das primeiras turmas, foram encontrados nomes de diversos docentes que colaboraram de maneira ímpar para que a oferta dos primeiros cursos fosse possível. Dentre os professores identificados sabemos, inclusive, que alguns não se encontram mais entre nós. Entretanto, mais do que um nome impresso em um convite, já amarelado pelo tempo, essas pessoas deixaram seus legados, uma vez que participaram do processo de formação de inúmeros alunos que hoje atuam profissionalmente na cidade e região.

Adriana Maria Aleixo, Alba Lúcia dos Reis, Amélia Amália de Jesus, Ana Cristina Abdu Peixoto, Ana Lúcia Oliveira Mendes, Ana Palmira Soares dos Santos, Ana Paula Sarreta, André Luís Alves Silva, Anísio Dias Umbelino, Beatriz Maria de Castro, Carlos Orestes Rosa, Célio César Antunes de Souza, Cláudio de Paiva, Cláudio Galeno Caldeira, Delvane José de Sousa, Dirce Isabel Amaral Pires, Donatil Alves Martins Ribeiro, Êlade Ferreira, Emil Al Manne, Eva Cláudia Venâncio, Evandro das Graças Alves Pereira, Fabrizio Antonio Gomide Cardoso, Francisco Carlos Silva, Gilciléia Rocha e Silva, Haerton Alves Soares, Humberto da Silva Parreira, Jacqueline Pontes Monteiro, Jair Gonçalves Borges, Jerônima Costa Vieira Marciano, João Alberto Goulart, João Anivaldo Oliveira, João Rodrigues, José Alberto Goulart, José Eduardo dos Reis Felix, José Geraldo Alves, José Martins Júnior, Livia das Graças Vieto L. Teodoro, Lourival Pereira de Andrade, Lúcia Maria Nunes e Silva, Luciana Ferreira dos Santos, Luis Fernando Angotti Ramos, Luiz Cipriano de Sousa Neto, Márcia Cristina Parreira, Maria Abadia Lopes, Maria Aparecida Xavier, Maria Laura Pinto Rodrigues, Maria Marta Miranda Miziara, Maria Regina Basílio Teodoro dos Santos, Maria Vanda Costa, Marilda Montandon, Marta Maria da Silva Ferreira, Maurício Ferreira, Nélcio Alves Gomes, Nilva Setsuko Takashashi, Paulo Roberto Paulino, Rondolfa Alves Raimundo, Rosana Rosa Miranda Correa, Roseli Aparecida da Silva, Roseli Aparecida Gomes, Sheila Soares, Wagner da Cruz e Wandir Ferreira de Sousa são alguns desses professores que, junto a tantos outros, contribuíram de forma valorosa para a realização e concretização dos cursos.

Nesse contexto, é importante salientar os nomes daqueles que, atuando ou não na docência, estavam à frente das ações administrativas, contribuindo para a implantação do Cefores em Uberaba. Assim, é importante citar os nomes dos fundadores da instituição, como o professor Valdemar Hial (*in memoriam*), à época Diretor da FMTM, e os professores José Henrique Nunes e Ana Palmira Soares dos Santos, primeiros diretores. Também cabe lembrar dos docentes e graduandos do Curso de Medicina, bem como os médicos residentes do então Hospital Escola. Mesmo não sendo citados nominalmente, eles participaram da consolidação da escola colaborando nas aulas teóricas e práticas.

O interesse em buscar pelos vestígios do passado nos fez entender que nenhuma instituição está isolada do contexto em que se encontra inserida.

Assim, ao apreender a ambiência dos primeiros cursos oferecidos pelo Cefores na cidade de Uberaba, foi possível identificar alguns fatores que levaram à criação da instituição.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, por ocasião da criação do Cefores, Uberaba possuía uma população de 208.585 habitantes. Em relação à escolaridade, dentre aqueles com 25 anos ou mais, 52,04% eram alfabetizados e possuíam o ensino fundamental incompleto; 11,79% possuíam o ensino fundamental completo e o ensino médio incompleto; 15,19% possuíam o ensino médio completo e o ensino superior incompleto; 8,8% possuíam o ensino superior completo e, por fim 12,16% eram analfabetos e possuíam o ensino fundamental incompleto (IBGE, 1991).

Considerando-se que naquela época o Cefores oferecia cursos de nível auxiliar, voltados para quem tinha o ensino fundamental completo, e cursos de nível técnico, voltados para quem tinha o ensino médio completo, pode-se inferir que um dos fatores que levou à criação da instituição foi a existência de demanda para os cursos ofertados, uma vez que a maior parte da população apresentava nível de escolaridade condizente com o ensino profissionalizante.

Além de atender às necessidades da população, as fontes também apontaram que os cursos atenderiam às necessidades do mercado de trabalho, conforme observado no Ofício nº 461/94/GAB/FMTM, de 27 de setembro de 1994, no qual consta a justificativa para proposta de criação de um dos cursos, no caso, o Técnico em Farmácia:

O Centro de Formação Especial de 2º Grau em Saúde, da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro – Autarquia Federal, sediada em Uberaba – MG, vem, pelo presente documento, apresentar ao Egrégio Conselho Federal de Educação, proposta de currículo mínimo para a formação do Técnico em Farmácia. Apoiado na vasta Jurisprudência a respeito da formação técnica de 2º Grau, argumenta este Centro que **trata-se de atividade profissional reclamada pelo mercado de trabalho e, dada a crescente expansão da oferta de ocupação no país, está a cobrar a habilitação competente, despertando pela mesma grande interesse dos jovens estudantes**. Conforme cita o parecer 1.314/78 da CE de 1º e 2º grau, há dois caminhos que conduzem à profissionalização dos alunos: o indicado pelos mínimos curriculares da parte de formação especial que, uma vez baixados pelo Conselho Federal de Educação, dão validade nacional à habilitação respectiva, e o traçado pelo próprio sistema de ensino, através de currículos instituídos regionalmente para a oferta de profissionais ao mercado de trabalho local (CEFORES, 1994, s/ nº página, grifo nosso).

Por meio dessa transcrição é possível compreender os motivos que impulsionam a criação de um determinado curso num certo tempo e espaço histórico.

O texto também permite constatar que os dispositivos legais para a educação estão circunscritos num conjunto de saberes inerentes àquilo que, naquele contexto, foi elencado para atender ao sistema de ensino que estava em vigência.

Outro fator determinante para a criação do Cefores e seus diversos cursos na área da Saúde foi a necessidade de formação do quadro de pessoal do então Hospital Escola da FMTM – atual Hospital de Clínicas da UFTM – conforme relatos orais de servidores que fizeram parte dos anos iniciais do Cefores. Tais relatos também se constituem em importantes fontes que permitem apreender os sentidos atribuídos à instituição no momento de sua criação.

Identificados alguns dos fatores que levaram à criação da escola, continuamos em busca de outros sinais que permitissem compor a tessitura histórica dessa instituição e ajudassem a compreender o seu contexto de criação.

Assim, foi possível encontrar também documentos que remetiam aos currículos dos cursos, como o Ofício nº 461/94/GAB/FMTM, de 27 de setembro de 1994, por exemplo, já citado anteriormente. Ao fazer referência ao projeto de criação do currículo mínimo do Curso Técnico em Farmácia, o documento destacou as modificações legais referentes às disciplinas de Educação Moral e Cívica e de Organização Social e Política Brasileira na parte de Educação Geral (FMTM, 1994). Esses dados mostram que as alterações no currículo não acontecem de maneira aleatória, mas atendendo às circunstâncias sociais, econômicas, políticas e culturais de uma dada sociedade.

Os dados apresentados nessa seção em relação às fontes exploradas no decurso desta pesquisa apontam para a importância de inter-relacioná-las de forma criteriosa, crítica e analítica. Sendo assim, espera-se que as fontes aqui elencadas e analisadas tenham contribuído para a apreensão do processo histórico da instituição educativa em tela.

Considerações finais

A vitória dos homens na vida humana não é privilégio de apenas um homem, mas faz parte da integração das mentes e sabedoria de todos aqueles que procuram a paz e a união; por isso, se tiveres força e amizade vencerás pelo trabalho e amor todos os desígnios de uma vida (CEFORES, 1991).

A pesquisa sobre a instituição educativa Cefores foi, sem dúvida, impulsionada pelo desejo de buscar os vestígios do passado, no momento presente. Para tanto, os *sinais* que possibilitaram a união do passado com o presente foram os preciosos documentos encontrados no momento em que o estabelecimento estava de mudança do *Campus I* para o Centro Educacional, ou simplesmente CE. Não por mera coincidência, a autora deste capítulo também iniciava uma nova fase em sua vida, com mudança tanto no aspecto profissional quanto acadêmico.

A pesquisa demonstrou que os sujeitos que participaram da idealização, implantação e concretização do Cefores, lá nos idos de 1990 e ao longo desses 30 anos de existência, ainda que tenham se defrontado com obstáculos, acreditaram que, por meio das possibilidades existentes, realizariam algo que mudaria o contexto, transformando-o para melhor.

Portanto, deixaram marcas que perpetuaram no processo histórico da instituição e da História da Educação. Desta maneira, o projeto se concretizou e hoje, a partir dos vestígios do passado, é facultado ao leitor conhecer um pouco do quanto a história, com suas nuances, transporta memórias que dão sentido ao sujeito enquanto protagonista da história.

O deslumbrar por novos horizontes faz o ser humano alcançar novos voos e, sobretudo, ter a certeza de que, enquanto existir o desejo pela busca de algo, é possível alcançar o que ainda se tornará real. Sendo assim, concordando com os dizeres da mensagem inscrita em um dos convites de formatura, apresentado na epígrafe dessas considerações, entendemos que será pela educação que ainda teremos força e persistência para fazer diferença em nossa sociedade.

Referências

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, C. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.

CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense. Universitária, 1988.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Atlas de desenvolvimento humano do Brasil de 2010**. Uberaba: IBGE. Apresenta as Estimativas da População do Brasil e do Mundo em tempo real. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/disseminacao/online/popclock/popclock.php>>. Acesso em: 12 de nov. 2019.

LOPES, Eliane Marta Santos Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Território Plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo. Ática, 2010.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Instituições escolares: porque e como pesquisar**. Campinas: Editora Alinea, 2009.

PROST. Antoine. **Doze lições sobre a História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SANTOS, Maria Teresa. *Percurso e Situação do Ensino de História da Educação em Portugal*. In: GATTI JÚNIOR, D.; PINTASSILGO, J. (Orgs.) **Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação**. Uberlândia: EDUFU, 2007.

Material histórico

Cefores. **Processo de reconhecimento dos cursos técnicos do Cefores** – FMTM, 1990.

_____. **Convite I Turma do Curso Técnico em Radiologia Médica, Radioterapia e Radiodiagnóstico da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro**. Formandos. Uberaba. agosto/1991.

_____. **Documento encaminhado ao Ministro de Estado da Educação e do Desporto** – Murilo Avelar Hingel. fev. de 1993.

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL: MARCOS HISTÓRICOS

Guilherme Henrique Barbosa¹
Jacqueline Oliveira Lima²
Núbia Nogueira de Freitas Vogado³

Introdução

Este capítulo tem como objetivo contextualizar a Educação Profissional no Brasil para compreender sua articulação com o trabalho, de maneira mais ampla, ao longo da constituição do Estado, registrando os movimentos empreendidos na consolidação da modalidade de educação a qual o Centro de Educação Profissional – Cefores se insere de maneira mais ativa e produtiva.

No Brasil, o processo de industrialização foi tardio. Entretanto, a constituição das cidades em volta de fábricas, especialmente na região Sudeste, o escoamento de produtos para o exterior, a demanda por produtos e serviços cada vez mais especializados, ocasionaram a necessidade de formar a classe trabalhadora para os postos disponíveis.

Foram diversos projetos e programas implementados especialmente a partir do período desenvolvimentista, no qual os países desenvolvidos consolidaram o modo de produção capitalista revolucionando a forma de dispor mercadorias no comércio mundial.

No decorrer deste capítulo abordaremos alguns marcos históricos da Educação Profissional no Brasil, iniciando pelas Escolas de Artífices e Ofícios, passando pelas Escolas Industriais e Técnicas, quando então foram criados os Cen-

1 Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro. Assistente em Administração no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: guilherme.barbosa@uftm.edu.br.

2 Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Pedagoga no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: jacqueline.lima@uftm.edu.br

3 Mestre em Educação Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro. Assistente em Administração no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: nubia.vogado@uftm.edu.br

tros Federais de Educação Tecnológica – Cefet’s, até chegar na Expansão da Rede Federal, com destaque para o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – Pronatec, que inclusive foi amplamente ofertado pelo Cefores.

Da Escola de Artífices e Ofícios às Escolas Industriais e Técnicas

Os primeiros aprendizes de ofícios no Brasil colonizado foram os índios e os escravos para a construção de capelas e confecção de ferramentas. Com a descoberta e exploração do ouro em Minas Gerais, foram criadas as Casas de Fundação, nas quais primeiramente os filhos dos seus donos trabalhavam e, posteriormente outros homens foram treinados para trabalhar nas profissões mecânicas com aumento do volume da demanda e o êxodo rural para essas localidades.

O modelo de aprendizagem adotado por volta do ano de 1800 empregando ofícios manufatureiros era destinado ao amparo da camada menos privilegiada da sociedade brasileira: crianças e jovens que, além da instrução primária, aprendiam ofícios de tipografia, encadernação, alfaiataria, tornearia, carpintaria, sapataria, entre outros. Os alunos tinham entre 12 e 15 anos de idade e, ao serem aceitos, passavam a morar na oficina ou na residência do mestre, sendo submetidos à vigilância, à disciplina e até mesmo a castigos físicos (GAMA, 1986).

Em 1808, Dom João VI criou o Colégio das Fábricas, primeiro estabelecimento instalado pelo poder público para atender à educação dos artistas e aprendizes vindos de Portugal. Em 1881, Rui Barbosa, então Deputado da Corte, apresentou um projeto à Câmara que pretendia reformar os ensinoss secundário e superior. O projeto uniu o nível secundário ao ensino industrial de forma compulsória. No entanto, com exceção dos cursos de relojoaria e instrumentos de precisão, o projeto não previu a parte prática. Esses cursos eram ministrados pelo então Liceu Imperial Dom Pedro II, atual Colégio Pedro II.

Com a implantação da República em 1890, a educação tornou-se elemento estratégico para a legitimação do novo regime político. Os movimentos de ideias renovadoras estimularam a abertura de novas escolas e aperfeiçoamento das existentes, que foram tomadas por um otimismo pedagógico. Assim, o ensino secundário, primário e a Escola Normal foram organizados no sentido de “prover com a máxima brevidade e, eficazmente, o ensino profissional, tão descuidado entre nós” (KUENZER, 2009 apud INEP, 1987, p. 19), assim descrito na mensagem Presidencial ao Congresso Nacional em 1892.

A 17 de dezembro de 1906, o Senado recebeu um documento proveniente de um Congresso de Instrução, que se realizou à época, sugerindo várias atitudes governamentais em benefício do ensino industrial.

O propósito de oferecer ao povo, que se aglutinava nas cidades, uma profissão, uma ocupação ou um ofício por meio do ensino profissional significava, especificamente, a geração de maiores incentivos ao traba-

lho e mão-de-obra às indústrias que começavam a surgir no país, devido às mudanças que vinham ocorrendo na sua economia agrário-exportadora. (KUNZE, 2009, p. 11)

Em 1907 o Brasil já contava com mais de 3.000 indústrias, sobretudo nas regiões Sul e Sudeste. No mesmo período, o engenheiro José Joaquim da Silva Freire criou, na Estrada de Ferro Central do Brasil, a Escola Prática de Aprendiz das Oficinas do Engenho de Dentro. O Presidente da República, por sua vez, sancionou um decreto que agregou às atribuições do Ministério da Infraestrutura (Agricultura, Comércio e Indústria) a responsabilidade da instrução profissional. Por ocasião da Proclamação da República, existiam 636 estabelecimentos industriais e até 1909 implantaram-se mais 3.362.

Ainda nesse ano, o então Presidente da República Nilo Peçanha assinou o Decreto 7.566 que criou as Escolas de Aprendiz e Artífices, com o intuito de proporcionar às classes proletárias os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes. Com este ato, foram criadas dezenove escolas, uma escola para cada Estado da Federação, com exceção do Distrito Federal e do Rio Grande do Sul. Segundo Vogado (2019), esse documento é considerado o marco inicial da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, doravante apenas Rede Federal.

A Escola Normal de Artes e Ofícios Venceslau Brás, fundada em 1917, passou à esfera do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio em 1919. Com a Primeira Guerra Mundial, e diante da impossibilidade de importar bens industriais, foram criadas 5.936 empresas de caráter industrial entre 1915 e 1919, contribuindo para o desenvolvimento do ensino industrial no Brasil.

Em 1920, o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio nomeou uma comissão de técnicos especializados para estudar o funcionamento das escolas e propor mudanças no ensino profissional: o Serviço de Remodelação do Ensino Profissional Técnico, ou simplesmente, Comissão Lüderitz, que propôs “mudanças na estrutura das escolas e nos currículos, introduziu o conceito de ‘industrialização das escolas’; traduziu e produziu livros-texto sobre literatura técnica, que até então não existiam em língua portuguesa no Brasil” (RODRIGUES, 2002, p. 59).

O autor também salienta que estas propostas foram reunidas no Projeto de Regulamentação do Ensino Profissional Técnico e apresentado ao governo central em 1923. Embora nunca tenha sido aprovado, algumas de suas ideias foram colocadas em prática na educação.

Além da elaboração de compêndios sobre tecnologia de ofícios, a atividade deste grupo promoveu a melhoria de prédios e de instalações físicas destinadas ao ensino. O currículo foi organizado em seis anos, sendo os três primeiros para a alfabetização e o ensino de trabalhos manuais, e os três últimos para a especialização no ofício em madeira, metal e artes decorativas (MACHADO, 1989).

O Deputado Federal Fidélis Reis propôs, em 1922, um projeto de lei que tornaria obrigatório o ensino profissional em todo o país. Em 1927 o Projeto foi sancionado, contudo, sem a profissionalização compulsória. Essa lei jamais foi executada, possivelmente pela falta de recursos, uma vez que eram previstas a implantação de cursos profissionais e a fundação de escolas industriais em todo o território nacional.

A partir da criação dos Ministérios da Educação e Saúde Pública e do Trabalho, Indústria e Comércio, em 1930, foram editados os primeiros decretos federais regulamentando o ensino secundário (nº 19.890/1931 e nº 21.241/1932) e o ensino comercial e a profissão do contador (nº 20.158/1931). A organização do ensino nesse período, segundo Kuenzer (1997), compunha-se de um ensino primário de quatro anos, sucedido por um ginásio de seis, o normal de dois, o básico agrícola também de dois e o técnico comercial de três anos.

Os concluintes destes cursos – normal, técnico comercial, básico agrícola e complementar – não podiam continuar os estudos em nível superior, acessível apenas aos egressos da 5ª série do ensino ginásio. À época, não existia um nível de ensino entre o ginásio e o superior, como o atual Ensino Médio.

Importante destacar que havia um ideário entre a classe política e os homens de negócios para compor uma classe trabalhadora eminentemente brasileira. Esse ideário foi decorrente do fato de que, até aquele momento, os especialistas vinham do exterior e nem sempre com a intenção de socializar o seu ofício. Por fim, validando essa iniciativa, os custos de produção poderiam ser menores se os trabalhadores fossem locais. Assim, “começou a surgir toda uma ideologia de valorização do trabalho ‘do elemento nacional’, cuja propalada inaptidão e inconstância já não era vista como natural, senão como resultado da falta de oportunidades” (CUNHA, 2005, p. 6).

O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932, agrega-se a esse contexto que, segundo Azevedo (1976, p. 175), um de seus idealizadores, lançou

as diretrizes de uma política escolar, inspirada em novos ideais pedagógicos e sociais e planejada para uma civilização urbana e industrial, com o objetivo de romper contra as tradições excessivamente individualistas da política do país, fortalecer os laços de solidariedade nacional, manter os ideais democráticos de nossos antepassados e adaptar a educação.

Até o momento, não havia no país uma Política Nacional de Educação, mas modelos apresentados pela União e que sequer foram observados pelos governos estaduais. Assim, a Constituição de 1934 destacou como competências da União traçar as diretrizes nacionais e fixar o Plano Nacional de Educação, além de vincular recursos à educação.

Com a promulgação da Constituição de 1937, acabou a vinculação constitucional de recursos destinados à educação. No entanto, definiu como dever do Estado, em colaboração com a iniciativa privada por meio de sindicatos e

indústrias, a responsabilidade pelas escolas vocacionais e pré-vocacionais, voltadas à preparação dos filhos dos operários.

Na década de 1940 foram editados vários decretos-lei, conhecidos como Leis Orgânicas da Educação Nacional. Além disso, o Decreto-lei nº 4.048/1942 criou o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – Senai, que deu origem ao que hoje se conhece como Sistema S. A criação do Senai e posteriormente, em 1946, do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – Senac, seguidos dos demais serviços de aprendizagem patronais, revelaram a opção governamental de repassar à iniciativa privada a tarefa de preparar mão de obra para o mundo produtivo.

Surgiu uma nova etapa no sistema educacional brasileiro, os cursos médios de 2º ciclo, voltados para preparar cidadãos para o ingresso no ensino superior. Foram denominados cursos colegiais, científico e clássico: o embrião do atual Ensino Médio. Assim, temos o curso primário, com duração de cinco anos, o secundário, subdividido em ginásial e colegial, com quatro e três anos, respectivamente. A Lei Federal nº 1.076/1950 permitiu o ingresso no ensino superior aos estudantes que fizeram curso profissionalizante desde que retomassem os conteúdos do colegial e fossem aprovados nos processos de adaptação.

Em 1948, o projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB – começou a tramitar no Congresso Nacional, na fase de redemocratização do país. No entanto, só foi vigorada em 1961 pela Lei nº 4.024. A primeira lei específica para a educação envolveu todos os níveis e modalidades de ensino, acadêmica e profissional, proporcionando a liberdade de atuação da iniciativa privada na área educacional.

Todos os estudantes, sejam do colegial ou do ensino profissional, passaram a ter a possibilidade de prosseguir os estudos no nível superior. Entretanto, o fim da dualidade ensino profissional versus ensino superior foi somente formal, porque a educação continuava a atender às necessidades de grupos específicos, ou seja, persistia a existência de um grupo sem acesso à educação superior. Sendo assim, existia o colegial, como propedêutico ao vestibular e ao Ensino Superior, e o profissionalizante (normal, industrial técnico, comercial técnico e agrotécnico), que embora permitisse o ingresso ao Ensino Superior, não continha as disciplinas gerais que eram cobradas nos exames para nele ingressar.

Em 1964, foi instalado o Regime Militar e a questão da educação ganhou destaque como meio de transformação do Brasil numa grande potência. Nesse processo, uma nova lei para a educação foi promulgada: a Lei nº 5.692/71 – Lei da Reforma do Ensino de 1º e 2º graus. Os antigos primário, ginásial e colegial passaram a ser 1º e 2º graus, sendo que o primário e o ginásial formaram o 1º e o colegial, o 2º. A integração do ginásio ao primário foi considerada um avanço pois elevou a escolarização da população.

A nova fase de industrialização do país, conhecida como *Milagre Brasileiro*, necessitava de mão de obra qualificada. Nesse contexto, a nova lei instituiu o 2º grau profissionalizante nas escolas públicas e privadas. No entanto, o sistema privado não o implantou efetivamente e o sistema público acabou

enfrentando dificuldades na capacitação docente e na utilização de recursos. Para Moura (2007, p.13),

ao invés de se ampliar a duração do 2º grau para incluir os conteúdos da formação profissional de forma integrada aos conhecimentos das ciências, das letras e das artes, o que houve foi a redução dos últimos em favor dos primeiros, os quais assumiram um caráter instrumental e de baixa complexidade, uma vez que, dentre outros aspectos, não havia a base científica que permitisse caminhar na direção de conhecimentos mais complexos inerentes ao mundo do trabalho.

Este mesmo autor aponta que, além disso, os cursos oferecidos pelo sistema público, especialmente pelas escolas estaduais e municipais, foram aqueles que não precisariam de grandes investimentos em laboratórios: Técnico em Administração, Técnico em Contabilidade, Técnico em Secretariado, entre outros, saturando, por sua vez, a oferta desses profissionais no mundo do trabalho.

Já a Rede Federal foi se consolidando no ensino agrícola e industrial como referência de qualidade na formação de técnicos de nível médio, pois recebia financiamento direto da União. O Sistema S também, pois o custeio dessas escolas chegava mais rápido. No entanto, o número de vagas oferecidas, tanto pela Rede Federal quanto pelo Sistema S, foi demasiadamente menor do que a necessidade do país. Já a rede privada concentrou seus esforços em oferecer o ensino necessário ao nível superior. E, neste sentido, os problemas de formação da classe trabalhadora não foram resolvidos.

A obrigatoriedade do ensino profissionalizante não perdurou muito. O Parecer nº 76/1975, do Conselho Federal de Educação e a Lei nº 7.044/1982 deram continuidade ao tema. Segundo Cunha (2014, p. 918),

A concepção da profissionalização universal e compulsória no ensino de 2º grau não era defendida por uma corrente de pensamento expressiva dentro nem fora do MEC. Nenhum país do mundo a praticava, tampouco era proposta pelos organismos internacionais. [...] Para que a concepção da profissionalização universal e compulsória prevalecesse, foi preciso que o MEC recorresse a procedimentos autoritários, entre os quais a supressão de uma conferência nacional de educação, aliás, a última da série convocada nesse período.

Assim, foram muitas as manifestações de desagrado, inclusive de representantes das escolas privadas. Em 1974, foi iniciada a “reforma da reforma” e entre as principais críticas, destacaram-se: falta de recursos financeiros, escassez de docentes qualificados, redução da carga horária da parte da educação geral, baixa cooperação das empresas, carência de informações sobre o mercado de trabalho e outras (CUNHA, 2014).

A Lei n. 7.044, de 18 de outubro de 1982, trocou o termo “qualificação” por “preparação” para o trabalho. E como a proposta de compulsoriedade não foi uma necessidade do sistema produtivo, nem respondia a uma lógica do sistema educacional, ela foi um grande fracasso do governo militar, como bem enfatiza Cunha (2014). Além disso, não existiam experiências semelhantes em outros países.

Das Escolas Técnicas Federais aos Cefet's

Com a Lei nº 6.545 de 30 de junho de 1978, do Governo Geisel, três Escolas Técnicas Federais, do Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro, foram transformadas em Cefet's, com a atribuição de formar engenheiros de operação e tecnólogos.

Essa lei definiu que os Cefet's são autarquias de regime especial, vinculadas ao Ministério da Educação e Cultura, detentoras de autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didática e disciplinar. A principal diferença entre eles e as Escolas Técnicas era que os primeiros tinham a prerrogativa de ofertar o Ensino Superior, conforme objetivos previstos na referida Lei.

Somente após a aprovação da Lei nº 8.948, em 8 de dezembro de 1994, que instituiu o Sistema Nacional de Educação Tecnológica, a Rede Federal foi ampliada estabelecendo-se a transformação gradativa das Escolas Técnicas Federais – ETFs – em Centros Federais de Educação Tecnológica - Cefet's. Esta configuração deu autonomia para essas instituições ofertarem cursos de outros níveis e modalidades, especialmente de nível superior denominados tecnólogos.

Essa lei também instituiu o Conselho Nacional de Educação Tecnológica, órgão consultivo, no âmbito do Ministério da Educação e do Desporto, com a finalidade de assessorá-lo no cumprimento das políticas e diretrizes da educação tecnológica.

Expansão da Rede Federal

No período compreendido entre 2003 e 2014, diversas políticas de ampliação e democratização do acesso ao ensino superior e técnico foram implantadas por meio do Ministério da Educação. Tais políticas contribuíram para que mais pessoas conseguissem ingressar em cursos de nível técnico e superior, sobretudo aquelas pessoas em condições socioeconômicas menos favoráveis. O Programa Universidade para Todos – Prouni, o Sistema de Seleção Unificada – Sisu e o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – Pronatec, foram exemplos dessas políticas.

A Lei Federal nº 9394/1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, dispôs que “a educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva” (BRASIL, 1996). A educação profissional tornou-se paralela à educação regular, conforme o Decreto nº

2.208/1997. Para os analistas da Educação Profissional, esse decreto retirou a obrigatoriedade do Estado de oferecer a educação profissionalizante regularmente, abrindo espaços não formais para oferta por empresas e Organizações Não-Governamentais – ONGs.

No Seminário Nacional de Educação Profissional, realizado nos dias 16 a 18 de junho de 2003, o então Ministro da Educação, Professor Cristovam Buarque, apresentou o Documento-Base “Educação Profissional: concepções, experiências, problemas e propostas” com o seguinte discurso:

Este documento traduz o anseio daqueles que com participação e espírito de cidadania acreditam na Educação Básica e na Educação Profissional, inseridas em um novo contexto tecnológico, como grande vetor capaz de romper com os preconceitos, com a dependência e com a exclusão social, males que precisam ser eliminados para vencermos o desafio de construir um Brasil mais eficiente e mais justo. (BRASIL, 2003, p. 4).

De acordo com o documento:

os participantes deste Seminário foram unânimes quanto à necessidade e importância de fazer a defesa da educação profissional assegurando à mesma a previsão e o montante de recursos financeiros que possibilitem sua expansão e desenvolvimento. A proposta de criação de um Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Profissional e de correspondentes Fundos Estaduais mereceu, portanto, um grande destaque nesta discussão (BRASIL, 2003, p. 7).

No entanto, mesmo que tal documento tenha sido criado com a ajuda de autores do campo progressista, como por exemplo, Galdêncio Frigotto, Maria Ciavatta Franco entre outros, demais autores, ao analisarem os impactos dessa nova concepção, entenderam que a educação profissional foi reduzida a fins e valores do mercado capitalista, sendo pensada no sentido de incutir nos alunos o domínio de métodos e técnicas da produtividade.

Em 2004, o Decreto nº 5.154 regulamentou o § 2º do Artigo 36 e os Artigos 39 a 41 da Lei nº 9.394/1996, dando a possibilidade de integração do ensino médio à educação profissional. A educação profissional, observadas as diretrizes curriculares nacionais definidas pelo Conselho Nacional de Educação, será desenvolvida por meio de cursos e programas de formação inicial e continuada de trabalhadores, educação profissional técnica de nível médio e educação profissional tecnológica de graduação e de pós-graduação.

Segundo o Decreto, a articulação entre a educação profissional técnica de nível médio e o ensino médio pode ser: integrada (oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental); concomitante (oferecida somente

a quem já tenha concluído o ensino fundamental ou esteja cursando o ensino médio) e subsequente (somente a quem já tenha concluído o ensino médio).

Mesmo sendo um passo importante da Educação Profissional, para a completa submissão ao novo marco legal, as escolas deveriam ter espaços bem estruturados, laboratórios atualizados, bibliotecas, profissionais qualificados e condições de trabalho que permitissem dedicação à proposta pedagógica institucional. No entanto, entre a questão ideológica e as condições operacionais, a Educação Profissional ainda teve grandes desafios.

Em 2007, o Governo Lula, via Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, formalizou a modalidade de Educação Profissional Técnica de Nível Médio integrada ao Ensino Médio, firmando um compromisso com o Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, que dentre suas metas propôs a melhoria da qualidade do ensino médio integrado e a ampliação de sua oferta nos sistemas de ensino estaduais por meio do Programa Brasil Profissionalizado, instituído pelo Decreto nº. 6.302, de 12 de dezembro de 2007.

A intenção é de que a sociedade civil se comprometa com essa política, considerando-a necessária e adequada à formação da classe trabalhadora brasileira no sentido de sua autonomia e emancipação (BRASIL, 2007, p. 7).

Embora a Educação Profissional tenha voltado para a agenda governamental, segundo Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005, p. 1088),

o fato de a regulamentação da educação profissional formulada a partir da LDB (Lei n. 9.394/96), especialmente com o Decreto n. 2.208/97 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino técnico e o ensino médio [...], ter sido contestada pelas forças progressistas da sociedade brasileira e assimilada pelos segmentos conservadores, sempre de forma contraditória, não levaria a esperar que a política de democratização e de melhoria da qualidade da educação profissional se instituisse a partir da implementação dessas regulamentações. Ao contrário, de 1996 a 2003, lutou-se por sua revogação, apontando-se para a necessidade da construção de novas regulamentações, mais coerentes com a utopia de transformação da realidade da classe trabalhadora brasileira.

A Lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008, alterou o Capítulo III da LDB, que anteriormente intitulava-se “Da Educação Profissional” para “Da Educação Profissional e Tecnológica”, de modo a evidenciar que não mais se restringia aos cursos técnicos de nível médio. Pelo contrário, integrou a educação de jovens e adultos à educação profissional e tecnológica, diferentes níveis e modalidades de educação, aliadas às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia (BRASIL, 2008). Foi a partir desse momento que os termos *profissional*, *técnica*

e tecnológica passaram a aparecer sob diversas formas sem, no entanto, explicar o que significava cada um deles.

Com a Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), novamente o termo foi redefinido para abrigar todos os níveis e modalidades da educação nacional, incluindo os distintos graus da educação superior: cursos superiores de tecnologia ou simplesmente tecnólogos, como são comumente conhecidos, além de licenciaturas, bacharelados e pós-graduações *latu e strictu sensu*.

Mesmo com a transformação dos Cefet's em IFs, com prerrogativas muito parecidas com as Universidades, 50% das vagas tinham que ser destinadas, exclusivamente, a cursos técnicos. Atualmente, a Rede Federal é composta sobretudo pelos IFs e Cefet's, além de outras denominações que não se transformaram em nenhuma dessas modalidades de instituições de ensino, uma Universidade Tecnológica localizada no Estado do Paraná, o Colégio Dom Pedro II e outras 24 Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais, das quais uma delas é o Cefores.

Assim, embora o debate tenha sido instituído, a disputa entre os setores progressistas e conservadores da sociedade brasileira pela hegemonia no campo da Educação Profissional continuou definida por ações não estruturais. As iniciativas neste período específico foram entendidas como programas focais e contingentes, como a Escola de Fábrica, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Proeja, e do Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem. Houve uma continuidade com a lógica mercantilista, na qual o trabalhador é um fator de produção e sua formação um investimento em capital humano para a reprodução ampliada do capital financeiro. Os debates iniciados indicaram a necessidade de integrar a política educacional e a política de geração de emprego e renda. Contudo, o foco principal do período foi a ampliação do acesso ao Ensino Superior (MORAES, 2019).

O Pronatec

Em 16 de outubro de 2011, por meio da Lei nº 12.513, foi criado o Pronatec. Implementado em 2012, esse programa, segundo seus idealizadores, teve como objetivo articular o ensino básico com a formação profissional e impulsionar os jovens, principalmente os menos favorecidos economicamente, a prosseguirem nos estudos para posterior inserção no mercado de trabalho devidamente qualificados.

O programa pretendeu atender prioritariamente aos seguintes públicos: estudantes do Ensino Médio da rede pública ou bolsistas de instituições privadas e trabalhadores beneficiários de programas federais de transferência de renda (BRASIL, 2011).

Segundo Pereira e Oliveira (2019), o Pronatec se estabeleceu como um dos maiores programas de qualificação profissional desenvolvidos pelo Gover-

no Federal, não só pelo número de matrículas e egressos dos cursos, mas também pelos diversos agentes institucionais, sejam públicos ou privados e, sobretudo, pelo volume de recursos financeiros disponibilizados, que somente até 2014, já tinham sido destinados mais de R\$ 14 bilhões. Dentre os municípios brasileiros, um total de 72,3% ofertou cursos por meio do Pronatec.

O programa envolveu várias iniciativas, sendo o catalisador de diferentes ações: Expansão da Rede Federal; Programa Brasil Profissionalizado; Rede e-Tec Brasil; Acordo de gratuidade com os Serviços Nacionais de Aprendizagem e Bolsa-Formação. A meta inicial de ofertar 8 milhões de vagas de Bolsa-Formação no período de 2011 a 2014 foi superada. De acordo com o Censo Escolar 2017, a Educação Profissional e Tecnológica – EPT contou com 1.831.003 matrículas de educação básica. Mas, com o início dos cortes orçamentários, poucas iniciativas do Pronatec foram identificadas nos anos seguintes.

Segundo Vogado e Ribeiro (2019), o Cefores acompanhou o Pronatec, desde o início, por meio de reuniões no MEC e iniciou a sua implantação no âmbito institucional com o objetivo de ampliar a oferta dos cursos técnicos. Em sua primeira pactuação em 2012, o Cefores matriculou 228 alunos, sendo 143 em cursos de Formação Inicial e Continuada – FIC e 85 em cursos técnicos, na modalidade concomitante. Em 2013, foram oferecidas 830 novas vagas, sendo matriculados 735 alunos. As autoras salientam que a execução do programa na instituição chegou em seu apogeu em 2014, quando foi possível pactuar a oferta de 77 novos cursos, sendo 23,38% técnicos e 76,62% de FIC, num total de 1624 matrículas. O Cefores conseguiu concluir 49 turmas do programa e levar ao êxito 477 alunos, sendo 21 destes, nos cursos técnicos.

O expressivo número de alunos matriculados, que chegou a superar o alunado regular da instituição, demonstra o interesse da população em qualificar-se profissionalmente e indica a demanda pelos cursos ofertados que, por sinal, foram bastante diversificados e em consonância com as necessidades pontuais do mercado de trabalho (VOGADO; RIBEIRO, 2019, p. 69).

Com um cenário político conturbado em 2015, os cursos autorizados por meio do Pronatec foram diminuindo. Foram pactuados 17 novos cursos, 23,53% técnicos e outros 76,47% de FIC. A instituição encerrou o ano com 362 alunos matriculados pelo programa, uma queda extremamente considerável em relação a 2014, como bem observaram Vogado e Ribeiro (2019). No ano de 2016, o Cefores pactuou 20 novos cursos, porém todos de FIC.

Considerações Finais

Ao longo da história, as políticas de Estado voltadas à Educação Profissional vêm sendo empreendidas por meio de iniciativas pontuais, muitas vezes desconti-

nuadas. Sendo assim, o esforço empenhado na inclusão social, por meio de políticas públicas de acesso à qualificação profissional, nem sempre é satisfatório.

De acordo com o Artigo 205 da Constituição Federal, a Educação é um direito de todos e dever do Estado e da família, devendo ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, ao seu preparo para o exercício da cidadania e a sua qualificação para o trabalho.

A preparação para o trabalho, portanto, está implícita nesse conceito, sendo que a Educação Profissional é uma das modalidades previstas na legislação brasileira para implementar essa visão. Por esse motivo, ela sempre surge como pauta de discussões políticas a fim de melhorar as condições de acesso ao emprego.

O Cefores, enquanto instituição federal de Educação Profissional, vem exercendo um papel primordial no município de Uberaba e região, ao longo desses 30 anos, oferecendo ensino público, gratuito e de qualidade e possibilitando a inserção de inúmeros profissionais no mercado de trabalho.

Referências

AZEVEDO, Fernando. A renovação e unificação do sistema educativo. In: **A transmissão da cultura**. Parte 3ª da 5 ed. São Paulo: Melhoramentos, Brasília, INL, 1976.

BRASIL. **Lei nº 4.024, de 20 dezembro de 1961**. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1961. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L4024.htm. Acesso em 23 nov 2019.

_____. **Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/l5692_71.htm. Acesso em 23 nov 2019.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm. Acesso em 23 nov 2019.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 8.948, de 8 de dezembro de 1994**. Dispõe sobre a instituição do Sistema Nacional de Educação Tecnológica e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8948.htm. Acesso em 9 jan 2020.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Institui as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.

_____. **Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: 17 de abril de

1997. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2208.htm. Acesso em 07 abr 2006.

_____. **Resolução CNE/CP nº 03/2002**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a organização e o funcionamento dos cursos superiores de tecnologia. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP032002.pdf>. Acesso em 23 nov 2019.

_____. Ministério da Educação. **Educação Profissional: Concepções. Experiências. Problemas e Propostas**. Brasília, setembro de 2003. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/semina_ept03_anais.pdf. Acesso em 14 dez 2019.

_____. **Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: 23 de julho de 2004. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5154.htm. Acesso em 23 nov 2019.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto nº 5.224 de 1º de outubro de 2004**. Dispõe sobre a organização dos Centros Federais de Educação Tecnológica e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5224.htm. Acesso em 9 jan 2020.

_____. Ministério da Educação. **Programa de Integração da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos- PROEJA**. Documento Base. Brasília, 2006.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Documento base: Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio**. Brasília, dezembro de 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf. Acesso em 9 jan 2020.

_____. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 dez. 2008c. Seção 1, p. 1.

_____. **Lei nº 12.513 de 26 de outubro de 2011**: institui o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec); [...]; e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112513.htm>. Acesso em 14 dez 2019.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino profissional na irradiação do industrialismo**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: FLACSO, 2005.

_____. Ensino Profissional: o grande fracasso da ditadura. **Cadernos de Pesquisa**. v.44 n.154 p.912-933 out./dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v44n154/1980-5314-cp-44-154-00912.pdf>. Acesso em 7 jan 2020.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. A política de educação profissional no Governo Lula: um percurso histórico controvertido. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 92, p. 1087-1113, Out. 2005. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000300017&lng=en&nrm=iso. Acesso em 09 Jan 2020.

GAMA, Ruy. O Trabalho nas Cidades Medievais: o Ensino Técnico Profissional. In: Gama, Ruy. **A Tecnologia e o Trabalho na História**. São Paulo: Editora Nobel, 1986.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS - INEP. (Brasil). **A educação nas mensagens presidenciais (1890-1986)**. Brasília, 1987. 2v.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Pronatec**: múltiplos arranjos e ações para ampliar o acesso à educação profissional. Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 1990. Disponível em http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1919.pdf. Acesso em 16 jan 2020.

KUENZER, AcáciaZeneida. **Ensino médio e profissional**: as políticas do Estado neoliberal. São Paulo: Cortez, 1997, p. 104.

KUNZE, Nádia Cuiabano. O surgimento da Rede Federal de Educação Profissional nos Primórdios do Regime Republicano Brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica**, v.2, n.2., Brasília, nov. 2009. p. 9-24.

MACHADO, Lucília Regina de Souza. **Educação e divisão social do trabalho**: contribuição para o estudo do ensino técnico industrial brasileiro. 2. ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989, p. 154.

MOURA, Dante Henrique. **Educação Básica e Educação Profissional e Tecnológica**: dualidade histórica e perspectivas de integração. Holos, Ano 23, Vol. 2 - 2007. Disponível em <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/11/110>. Acesso em 23 nov 2019.

MORAES, Gustavo Henrique. **As estatísticas da educação profissional e tecnológica**: silêncios entre os números da formação de trabalhadores. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2019. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/6688378. Acesso em 9 jan 2020.

PEREIRA, André Luis Gonçalves; OLIVEIRA, Ramon de. A inserção dos egressos dos cursos técnicos do Pronatec no mercado de trabalho. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 37, n. 3, p. 917-938, set. 2019. ISSN 2175-795X. Disponível

em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2019.e52345>. Acesso em 09 jan 2020.

RODRIGUES, José. Celso Suckow da Fonseca e a sua “História do ensino industrial no Brasil”. **Revista Brasileira de História da Educação**. n° 4 jul./dez. 2002. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/download/38722/20251/0>. Acesso em 6 jan 2020.

VOGADO, Núbia Nogueira de Freitas. **Formação da Identidade Profissional do Educando**: um estudo de caso no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. 2019. 291 f. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, Uberaba-MG, 2019.

_____; RIBEIRO, Elisa Antonia. Implantação do Pronatec em uma escola técnica vinculada a uma Universidade Federal: nascimento, maturidade e declínio. **Revista Triângulo**, Uberaba, v. 12, n. 2, p. 51 - 72, maio 2019. ISSN 2175-1609. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/revistatriangulo/article/view/3414>. Acesso em 16 jan. 2020.

CEFORES, 30 ANOS DE HISTÓRIA

Renata Costa Gomes¹
Marilsa Aparecida Alberto²

Introdução

Não há instituição sem história e não há história sem sentido. O desafio é trazer à luz esse sentido e, com frequência, há boas surpresas (SANFELICE, 2007, p. 79).

As palavras que trazemos em epígrafe traduzem nosso pensamento ao aderir à iniciativa de pesquisar e escrever sobre a história do Cefores, instituição da qual fazemos parte, há algum tempo, do corpo técnico-administrativo.

O Cefores, inicialmente denominado Centro de Formação Especial de 2º Grau em Saúde, teve origem no ano de 1990, quando foi criada a portaria nº 73, da então Secretaria Nacional de Educação Tecnológica do Ministério da Educação - Senete/MEC, hoje intitulada Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica - Setec/MEC. Trata-se de uma escola técnica vinculada à estrutura organizacional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM, responsável por ofertar cursos de educação profissional técnica de nível médio e cursos de formação inicial e continuada.

Desde sua criação, um significativo número de alunos, docentes e técnicos administrativos passou pela escola e juntos ajudaram a construir sua história, marcada por inúmeras conquistas e desafios. Assim, o Cefores tem desempenhado um importante papel no cenário educacional de Uberaba e região, promovendo acesso a uma educação pública de qualidade e formando profissionais, especialmente na área da Saúde, aptos a atuarem no mercado de trabalho e a darem continuidade a seus estudos.

1 Licenciada em Pedagogia pela Universidade de Uberaba. Assistente em Administração no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: renata.gomes@uftm.edu.br.

2 Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Técnica em Assuntos Educacionais no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: marilsa.alberto@uftm.edu.br.

Prestes a completar trinta anos de existência, sentimos a necessidade de trazer à luz um pouco da história da instituição, desvelando tanto as motivações que levaram à sua criação, bem como as conquistas e os desafios encontrados ao longo de sua trajetória. Concordando com as palavras de José Luis Sanfelice, em epígrafe, ao retomar a história da instituição – sua gênese, trajetória, cultura escolar constituída, projeção local e regional – nos vimos diante de um enorme desafio. Ao mesmo tempo, diante das inúmeras fontes encontradas, de cada entrevista realizada e dos documentos analisados, fomos percebendo que a história do Cefores, ao ser escrita, poderia trazer boas e gratas surpresas.

Além disso, motivou-nos na escrita dessa história saber que “[...] compreender o que uma época perguntou a respeito da outra conduz à possibilidade de maior familiaridade com ambas” (BOTO, 1994, p. 24). A compreensão do passado ajuda a dar sentido a fatos do presente e motiva a pensar no porvir, uma vez que “a forma do futuro é vislumbrada mediante a procura de pistas no processo de desenvolvimento passado, de forma que [...] quanto mais esperamos inovação, mais a história se torna essencial para descobrir como ela será” (HOBSBAWN, 2013, p.26).

Instigadas por esse desejo de retomar essa trajetória institucional e promover o diálogo entre o passado e o presente, escrevemos este capítulo com o intuito de conhecer as origens do Cefores, seus recursos humanos e materiais, além de desvelar um pouco dos sentimentos que motivou cada ator desse processo a acreditar no potencial da instituição.

A gênese

A ideia de criação do Cefores foi gestada no final da década de 1980 e início da década de 1990, momento em que a cidade de Uberaba, além de vivenciar um crescimento no setor industrial, também desempenhava um importante papel na rede urbana regional, destacando-se como centro de serviços na área da Saúde. Tal fato decorreu tanto devido às crescentes demandas do Hospital Escola, hoje Hospital de Clínicas, quanto devido à instalação de outros estabelecimentos médico-hospitalares na cidade, como clínicas especializadas e laboratórios cuja tecnologia até então somente era disponível nos grandes centros urbanos (GOMES, 2015).

E, nesse contexto de ampliação dos serviços de saúde da cidade de Uberaba, o projeto de criação do Cefores foi idealizado e efetivado, contando, principalmente, com o empenho de José Henrique Nunes e Ana Palmira Soares dos Santos, na época servidores do corpo técnico-administrativo da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro –FMTM, atual UFTM³. Ao ser

3 No ano de 2005, por meio da Lei nº 11.152, a Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro foi transformada em Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

convidada a recordar os momentos iniciais do processo de criação do Cefores, a professora Ana Palmira, primeira diretora da escola, ressalta:

Tivemos o privilégio e a oportunidade de, enquanto trabalhadores da educação de uma Faculdade Federal isolada de Medicina, obter da direção local aprovação para propor ao MEC/Senete, autorização para estruturação de cursos técnicos profissionalizantes na área da Saúde. Nosso propósito inicial foi o de atender às necessidades internas de profissionais qualificados para apoio na área da assistência do então recém-inaugurado Hospital Escola da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro – FMTM. A proposta foi concebida e gerida no Setor de Registro e Controle Acadêmico da FMTM, onde atuavam os professores José Henrique Nunes e Ana Palmira Soares dos Santos, ambos Técnicos em Assuntos Educacionais. Todo processo foi desafiador, considerando que na instituição, naquele momento não existia massa crítica de profissionais especialistas da área da Educação (SANTOS, 2020).

Além desses servidores, outros profissionais lotados na Faculdade estavam preocupados com a carência de formação técnica qualificada de grande parte dos trabalhadores da área da Saúde que atuava no Hospital Escola, fato que os motivou a projetar a criação de uma escola que pudesse atender essa demanda, melhorando a qualidade dos serviços de saúde prestados à comunidade.

A propósito, a escolha dos primeiros cursos ofertados pelo Cefores está diretamente relacionada à área de atuação desses profissionais, que tiveram sensibilidade para perceber a carência de formação técnica dos servidores nos setores com os quais mantinham maior contato. Alguns desses incentivadores foram citados pela professora Ana Palmira em suas reminiscências:

[...] Na questão recursos humanos, contamos com apoio da Direção à época, na pessoa do Prof. Dr. Valdemar Hial e sua equipe do Departamento de Bioquímica, do Prof. Wandir Ferreira de Souza e sua equipe da área de Radiologia, do Senhor José Alberto Goulart na área de Farmácia e da Prof.^a Jackeline Pontes Monteiro na área de Nutrição e Dietética. Na área de Enfermagem pudemos contar inicialmente, com a Prof.^a Irmã Amélia Amália de Jesus, o Prof. Jair Gonçalves Borges, a Prof.^a Leila Aparecida Kauchakje Pedrosa, a Enfermeira Maria Aparecida Xavier que nos apoiaram com a disponibilização do Hospital Escola e das enfermeiras para as atividades práticas orientadas em serviço, bem como, para a liberação dos trabalhadores que necessitavam regularizar suas situações profissionais perante o COREN. Destacamos também o apoio do antigo Departamento de Ciências Biológicas, hoje Instituto de Ciências Biológicas e Naturais, que contribuiu

sobremaneira com recursos humanos e parceria com os laboratórios, muitos deles permanecem até os dias atuais (SANTOS, 2020).

Além disso, os idealizadores do Cefores também se preocuparam em elevar o nível de escolaridade - e consequentemente a autoestima e as condições de trabalho - dos funcionários do Hospital Escola, implementando um projeto de Suplência Especial de 5^a a 8^a série e 2^o grau com o objetivo de ofertar o ensino básico àqueles que ainda não tinham completado seus estudos. A propósito, de acordo com o professor José Henrique Nunes, no início da década de 1990 existiam 21 trabalhadores do Hospital que sequer haviam sido alfabetizados. Corroborando essa informação acerca da necessidade de formação básica dos funcionários do Hospital Escola, o quadro demonstrativo do alunado no ano de 1995 aponta que o Cefores atendia, na ocasião, 121 alunos matriculados no curso de Suplência de 5^a a 8^a série (FMTM/Cefores, 1996).

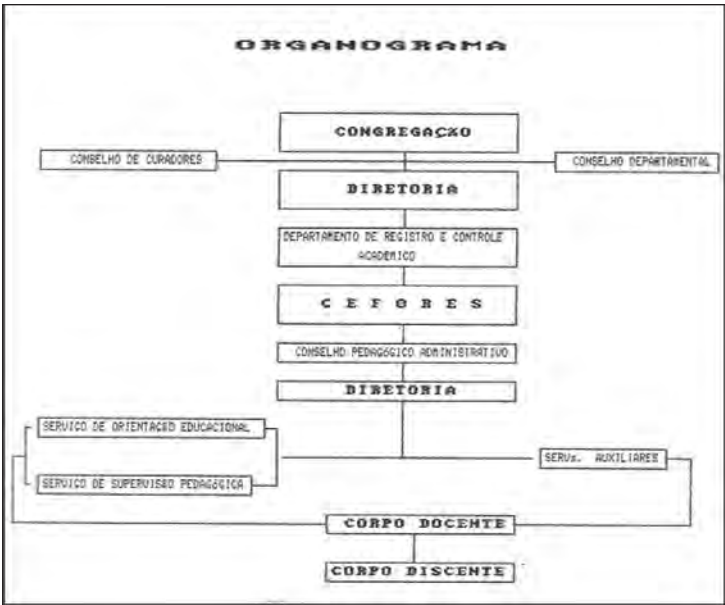
O organograma disposto na Figura 1, elaborado na década de 1990, ilustra os setores internos da então FMTM e a localização ocupada pelo Cefores em sua estrutura organizacional. Chama a atenção, no organograma, o fato de a escola ter sido inicialmente subordinada ao Departamento de Registro e Controle Acadêmico - DRCA, responsável pelos dados dos alunos dos demais cursos da faculdade⁴. O organograma também destaca o compromisso da instituição com uma gestão democrática, que pode ser notada pela existência do Conselho Pedagógico Administrativo - CPA - situado verticalmente acima da Diretoria do Cefores. Tal Conselho era composto pela equipe de direção e coordenadores dos cursos ofertados. Os serviços de Orientação Educacional e de Supervisão Pedagógica existentes no organograma não chegaram a ser implantados de fato nos anos iniciais do Cefores⁵.

Entretanto, a inclusão desses setores no organograma indica que desde o início houve uma preocupação em criar um setor pedagógico especificamente voltado para os cursos técnicos. Ou seja, muito embora o registro acadêmico dos alunos fosse realizado no âmbito geral da FMTM, percebeu-se que as questões pedagógicas demandavam um olhar mais apurado para o público atendido.

4 No Anexo A é possível observar o local ocupado pelo Cefores atualmente no âmbito da UFTM: trata-se de uma Unidade Acadêmica equiparada aos Institutos.

5 No Anexo B é possível conhecer o atual organograma do Cefores, no qual constata-se a existência da Coordenadoria Pedagógica e da Coordenadoria Geral de Cursos Técnicos. Acerca desse organograma são oportunas as considerações do professor Geraldo Batista Londe, ao destacar que ele “conta com várias instâncias democráticas para sua gestão e administração, assim, a opinião e participação de cada um é respeitada; tudo fruto do trabalho de todos os diretores anteriores, do atual e da participação de cada servidor, técnico ou docente” (LONDE, 2019).

Figura 1 – Organograma da FMTM na década de 1990



Fonte: FMTM/Cefores, 1992, p. 3.

Sem orçamento próprio, inicialmente o Cefores contou com colaboração de profissionais vinculados ao Hospital Escola - dentre médicos e outros servidores da área da Saúde, a maioria com formação em nível superior - para atuarem como professores nos cursos ofertados, já que carecia de um corpo docente específico. De acordo com a professora Ana Palmira, inicialmente todos eram voluntários, porém, com a projeção alcançada pelo Cefores, posteriormente foi possível remunerá-los como prestadores de serviços.

No Quadro 1 é possível identificar o primeiro Corpo Docente do Cefores, além da formação de cada professor, disciplinas ministradas e cursos nos quais atuavam.

Quadro 1 – Relação do 1º Corpo Docente do Cefores

PROFESSORES	CURSOS	DISCIPLINAS	FORMAÇÃO ACADÊMICA
Amélia Amália de Jesus	Técnico em Enfermagem Técnico em Farmácia	Introdução à Enfermagem Nutrição e Dietética Estágio Supervisionado Noções de Enfermagem	Enfermeira

Quadro 1 – Relação do 1º Corpo Docente do Cefores (continuação)

PROFESSORES	CURSOS	DISCIPLINAS	FORMAÇÃO ACADÊMICA
André Luiz Alves Silva	Técnico em Radiologia	Fundamentos de Radiologia	Engenheiro Civil
Carlos Orestes Rosa	Técnico em Farmácia	Introdução à Técnica Farmacêutica I e II Estágio Supervisionado	Farmacêutico Bioquímico
Célio Cesar Antunes Souza	Técnico em Enfermagem	Enfermagem Médica Enfermagem Cirúrgica Estágio Supervisionado	Enfermeiro
Dalton Lóes Brazil	Técnico em Farmácia Técnico em Radiologia Técnico em Enfermagem	Noções de Administração Hospitalar Administração Administração Aplicada a Enfermagem	Economista
Élade Ferreira	Técnico em Farmácia Técnico em Enfermagem	Legislação e Ética Profissional Estágio Supervisionado Microbiologia e Parasitologia	Farmacêutico Bioquímico
Francisco Carlos da Silva	Técnico em Radiologia	Radiologia	Médico
Helton Hugo de Carvalho	Técnico em Farmácia Técnico em Enfermagem	Introdução à Administração de Medicamentos I e II Segurança do Trabalho Primeiros Socorros Estágio Supervisionado	Farmacêutico Bioquímico
Jair Gonçalves Borges	Técnico em Enfermagem	Anatomia e Fisiologia Humanas	Dentista
José Alberto Goulart	Técnico em Farmácia	Organização e Funcionamento da Farmácia I e II	Técnico em Farmácia

Quadro 1 – Relação do 1º Corpo Docente do Cefores (continuação)

PROFESSORES	CURSOS	DISCIPLINAS	FORMAÇÃO ACADÊMICA
José Augusto Martins Braga	Técnico em Radiologia	Proteção e Higiene das Radiações I e II	Engenheiro Elétrico
José Martins Júnior	Técnico em Farmácia Técnico em Enfermagem Técnico em Radiologia	Português Aplicado	Licenciado em Letras/ Português
Leila Aparecida Kauchackje Pedrosa	Técnico em Enfermagem	Enfermagem Neuropsiquiátrica	Enfermeira
Luiz Fernando Angotti Ramos	Técnico em Radiologia	Radioterapia Estágio Supervisionado	Médico
Maria Regina Basílio Teodoro Santos	Técnico em Enfermagem Técnico em Farmácia Técnico em Radiologia	Psicologia Aplicada Ética Profissional I e II	Psicóloga
Maurício Ferreira	Técnico em Enfermagem	Higiene e Profilaxia I e II Enfermagem em Saúde Pública	Dentista Técnico em Enfermagem
Roseli Aparecida Silva	Técnico em Enfermagem Técnico em Farmácia Técnico em Radiologia	Estudos Regionais	Licenciada em Estudos Sociais
Vandir Ferreira de Sousa	Técnico em Radiologia	Radiologia Proteção e Higiene Radiações Estágio Supervisionado	Médico

Fonte: FMTM/Cefores, 1992, p. 101-102 (adaptado).

Analisando o quadro, é possível constatar que o Cefores possuía um corpo docente composto por dezoito profissionais, sendo que alguns atuavam em mais de um curso. Não havendo professores habilitados no Hospital, buscava-se na comunidade pessoas com formação específica que tivessem interesse em colaborar como prestadoras de serviço. Dos profissionais relacionados no Quadro 1, não pertenciam ao corpo de funcionários da FMTM os professores André, Dalto, Jair, José Augusto, Roseli e Amália. Destaca-se, ainda, o nome do enfermeiro Célio Cezar que, tendo feito parte do primeiro corpo docente do Cefores, ministra aulas no curso Técnico em Enfermagem até os dias atuais.

A parceria do Cefores com o Hospital Escola não se limitou à composição do corpo docente, já que parte dos equipamentos necessários para a implantação dos cursos foi por ele cedida. Além disso, o Hospital Escola também se configurou em um valioso espaço de aprendizagem para aulas práticas, bem como um extenso campo de estágio para os discentes, desde a criação da instituição até os dias atuais.

Conclui-se, assim, que a gênese dessa escola técnica está intrinsecamente relacionada ao funcionamento do Hospital Escola da FMTM, sendo que essa relação se configura como uma via de mão dupla: os recursos humanos e materiais do Hospital foram essenciais para a criação e primeiros anos de funcionamento do Cefores. Em contrapartida, a escola técnica contribuiu para melhorar os serviços prestados pelo Hospital, qualificando seus funcionários.

O prédio

Por não possuir uma sede própria, o setor administrativo da escola dividia, a princípio, espaço físico com o DRCA, localizado na Unidade Praça Manoel Terra, popularmente conhecida como *Campus I*. Posteriormente, com a transferência do DRCA para outro local, naquele espaço permaneceu instalada a unidade administrativa do Cefores até meados de 2019, quando foi transferida para o Centro Educacional da UFTM, situado na Avenida Getúlio Guaritá, no Bairro Abadia.

As aulas também aconteciam na Unidade Praça Manoel Terra, em espaços compartilhados com a FMTM, uma vez que as salas que durante o dia atendiam aos cursos da graduação, durante a noite eram ocupadas pelos alunos dos cursos técnicos, em sua maioria trabalhadores que só dispunham do horário noturno para investir em sua formação profissional. Além disso, o Cefores utilizava os laboratórios dos cursos de graduação da FMTM para as aulas práticas. Tais laboratórios também funcionavam apenas no período diurno, sendo possível, dessa forma, reaproveitar os espaços da instituição que até então ficavam ociosos em determinados horários.

Mesmo com essa dinâmica de otimização dos espaços com os cursos de graduação, o Cefores sentia necessidade de possuir uma sede própria, pois

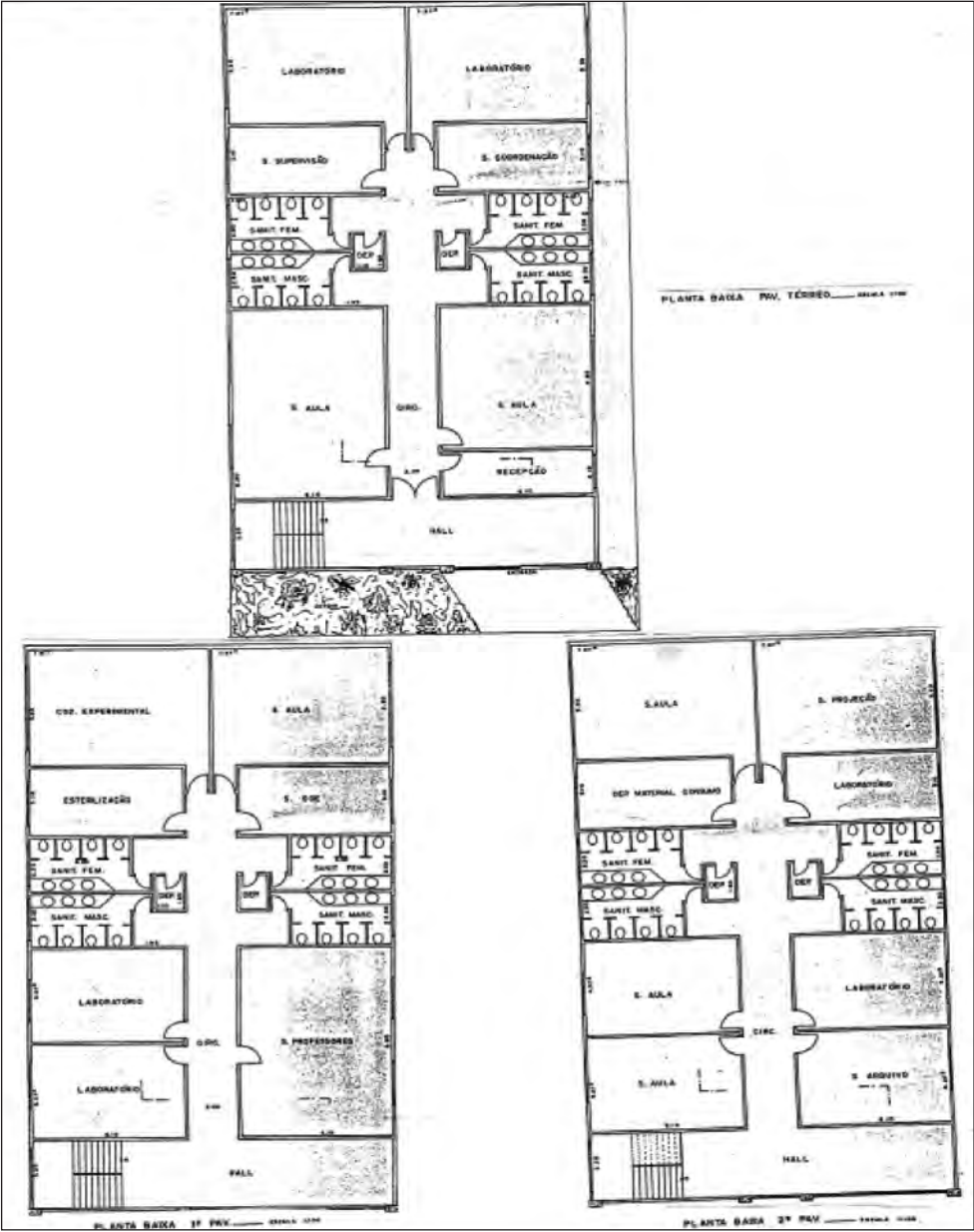
assim poderia expandir a oferta de cursos à população. Por esse motivo, no ano de 1993 foi encaminhado um projeto ao Ministro de Estado da Educação e do Desporto apresentando uma proposta de construção da sede própria com a seguinte justificativa:

A necessidade de qualificar Pessoal Técnico de Saúde, para toda a área de abrangência e influência de Uberaba, levou a Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro a criar o Cefores - Centro de Formação Especial de 2º Grau em Saúde. Desde 1990 os Cursos Técnicos autorizados pela Senete começaram a ser implantados. Houve um ingente esforço para que pudéssemos atender uma demanda reprimida quer quanto ao profissional em si, quer quanto às Instituições que manifestam necessidade de profissional habilitado. Mesmo com esse esforço não foi possível implantar todos os Curso aprovados, por falta de espaço físico. Embora a infra-estrutura da FMTM seja ideal para os Cursos Superiores que mantém, é insuficiente para a implantação total dos Cursos Técnicos. É verdade que a infra-estrutura oferecida pelo Hospital Universitário continua sendo o suporte para a Prática e o Estágio Supervisionado. Além do mais qualquer expansão de cursos e aproveitamento de potencial humano fica limitado a espaço físico. A construção do prédio próprio para o Cefores resolve de vez todo o problema de espaço e consolida um trabalho de qualificação profissional que vem sendo desenvolvido, ainda que precariamente, apesar dos bons resultados obtidos, para esta vasta região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, abrangendo uma população de 3,5 milhões de habitantes (FMTM/CEFORES, 1993, p. 3).

Conforme observado na justificativa do projeto apresentado, o espaço físico da FMTM era satisfatório para a oferta, no período diurno, dos cursos de graduação - naquela ocasião existiam apenas os cursos de Medicina e Enfermagem - mas era insuficiente para atender a demanda dos cursos técnicos, pois embora o Ministério da Educação tivesse aprovado, em 1990, a oferta de seis cursos, apenas quatro (Técnico em Radiologia Médica, Radiodiagnóstico e Radioterapia, Técnico em Enfermagem, Auxiliar de Enfermagem e Auxiliar de Farmácia) estavam em funcionamento no ano de 1993. Assim, os cursos Técnicos em Nutrição e Dietética e em Patologia Clínica ainda não haviam sido implantados “por falta estrita de espaço físico” (FMTM/CEFORES, 1993, p. 1), conforme ofício enviado pelo professor Valdemar Hial, então Diretor da FMTM, ao Ministro de Estado de Educação e do Desporto Murilo Avelar Hingel.

Para atender às necessidades identificadas, o projeto elaborado apresentava a planta arquitetônica disposta na Figura 2.

Figura 2 – Planta Arquitetônica do Cefores



Fonte: Projeto Executivo de Arquitetura para Construção do Cefores (FMTM/CEFORES, 1993).

Analizando essa planta arquitetônica, nota-se que seus idealizadores se preocuparam em criar um espaço amplo que atendesse às necessidades específicas dos cursos (salas de aula, laboratórios, cozinha experimental, sala de esterilização) bem como às necessidades pedagógicas (salas de professores, de supervisão, de coordenação, de projeção, de orientação educacional) e administrativas (recepção, departamento de consumo, material de consumo, setor de arquivo).

A análise da planta permite reportar a Escolano (2001, p. 47), ao afirmar que “a escola, em suas diferentes concretizações, é um produto de cada tempo, e suas formas construtivas são, além dos suportes da memória coletiva cultural, a expressão simbólica dos valores dominantes nas diferentes épocas”. Assim, a planta arquitetônica arrojada expressava os anseios da comunidade acadêmica da época que, acreditando no potencial de crescimento da instituição, já almejava por espaços mais amplos, nos quais pudessem melhorar os serviços educacionais ofertados.

Embora o projeto em questão tenha sido bem elaborado e fundamentado, não foi executado por falta de recursos financeiros. Sendo assim, a diretoria da FMTM teve que adequar o espaço físico existente para que os demais cursos comesçassem a funcionar. Nessa conjuntura, foram importantes os esforços empenhados pelo então Diretor da FMTM, Valdemar Hial, que sendo da área de Bioquímica, tinha clareza da importância do curso de Patologia Clínica na cidade que, conforme mencionado, já havia sido aprovado pelo MEC, mas não estava sendo ofertado por falta de espaço físico.

No ano de 1995, um novo projeto de construção de sede própria para o Cefores foi enviado ao então Secretário da Sesu, indicando, inclusive, a viabilização de um local existente na esquina da Rua Benjamim Constant com a Rua Dr. Ludovice, no Bairro Abadia. Após caracterizar e detalhar a obra, o projeto justificava que, além dos cursos em andamento, nos quais o Técnico em Patologia Clínica já estava incluso, o Cefores pretendia implantar ainda os cursos técnicos em Nutrição e Dietética, Instrumentação Cirúrgica, Reabilitação – Fisioterapia/Massagem e Farmácia⁶ (FMTM/CEFORES, 1995).

Tal projeto também não foi posto em execução, sendo que mais uma vez foi necessário adequar o espaço existente para a oferta dos cursos. Mesmo assim, o Cefores continuou almejando uma sede própria, motivo pelo qual no ano de 2011 a Direção novamente pleiteou, junto à Reitoria da UFTM, a disponibilização de novo espaço físico. Na ocasião foi proposto ao Cefores a ocupação de um prédio que seria construído na Univerdecidade, local onde funcionam alguns cursos de graduação da UFTM.

6 Desses, posteriormente apenas os cursos de Técnico em Farmácia e Técnico em Nutrição e Dietética foram de fato implantados.

Tratava-se de um edifício amplo, sendo que a proposta inicial da Reitoria era de que três andares do prédio fossem destinados ao Cefores para que ali pudessem ser instalados os laboratórios, salas de aula e setores administrativos. Na Figura 3 é possível divisar a fachada do prédio durante o período de construção.

Figura 3 – Prédio em construção na Univerdecidade



Fonte: Acervo pessoal do professor Paulo Roberto da Silva.

Entretanto, devido ao fato dele estar situado em local afastado da área central da cidade e distante do Hospital de Clínicas da UFTM, local onde até hoje ocorrem as práticas profissionais e os estágios dos cursos da área da Saúde, o Colegiado do Cefores, reunido em março de 2014, optou por permanecer no Campus I até que fosse disponibilizado espaço físico no Centro Educacional da UFTM, localizado em frente ao Hospital.

Sendo assim, durante quase três décadas o Cefores permaneceu instalado no *Campus I*, no prédio identificado por muitos como *Antiga Faculdade de Medicina* e situado em um bairro muito próximo à área central da cidade. O prédio, que inicialmente foi construído para abrigar a Penitenciária de Uberaba, passou a ser ocupado a partir de 1954 pela FMTM e a partir de 1990 também pelo Cefores.

Chama a atenção, no espaço do *Campus I*, sua diferenciada estrutura arquitetônica. Trata-se de uma construção antiga, bonita e imponente, cujas árvores e jardim conferem uma vista especial à fachada do prédio, conforme observado na Figura 4.

Figura 4 – Unidade Praça Manoel Terra da UFTM (Campus I)



Fonte: Acervo da UFTM – Fotógrafo Cláudio Pessoa.

Sobre a arquitetura dos prédios escolares, Escolano ressalta que ela:

[...] pode ser vista como um programa educador, ou seja, como um elemento do currículo invisível ou silencioso, ainda que ela seja, por si mesma, bem explícita ou manifesta. A localização da escola e suas relações com a ordem urbana das populações, o traçado arquitetônico do edifício, seus elementos simbólicos próprios ou incorporados e a decoração exterior e interior respondem a padrões culturais e pedagógicos [...] (ESCOLANO, 2001, p. 45).

Concordando com Escolano é possível inferir que este prédio se tornou símbolo da escola técnica, já que a movimentação de alunos e professores durante o período noturno deu novos ares e vigor à instituição durante os vinte e nove anos em que ela ali esteve instalada.

Em meados de 2019 foram liberadas as salas esperadas no Centro Educacional da UFTM, ocorrendo a transferência dos setores administrativos para este novo espaço. As aulas, que antes aconteciam em salas do *Campus I*, da Unidade Urbano Salomão e do Centro Educacional, passaram a ser concentradas apenas nesse último local, que pode ser divisado na Figura 5.

Figura 5 – Centro Educacional da UFTM



Fonte: Acervo da UFTM – Fotógrafo Edmundo Gomide.

Os cursos

Conforme mencionado anteriormente, os primeiros cursos implantados no Cefores foram: Técnico em Radiologia Médica, Radiodiagnóstico e Radioterapia, seguido dos Cursos de Auxiliar de Farmácia, Técnico em Enfermagem, Auxiliar de Enfermagem, Técnico em Patologia Clínica, Técnico em Farmácia e Técnico em Nutrição e Dietética.

Todos os cursos ofertados inicialmente eram da área da Saúde, sendo que a experiência profissional era, inclusive, pré-requisito para inscrição, conforme observado no edital do primeiro processo seletivo publicado nos Jornais de *Uberaba e da Manhã* e também no *Lavoura e Comércio*.

Maiores detalhes do processo seletivo foram encontrados na íntegra do edital no qual explicitava-se que a seleção para o preenchimento das vagas seria feita por meio de entrevistas e análise do histórico escolar. Observa-se então que, em um primeiro momento, não havia prova escrita para seleção discente, sendo possível inferir que esse formato foi introduzido quando o Cefores passou a atender outras pessoas da comunidade e não necessariamente aqueles que já atuavam na área da Saúde.

Quanto aos critérios, deveriam ser selecionados, dentre os candidatos com 2º grau completo, os que estivessem no exercício de funções iguais ou correlatas na área de Saúde sem a habilitação necessária ou que tivessem experiência profissional na área (FMTM/CEFORES, 1992).

O critério acerca do público para o qual o processo seletivo se destinava corrobora a informação de que havia, na ocasião, diversos funcionários

da área da Saúde atuando sem ter a formação profissional necessária. Além disso, reforça a importância dos cursos técnicos do Cefores na vida dessas pessoas, no sentido de terem oportunidade de ampliar seus conhecimentos e melhorar suas carreiras profissionais.

A propósito, em abril de 1991 o Secretário da Senete enviou ofício para os diretores das escolas técnicas federais informando que a partir de então não seria aprovada a criação de novos cursos com habilitação de nível de Auxiliar Técnico. Tal situação sinalizava a importância que seria atribuída, a partir de então, para a formação de nível técnico e consequentemente aumentava a responsabilidade e a visibilidade do Cefores enquanto instituição formadora de profissionais técnicos.

Diante das constantes transformações do mercado de trabalho e das exigências de novas capacitações, o Cefores sentiu a necessidade de criar novos cursos e ampliar a oferta em outras áreas de ensino. Assim, em 2006 foi criado o Curso Técnico em Saúde Bucal, da área da Saúde, e no ano de 2009 os Cursos Técnicos em Informática, da área da Informação e Comunicação, e Segurança do Trabalho, da área da Segurança.

Com a expansão da oferta de cursos para além da área da Saúde, a partir de 2010 a escola recebeu nova denominação: Centro de Educação Profissional, mantendo-se, entretanto, a sigla, Cefores, que já era conhecida em âmbito nacional.

Ao longo de sua trajetória, além dos cursos técnicos elencados, a escola ofertou turmas de diversos cursos de Formação Inicial e Continuada - FIC, em Uberaba e região, capacitando inúmeros alunos até os dias atuais. Além disso, entre os anos 2012 a 2016 o Cefores ofertou outros cursos técnicos e de FIC por meio do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego - Pronatec, certificando mais de 1800 alunos.

De acordo com Vogado (2019, p. 68), “a implantação do Pronatec no Cefores foi fundamental para confirmar sua identidade de instituição de educação profissional no âmbito da UFTM, bem como em nível local e regional”, uma vez que o número de cursos ofertados e de alunos matriculados e diplomados foi bastante expressivo.

Atualmente, o Cefores oferta os cursos técnicos em Análises Clínicas, Informática, Enfermagem, Farmácia, Radiologia, Saúde Bucal e Segurança do Trabalho, sendo alguns apenas na modalidade subsequente e outros nas modalidades subsequente e concomitante. Os cursos oferecidos na modalidade subsequente são voltados aos alunos que já concluíram o Ensino Médio e os concomitantes são destinados àqueles que ainda o estejam cursando.

Destaca-se também, na trajetória do Cefores, a oferta, desde 2004, do Cursinho de Educação Popular, que é um projeto de extensão universitária destinado aos alunos que concluíram ou que estejam cursando o Ensino Médio em escolas públicas, realizado em parceria com os alunos dos cursos de graduação e pós-graduação da UFTM, que nele atuam como professores voluntários. O

Cursinho tem como objetivo preparar os discentes para os vestibulares e, principalmente, para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Gestores e técnicos administrativos

Em uma instituição escolar existem dois processos que interagem para sua eficácia: a gestão escolar e o ensino (OLIVEIRA; CARVALHO, 2018). Muito embora as práticas pedagógicas componham o cerne da educação, aspectos administrativos diretamente relacionados à gestão escolar podem influenciar nos resultados obtidos, uma vez que:

[...] o impacto do trabalho da gestão escolar na melhora dos resultados acadêmicos dos alunos não se dá de maneira direta [...], mas envolve um verdadeiro trabalho de bastidores que procura garantir o desenvolvimento de outras características apontadas como essenciais para a eficácia escolar (OLIVEIRA; CARVALHO, 2018, p. 5).

Concordando com essas autoras é oportuno lembrar dos diversos gestores e servidores técnico-administrativos que fizeram ou fazem parte da trajetória do Cefores ao longo de seus trinta anos de história.

O Cefores teve até agora sete diretores⁷, sendo que alguns deles assumiram a direção por mais de uma vez. A primeira diretora foi a professora Ana Palmira Soares dos Santos, sendo que entre 1990 a 2007⁸ houve uma alternância, na gestão, entre ela e o professor José Henrique Nunes, ambos participantes, conforme já mencionado, do processo de criação da escola. Intercalando a gestão desses dois professores, o Cefores também teve como diretor o professor Maurício Ferreira. Posteriormente, também assumiram a direção Geraldo Batista Londe, Regina das Dores Maia, Paulo Roberto da Silva e Teresinha das Graças Lima.

Em um primeiro momento, o cargo de diretor do Cefores era indicado pelo responsável máximo da FMTM e, posteriormente, da UFTM. A partir de 2011, o diretor passou a ser eleito pelo Colegiado do Cefores e nomeado pelo Reitor da Universidade. Já nas eleições seguintes foi incluída consulta à comunidade acadêmica como trâmite prévio à eleição pelo Colegiado. A conquista do processo democrático de escolha dos diretores, bem como a legitimação e fortalecimento do Colegiado foram bastante significativos na trajetória institucional, já que a gestão participativa é, conforme Libâneo (2008, p. 126), “a forma de exercício democrático de gestão e um direito de cidadania [...] a gestão participativa é a gestão eficaz”.

7 Inicialmente a denominação utilizada era Chefe do Cefores, e não Diretor(a).

8 Entre 2008 a 2010 a professora Ana Palmira Soares dos Santos também ocupou o cargo de Diretora do Cefores.

Para conhecer um pouco sobre o período de gestão de cada um, todos os diretores tiveram a oportunidade de prestar um depoimento no qual expuseram os principais desafios e dificuldades encontrados enquanto gestores, bem como os momentos mais significativos que vivenciaram na escola.

Durante os períodos de gestão da professora Ana Palmira Soares dos Santos, as principais dificuldades encontradas foram a inexistência de corpo docente, a busca de autorização de vagas e a falta de espaço físico para instalação de laboratórios. Em contrapartida, ela ressalta como significativos:

a) Os momentos de autorização e reconhecimento dos nossos cursos, considerando que a proposta por nós elaborada foi inovadora para época. b) Autorização para ministrar suplência especial de 5ª a 8ª série e do ensino médio, para funcionários do Hospital Escola que atuavam na área de enfermagem, sem a devida certificação. c) Conclusão das primeiras turmas d) Autorização das primeiras vagas para docente do Cefores. e) Aprovação e realização de Curso Técnico em Agente Comunitário de Saúde, Agente de Mobilização Social em Saúde, autorizado pelo Ministério da Saúde e ofertado para os 27 (vinte e sete) municípios da macrorregião Triângulo Sul, com certificação de 676 agentes. f) Convênio com a Secretaria de Estado de Defesa Social (penitenciária) para ofertar cursos profissionalizantes para cidadãos privados de liberdade (SANTOS, 2020).

Conforme exposto pelo professor José Henrique Nunes, sua gestão foi longa e repetidas vezes ele teve que assumir, sendo que sua história na UFTM, enquanto Técnico em Assuntos Educacionais, está mesclada à história do Cefores. Questionado sobre as dificuldades encontradas em sua gestão ele cita a constituição do quadro docente, a falta de orçamento próprio para aquisição de insumos e equipamentos e a dificuldade de espaço.

Apesar desses desafios, o professor José Henrique afirma ter vivido momentos significativos na instituição, como o reconhecimento do trabalho da equipe para mostrar a necessidade dos cursos na comunidade acadêmica e região, bem como a entrega das primeiras turmas habilitadas à comunidade. Ainda de acordo com esse diretor,

[...] o Cefores historicamente significou uma mudança de visão sobre as profissões técnicas, o trabalho de integração multidisciplinar e engajamento formidável de professores de nível superior voluntariamente para que pudessemos transparecer e solidificar o processo de crescimento do Cefores e a instituição à qual estávamos inseridos (NUNES, 2019).

Ao assumir a gestão, o professor Maurício Ferreira já atuava no corpo docente da escola. Acerca do momento em que esteve à frente da instituição,

destaca que ao lado do chefe anterior, professor José Henrique, caminhou na condução de projetos em andamento, como o Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem - Profae. Sobre os momentos mais significativos de sua gestão ele ressalta:

[...] a interlocução entre as várias esferas da então FMTM que propiciou conhecer mais nossos colegas gestores de outras áreas e perceber o que seria trabalhar em conjunto a execução de um orçamento. Também a interação com professores e alunos do Cefores trouxe grande enriquecimento a mim no que tange o compartilhamento de olhares e angústias. Disso sobreveio a certeza de que não estamos sós em nenhuma situação que porventura estejamos inseridos (FERREIRA, 2019).

Em 2007, assumiu a direção o professor Geraldo Batista Londe, que ficou à frente do Cefores entre agosto de 2007 a agosto de 2008 e entre abril de 2013 a abril de 2015. Dentre os principais desafios encontrados no decorrer de sua gestão ele elenca:

[...] o número reduzido de docentes, se comparado ao número de cursos que o Cefores possui, ou a diversidade dos cursos, que demandam docentes para atuarem quase que exclusivamente em um único curso. A falta de uma sede própria para o Cefores, ou uma estrutura que permitisse ampliação do número de turmas em cada curso, aliado, é claro ao contingente de docentes. E a falta de independência para que o Cefores administrasse seus próprios recursos financeiros, o que na minha opinião, resultaria no amadurecimento ou crescimento do próprio Cefores, quanto ao ativo patrimonial, consolidação de estrutura administrativa que proporcionariam captação de mais condições para sanar os dois itens anteriores; ou seja, quanto mais pessoas participando da gestão colegiada do Cefores, quanto mais experiências administrativas, quanto mais acervos a serem trabalhados, maior seria o crescimento do Cefores em termos de estrutura e de pessoal (LONDE, 2019).

Entretanto, em meio a esses desafios, o professor Geraldo ressalta, como momentos significativos de sua gestão, a formatura de cada turma, que se configura na consagração de um docente. Além disso, ele também destaca a ampliação do número de docentes e de técnicos administrativos para o quadro do Cefores e a conquista da possibilidade de eleições democráticas para os cargos de diretor e coordenações.

Também compôs o quadro de diretores do Cefores a economista Regina das Dores Maia, que em novembro de 2008 foi designada para substituir a então diretora Ana Palmira, nos impedimentos e afastamentos legais. Com a nomeação dessa professora como pró-reitora de Recursos Humanos, em agosto

de 2010, a economista assumiu a direção como substituta e em dezembro do mesmo ano foi nomeada Diretora Interina até março de 2011, quando ocorreu a primeira eleição para diretor do Cefores.

Sobre sua gestão ela destaca que, num primeiro momento, houve

[...] uma transformação da identidade profissional, foi necessária uma grande dedicação, identificar prioridades, coordenar esforços, alocar recursos, construir relacionamentos com superiores e pares, lidar com o estresse da nova função e enxergar problemas de forma mais ampla para definir e delegar tarefas, dar e receber orientações, monitorar e avaliar o desempenho de si mesmo, dividir e motivar com pares as responsabilidades e principalmente lidar com dificuldades e desafios. O maior desafio é não atender às expectativas dos colegas e, também tomar decisões equivocadas ou precipitadas. A maior dificuldade é lidar com a diversidade administrativas e educacionais (MAIA, 2020).

Mesmo ficando apenas alguns meses na gestão, Maia (2020) ressalta que os momentos mais significativos foram a colaboração, apoio e confiança dos colegas que foram suporte diante dos desafios, a conquista de espaço físico para atender às necessidades dos cursos dentro do Hospital Escola e o espírito coletivo, a atuação em grupo e o autocontrole em situações difíceis. Além disso, ela considera significativa:

[...] a conquista de espaço físico, uma sala de suporte no Hospital Escola para atender aos professores e alunos que realizavam estágios nas dependências do Hospital. Essa conquista foi realizada devido ao reconhecimento pelo reitor Virmondes Rodrigues Junior da necessidade e que se dispôs a ceder um espaço físico, nos orientando a permanecer em frente à porta da sala disponibilizada até receber a chave, assim fiquei uma manhã e saí feliz com a chave na mão [...]. Outro espaço físico conquistado na época foi uma sala para os professores do Cefores no Campus I, também com a intervenção do professor Virmondes (MAIA, 2020).

Cabe ressaltar que a atuação da servidora Regina na Direção do Cefores foi muito significativa para o segmento técnico-administrativo, pois até então todos os diretores também eram professores, mesmo aqueles pertencentes ao quadro técnico. Embora o Regimento atual da UFTM disponha que somente docentes podem se candidatar a cargos de Direção, sua atuação demonstrou que o técnico administrativo tem condições de ocupar esse cargo com desenvoltura, uma vez que no dia a dia institucional ele acompanha tanto as questões administrativas quanto as pedagógicas.

O primeiro diretor eleito pelo Colegiado foi o professor Paulo Roberto da Silva, que ficou à frente da instituição entre 2011 a 2013, reassumindo o cargo em 2017 até os dias atuais. Dentre as principais dificuldades encontradas ele destaca, na primeira gestão, a redução do número de docentes em decorrência da dispensa dos professores substitutos. Já na segunda, ele cita o fato de o Banco de Professor Equivalente - BPEq⁹ estar negativo, o que dificultava a contratação de substitutos ou a realização de concurso para docentes. Ele ainda acrescenta que, na gestão atual, continua sendo um desafio a recomposição do BPEq, apesar de ele não estar mais negativo.

Acerca dos momentos mais significativos, além da aprovação do Regulamento do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico da UFTM, pelo seu Conselho Superior – Consu – e da transferência do setor administrativo e pedagógico do Campus I para o Centro Educacional, ambos em 2019, ele relembra a oferta do Pronatec pelo Cefores:

Na gestão de 2011 a 2013, o Cefores conquista a oportunidade de ser ofertante de cursos pelo Pronatec, que oportunizou, de forma gratuita, novas vagas de cursos técnicos e também de FIC, para a comunidade de Uberaba e região, principalmente para as pessoas mais pobres. [...]. Não posso também deixar de destacar que ser ofertante do Pronatec divulgou e ampliou muito a imagem do Cefores no município de Uberaba e região, como escola técnica (SILVA, 2019).

Em relação à professora Teresinha das Graças Lima, cuja gestão foi de 2015 a 2017, ela também retoma, como principal dificuldade encontrada, o estabelecimento do BPEq pois, estando negativo, não permitia a contratação de professores para suprir a falta daqueles que se encontravam em afastamento. Entretanto, em meio a essas dificuldades, ela lembra que “houve o desdobramento de esforços [...] e também a colaboração de professores voluntários para que os nossos discentes não ficassem prejudicados e não aumentasse o tempo de integralização dos cursos” (LIMA, 2019).

Como momento significativo em sua gestão, ela ressalta a oferta do Pronatec e o apoio recebido dos docentes, técnicos administrativos, coordenadora geral de cursos e coordenadora pedagógica.

É meu anelo que o Cefores cresça sempre! É meu anelo que todos nós tenhamos um ambiente tranquilo e sereno para que possamos rece-

9 Indicador criado pelo Ministério da Educação para servir como base de cálculo na determinação da quantidade de docentes de cada instituição de ensino do Governo Federal, ponderando-se as respectivas cargas horárias. Um professor de 40 horas semanais possui a equivalência real de um para um. Já um professor de 20 horas semanais equivale a 0,67. E, por fim, um professor de 40 horas com dedicação exclusiva equivale a 1,59.

ber bem os nossos alunos e devolver profissionais capacitados e competentes para a sociedade, tendo estes sempre um rumo certo na vida (LIMA, 2019).

As palavras de Lima (2019) permitem reportar a Libâneo (2008, p. 103), ao afirmar que:

Uma equipe é um grupo de pessoas que trabalha junto, de forma colaborativa e solidária, visando à formação e a aprendizagem dos alunos. Do ponto de vista organizacional, é uma modalidade de gestão que, por meio da distribuição de responsabilidades, da cooperação, do diálogo, do compartilhamento de atitudes e modos de agir, favorece a convivência, possibilita encarar as mudanças necessárias, rompe com as práticas individualistas e leva a produzir melhores resultados de aprendizagem dos alunos.

Concordando com Libâneo (2008), é oportuno ressaltar o papel dos servidores técnicos administrativos que, trabalhando nos bastidores, garantem o bom funcionamento da instituição. Além disso, conforme pontuado por Rodrigues (2019, p. 2),

[...] sendo o ambiente escolar, por essência, um ambiente educativo, cada pequena ação realizada na instituição é um ato formativo. Desta forma, o ato formativo não se restringe à relação entre professor e aluno, mas todos que trabalham nesse tipo de instituição também são considerados educadores.

Diversos foram os servidores que passaram pelo Cefores nesses trinta anos de existência que atuaram no setor administrativo ou nos laboratórios, sendo impossível nomear a todos. Nos cinco primeiros anos de existência, os servidores lotados no DRCA que atendiam aos cursos de graduação também passaram a fazer o registro acadêmico dos discentes do Cefores.

Posteriormente, o Cefores começou a compor seu próprio corpo administrativo, sendo que os primeiros servidores que foram trabalhar na escola foram Oneida Clemente Cardoso (1993 a 2016), Ione Lucilene Garcia (1995 a 2012) e Humberto Parreira (1998 a 2005). O tempo de permanência na instituição, o conhecimento acumulado e a dedicação ao trabalho permitem concordar com as palavras de Rodrigues (2019) já citadas e afirmar que tais servidores, bem como outros que entraram posteriormente, foram também educadores que contribuíram no processo de consolidação do Cefores.

Sobre o período de trabalho na instituição, Garcia (2019) destaca que “[...] foram 17 anos de muito trabalho e muitas alegrias. [...] Hoje como espectadora fico muito feliz de ver o Cefores num espaço mais adequado, com

maior número de alunos, enfim reconhecimento do trabalho nesses 30 anos”. Parreira (2020) também inclui como momentos significativos

[...] a aprovação de projeto de reestruturação de área administrativa e acadêmica que permitiram a reforma física e estrutural do centro administrativo, assim como a aquisição de equipamentos e diversos materiais que subsidiaram as aulas práticas naquele momento. Outro momento marcante foi a participação do Cefores em projetos do Governo Federal que possibilitaram a qualificação de muitos alunos que viraram profissionais, tanto do município de Uberaba como também da região e é sempre gratificante encontrar ex-alunos no mercado de trabalho contribuindo para uma sociedade melhor.

Atualmente, o Cefores conta com 28 servidores no corpo técnico-administrativo, de diversos cargos e formações acadêmicas, sendo que 3 estão lotados na Coordenadoria Pedagógica, 1 na Coordenadoria Geral de Cursos Técnicos, 13 nos ambientes organizacionais vinculados à Coordenadoria Geral de Cursos Técnicos, 8 na Seção Administrativa e 3 na Seção de Registro Acadêmico. A ampliação do quadro técnico é um dos indicadores da projeção alcançada pelo Cefores em seus trinta anos de existência.

Corpo docente

Conforme observado na seção anterior, nos depoimentos dos Diretores do Cefores, quase todos mencionaram como dificuldade o reduzido número de professores para atender à demanda dos cursos. Inicialmente, foi necessário contar com a colaboração de docentes dos cursos de graduação da FMTM e outros professores da comunidade para que o projeto de criação da escola pudesse ser efetivado.

À medida que a escola técnica foi se consolidando, foi possível realizar concursos públicos que permitiram a efetivação de alguns professores, mas o quadro docente precisava ser complementado com a contratação de professores substitutos cuja vigência do contrato era apenas de dois anos. Com isso, havia grande rotatividade de professores, fato que inviabilizava a continuidade do trabalho pedagógico.

Com o tempo, foi possível expandir o quadro docente do Cefores. Tal ampliação, conforme lembrado por Londe (2019), mesmo não tendo resolvido plenamente o *déficit* de professores, proporcionou um alívio e até mesmo adequações mínimas para alguns cursos. Na atualidade, o Cefores conta com um corpo docente composto por 28 professores efetivos, sendo que destes 21 trabalham em regime de dedicação exclusiva e 7 em regime de 20 horas semanais. São professores de diversas áreas de formação, sendo que 14 possuem titulação de doutor, 9 de mestre e 5 de especialista.

Possuir um quadro docente composto por professores efetivos e, em sua maioria em dedicação exclusiva, permitiu ao Cefores ampliar as atividades de Pesquisa e Extensão que, juntas com as atividades de Ensino, compõem o tripé do processo formativo discente e constituem-se um diferencial dessa escola técnica, que preza pela formação de profissionais capazes de intervir na realidade social com autonomia e competência.

Corpo discente

A princípio, conforme já mencionado, o corpo discente era composto principalmente por trabalhadores da área da Saúde do Hospital Escola. Ao longo do tempo, com a criação de outros cursos, a possibilidade de oferta nas modalidades concomitante e subsequente, nos períodos vespertino e noturno, além do ingresso para portadores de diploma em áreas afins, a escola ampliou e diversificou o público atendido.

Na Tabela 1 é possível identificar o número de concluintes por curso técnico, desde a criação do Cefores:

Tabela 1 – Concluintes dos cursos técnicos do Cefores– 1990 a 2019

CURSOS	CONCLUINTES
Técnico em Análises Clínicas	390
Técnico em Enfermagem	1086
Técnico em Farmácia	300
Técnico em Informática	52
Técnico em Nutrição e Dietética	158
Técnico em Radiologia	480
Técnico em Saúde Bucal	136
Técnico em Segurança do Trabalho	85

Fonte: Seção de Registro Acadêmico do Cefores, 2019

Além dos cursos técnicos, os discentes também têm a oportunidade de se prepararem para a vida produtiva e social, com inserção e/ou reinserção no mundo do trabalho, por meio dos cursos de FIC. Na Tabela 2 é possível observar o número de concluintes dos cursos de FIC ofertados até então pelo Cefores.

Tabela 2 – Concluintes dos cursos de FIC do Cefores– 1990 a 2019

CURSOS	CONCLUINTES
Auxiliar de Enfermagem	1069
Auxiliar de Farmácia	29
Informática (Penitenciária)	9
Panificação (Penitenciária)	11
Higiene e Limpeza (Penitenciária)	8
Agente Comunitário em Saúde (Capacitação Docentes)	159
Agente Comunitário em Saúde (Capacitação Alunos)	1260

Fonte: Seção de Registro Acadêmico do Cefores, 2019.

Acerca dos ex-alunos e do trabalho desenvolvido pelo Cefores junto à comunidade, são pertinentes as palavras de Londe (2019) ao enfatizar que:

[...] uma prova de que todos nós realizamos um trabalho no mínimo satisfatório, é o progresso de ex-alunos, que podemos acompanhar em instituições da rede privada, em cargos de grande relevância na sociedade e também de muitos que foram aprovados em concursos em instituições renomadas; assim a presença de ex-alunos atuando na própria UFTM, com qualidade e capacidade, ressalta que sempre estamos reclamando de algo ou buscando melhorar sempre, embora nossas realizações já afirmem que estamos realizando um bom trabalho. Como exemplo deste item, cito o professor Tony de Paiva Paulino, ex-aluno e hoje um excelente docente no Cefores/UFTM, em representação a todos os ex-alunos que nos dão a satisfação ou reconhecimento de que valeu todo esforço empreendido até aqui e nos motiva a mais esforços para o futuro.

Sobre este aspecto, Silva (2019) também pondera que o Cefores “oportunizou mudança nas vidas dos estudantes, pessoal e profissional e ainda melhora a condição de vida de muitas famílias”. Analisando o depoimento desses dois diretores é possível afirmar, em consonância com Miranda (2008, p. 2), que “a interação professor-aluno ultrapassa os limites profissionais e escolares, pois é uma relação que envolve sentimentos e deixa marcas para toda a vida”.

Considerações finais

Conforme proposto inicialmente, a escrita deste capítulo teve como escopo desvelar os sentidos atribuídos ao Cefores ao longo de seus trinta anos de prestação de serviços educacionais à população de Uberaba e região. A análise do corpus documental – composto por diversos depoimentos e documentos pertencentes ao acervo do Cefores – forneceu elementos que permitiram dimensionar as ações orquestradas por diferentes sujeitos no processo de criação e ampliação da escola.

No percurso realizado de 1990 até hoje, a instituição enfrentou inúmeros desafios – especialmente no que se refere a espaço físico e composição do quadro de professores – e vivenciou inúmeras conquistas que permitiram consolidar seu nome no cenário local e regional, por meio da inserção de um significativo número de técnicos no mercado de trabalho.

Entretanto, concordando com Nosela e Buffa (2009, p. 56) temos consciência de que uma pesquisa “é um conjunto de possibilidades que o pesquisador percebe e desenvolve”. Sendo assim, a análise empreendida neste capítulo foi realizada a partir da nossa perspectiva enquanto autoras, que não deixou de ser influenciada por nosso envolvimento afetivo com a instituição. Assim, esperamos que outras pesquisas possam somar-se a esta de forma a ampliar o debate acerca do papel social desempenhado pelo Cefores ao longo de sua existência.

Referências

BOTO, Carlota. Nova história e seus velhos dilemas. **Revista USP**, São Paulo, nº. 23, p. 23-33. Set/nov. 1994.

ESCOLANO, A. Arquitetura como programa. Espaço-escola e currículo. In: VIÑAO FRAGO, Antonio.; ESCOLANO, Augustin. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FERREIRA, Maurício. **[Centro de Educação Profissional]**. Uberaba, 17 de dezembro de 2019. Depoimento concedido aos organizadores do Projeto de Extensão “Cefores, 30 anos de história”.

FMTM/CEFORES. **Processo de Reconhecimento dos Cursos Técnicos do Cefores- FMTM**. Uberaba, 1992.

FMTM/CEFORES. **Projeto Executivo de Arquitetura para “Construção do Cefores - Centro de For. Esp. do II Grau em Saúde”**. Uberaba, 03 de fevereiro de 1993.

FMTM/CEFORES. **Cefores: Centro de Formação Especial de 2º grau em Saúde**. Uberaba, 1996.

GARCIA, Ione Lucilene. **[Centro de Educação Profissional]**. Uberaba, 17 de dezembro de 2019. Depoimento concedido aos organizadores do Projeto de Extensão “Cefores, 30 anos de história”.

GOMES, Maria Terezinha Serafim. Dinâmica econômica e cidades médias: uma análise sobre a cidade de Uberaba na região do Triângulo Mineiro. **Geosp Espaço e Tempo** (Online), v. 19, n. 3, p. 516-534, set-dez. 2015.

HOBBSAWN, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. Goiânia: MF Livros, 2008.

LIMA, Teresinha das Graças. **[Centro de Educação Profissional]**. Uberaba, 10 de dezembro de 2019. Depoimento concedido aos organizadores do Projeto de Extensão “Cefores, 30 anos de história”.

LONDE, Geraldo Batista. **[Centro de Educação Profissional]**. Uberaba, 17 de dezembro de 2019. Depoimento concedido aos organizadores do Projeto de Extensão “Cefores, 30 anos de história”.

MAIA, Regina das Dores. **[Centro de Educação Profissional]**. Uberaba, 07 de fevereiro de 2020. Depoimento concedido aos organizadores do Projeto de Extensão “Cefores, 30 anos de história”.

MIRANDA, Elis. A influência da relação professor-aluno para o processo de ensino-aprendizagem no contexto afetividade. **8º Encontro de Iniciação Científica e 8ª Mostra de Pós-Graduação**. FAFIUV, 2008.

NOSELA, Paolo; BUFFA, Ester. **Instituições escolares**: por que e como pesquisar. Campinas: Alínea, 2009.

NUNES, José Henrique. **[Centro de Educação Profissional]**. Uberaba, 14 de novembro de 2019. Depoimento concedido aos organizadores do Projeto de Extensão “Cefores, 30 anos de história”.

OLIVEIRA, Ana Cristina Prado de; CARVALHO, Cynthia Paes de. Gestão escolar, liderança do diretor e resultados educacionais no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. v. 23 e23, 2018.

PARREIRA, Humberto. **[Centro de Educação Profissional]**. Uberaba, 8 de janeiro de 2020. Depoimento concedido aos organizadores do Projeto de Extensão “Cefores, 30 anos de história”.

RODRIGUES, Veralice Cardozo. **A importância de uma comunicação eficiente para o bom funcionamento de uma secretaria escolar**. Artigo Científico (Especialização em Secretaria Escolar) - Faculdade Única de Ipatinga, Coronel Fabriciano, 2019.

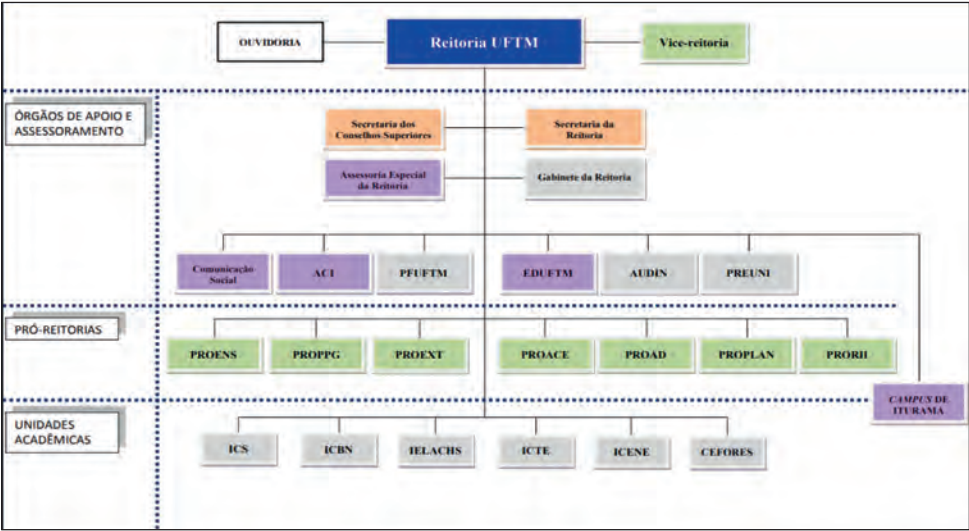
SANFELICE, José Luiz; História das instituições escolares. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura et al. (Org). **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SANTOS, Ana Palmira Soares dos. [Centro de Educação Profissional]. Uberaba, 10 de fevereiro de 2020. Depoimento concedido aos organizadores do Projeto de Extensão “Cefores, 30 anos de história”.

SILVA, Paulo Roberto da. [Centro de Educação Profissional]. Uberaba, 10 de dezembro de 2019. Depoimento concedido aos organizadores do Projeto de Extensão “Cefores, 30 anos de história”.

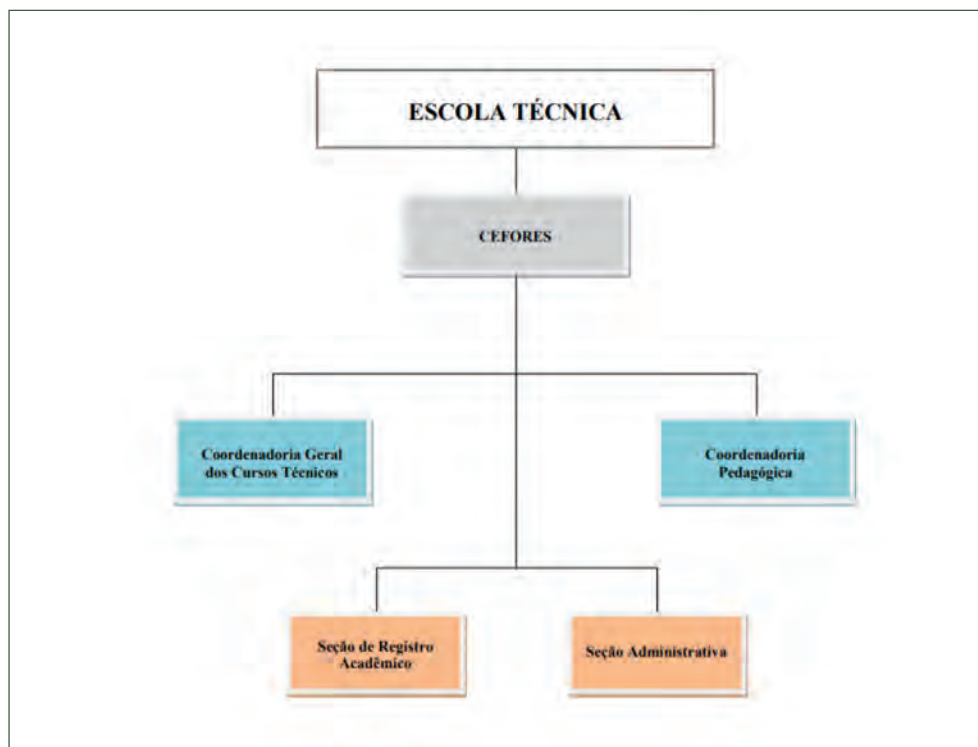
VOGADO, Núbia Nogueira de Freitas. Implantação do PRONATEC em uma escola técnica vinculada a uma universidade federal: nascimento, maturidade e declínio. **Revista Triângulo**. Uberaba, Minas Gerais Vol. 12 n.2 p. 51 –72, 2019.

Anexo A – Organograma da UFTM



Fonte: Site institucional da UFTM, 2019.

Anexo B – Organograma do Cefores



Fonte: Site institucional da UFTM, 2019.

PARTE II

GÊNESE E TRAJETÓRIA DOS CURSOS TÉCNICOS



CURSO TÉCNICO EM ANÁLISES CLÍNICAS

Rafael Faria de Oliveira¹
Elaine Cristina Bento Oliveira²
Paulo Roberto da Silva³

Contextualização Histórica

Na década de 1990, Uberaba era uma das cidades em maior desenvolvimento da região sul do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, sendo considerada cidade polo, com grande vocação para o desenvolvimento em diversos setores da economia, dentre eles, o agroindustrial, com acelerado desenvolvimento tecnológico, aquecimento do comércio e serviços. A evidente modernização do município, os novos investimentos, a existência de um amplo e sólido sistema educacional e a qualidade da saúde pública atraíram muitas empresas.

Com o crescente aumento populacional, decorrente principalmente do processo de imigração, houve uma preocupação quanto à necessidade de ampliação dos serviços na área de Saúde. A capacidade de atendimento na rede pública de saúde e a existência de um mercado privado de grande potencial abriram perspectivas para a inserção de novos profissionais na área.

Tendo em vista a necessidade do município de garantir o suprimento de recursos humanos para atender às diversas áreas da Saúde, o Ministério da Educação autorizou, por meio da Portaria 73, de 29 de junho de 1990, o funcionamento do Centro de Formação Especial de 2º Grau em Saúde - Cefores com autorização para a oferta dos cursos Técnicos em Nutrição e Dietética; Enfermagem; Patologia Clínica; Radiologia Médica, Radiodiagnóstico e Radioterapia e cursos de Auxiliares de Farmácia e Enfermagem.

1 Doutor em Medicina Tropical e Infectologia (Parasitologia e Imunologia Aplicadas) pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: rafael.oliveira@uftm.edu.br.

2 Doutora em Medicina Tropical e Infectologia (Parasitologia e Imunologia Aplicadas) pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: elaine.oliveira@uftm.edu.br.

3 Doutor em Ciências da Saúde (Patologia Clínica) pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: paulo.roberto.silva@uftm.edu.br

Os primeiros cursos oferecidos pelo Cefores foram os técnicos em Enfermagem e Radiologia Médica, Radiodiagnóstico e Radioterapia e os auxiliares de Farmácia e Enfermagem. Devido à falta de espaço físico adequado, o Curso Técnico em Patologia Clínica não foi iniciado.

Em 1993, o Diretor da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro -FMTM, professor Valdemar Hial e a Diretora do Cefores, professora Ana Palmira Soares dos Santos, enviaram um ofício ao Ministro de Estado da Educação e Desporto, o excelentíssimo professor Murílio Avelar Hingel, apresentando um projeto para a construção da estrutura física do Cefores, visando à adequação dos cursos em andamento e a viabilização para abertura dos cursos técnicos em Patologia Clínica e em Nutrição e Dietética.

Em trecho do ofício, o professor Valdemar Hial explicou o motivo pelo qual os cursos não foram iniciados e demonstrou a necessidade de suas aberturas: “Os demais cursos de Nutrição e Dietética e Patologia Clínica ainda não foram colocados em funcionamento por falta estrita de espaço físico” (FMTM/CEFORES, 1993, p. 1) e “Sabemos que esses cursos muito representam para a melhoria da qualidade dos serviços da saúde, a par do grande interesse do seu Ministério em prover os municípios de uma educação técnica competente” (FMTM/CEFORES, 1993, p. 1).

Apesar do empenho das Direções da FMTM e do Cefores, o pedido de novo espaço físico para a Escola Técnica não foi atendido. Entretanto, graças a uma ação conjunta entre o Cefores e alguns docentes do Curso de Medicina, foi possível a abertura do Curso Técnico em Patologia Clínica, utilizando alguns laboratórios das disciplinas da graduação e contando com a contribuição de vários professores voluntários da FMTM.

Dentre esses voluntários, a professora Roseli Aparecida da Silva Gomes, uma das idealizadoras do curso, desempenhou um papel crucial. Inicialmente, de janeiro de 1992 a dezembro de 1994, ela foi responsável pelo Setor de Bioquímica do Serviço de Patologia Clínica do Hospital Escola da FMTM e, posteriormente, a partir de outubro de 1997, foi Chefe desse Serviço. Sua atuação permitiu um olhar crítico sobre as dificuldades da força de trabalho da época, levando-a a buscar soluções. Além de ter atuado como docente voluntária, foi a principal responsável pelo curso até que se iniciaram as coordenações oficiais.

A Primeira Turma do Curso Técnico em Patologia Clínica iniciou seus estudos em agosto de 1993, obtendo 18 discentes concluintes em dezembro de 1994, que escolheram a professora Roseli Aparecida da Silva Gomes como Nome da Turma. Na Figura 1 é possível visualizar o Convite da Solenidade de Formatura dessa turma.

SOLENIDADES

MISSA
10 de fevereiro de 1995 - 18:00 horas
Local: Capela do Hospital São Domingos
Rua Frei Paulino Nº 42

COLAÇÃO DE GRAU
10 de fevereiro de 1995 - 20:30 horas
Local: Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro
Centro Educacional e Administrativo
"Prof. Valdemar Hial"
Rua Frei Paulino Nº 30 - Uberaba - MG

DIRETOR: Prof. Nilson de Camargos Roso
DIRETORA DO CEFORES: Ana Palmira Soares
dos Santos

PARANINFO: Prof. Valdemar Hial
PATRONO: Prof. Euripedes José Florentino Motta

PROFESSORES

Ana Paula Sarrete Terra
Angela das Graças Silva
Célio Santos Almeida
Donatili Alves Martins Ribeiro
Eláide Ferreira
Euripedes José F. Motta
Jair Gonçalves Borges
João Franquini Júnior
José Martins Júnior
Livia das Graças Vieito L. Toodoro
Luiz Carlos Moreira Lopes
Maria das Graças Reis
Maria Laura Pinto Rodrigues
Maria Regina B. Toodoro dos Santos
Roseli Aparecida Silva Gomes
Roseli Aparecida Silva
Sheila Soares

FORMANDOS

Anderson de Oliveira Vieira
Doralice da Fonseca
Douglas Nunes Filho
Elair Osmar dos Santos
Elida da Silva
Eliezer Carvalho da Silva
Elizabeth das Dores A. de Lima
Fátima Aparecida de A. Collange
Kelly Cristina Ruiz Colange
Manoel Pedro Borges Nunes
Marco Túlio Parolini
Maria Augusta Marques
Monica Maria Alberto
Neide Soares Ribeiro
Nilce Samacina
Paulo Sérgio G. Sobrinho
Sandra Liliana Z. Mendoza de Lazo
Sirley Rosa da Silva

SUPERVISORES TÉCNICOS

Joé Alberto Goulart
Joé Henrique Crounel da Silva
ORADOR: Nilce Samacina
JURAMENTO: Douglas Nunes Filho

HOMENAGEM ESPECIAL
Prof. Sheila Soares
Prof. Eláide Ferreira

HOMENAGEM AFETIVA
Joé Henrique C. Silva

CONVITE

Os Formandos da I Turma do Curso Técnico em Patologia Clínica da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, tem o prazer de convidar a V.Sa. e Exma. Família para a solenidade de sua Formatura.

A trajetória do Centro de Educação Profissional da UFTM

Ainda analisando-se a Figura 1, observou-se que o professor Valdemar Hial foi escolhido como paraninfo e o professor Eurípedes José Florentino Motta como patrono. Como homenageados, foram escolhidas as professoras Sheila Soares e Élade Ferreira, bem como o supervisor técnico José Henrique Cruvinel da Silva.

Os docentes que atuaram nessa turma foram: Ana Paula Sarreta Terra, Ângela das Graças Silva, Célio Santos Almeida, Donatil Alves Martins Ribeiro, Élade Ferreira, Eurípedes José Florentino Motta, Jair Gonçalves Borges, João Fraquini Júnior, José Martins Júnior, Livia das Graças Vieito Lombardi Teodoro, Luiz Carlos Moreira Lopes, Maria das Graças Reis, Maria Laura Pinto Rodrigues, Maria Regina Basílio Teodoro dos Santos, Roseli Aparecida Silva Gomes, Roseli Aparecida Silva e Sheila Soares.

O Curso Técnico em Patologia Clínica foi reconhecido pela Portaria Semtec/MEC nº 99, de 16 de julho de 1997, conforme disposto na Figura 2, com uma proposta que visava formar profissionais com competências suficientes para atuarem, à época, como Técnico em Patologia Clínica, integrando-se com os demais profissionais da área da Saúde na elucidação do diagnóstico de laboratório. Cabe ressaltar que, no ano de 2010, para adequar-se ao Catálogo Nacional de Cursos Técnicos, a denominação “Técnico em Patologia Clínica” foi substituída por “Técnico em Análises Clínicas”.

Figura 2 – Portaria de Reconhecimento do Curso Técnico em Patologia Clínica.

16050	SEÇÃO 1	DIÁRIO OF
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA		
PORTARIA Nº 99, DE 16 DE JULHO DE 1997		
O SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO, no uso de suas atribuições legais e de conformidade com os artigos 9º e 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, o Decreto nº 2.208/97, os Pareceres nºs 3.764/74, 771/64, 825/79, 2.934/75, 45/72, 1.263/73, 3.814/76, 1468/79, 4.089/74 e resolução 07/77 do Exlinto Conselho Federal de Educação, e tendo em vista o que consta no Processo nº 23001.001844/94 - 62, resolve:		
I - Declarar a regularidade de estudos do Curso Técnico em Patologia Clínica, ministrado pela CEFORES da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro.		
II - Autorizar o Curso de Suplência em Auxiliar de Enfermagem.		
III - Aprovar a transformação do Curso de Auxiliar de Farmácia em Curso Técnico de Farmácia.		
IV - Aprovar as alterações nas grades curriculares dos Cursos Técnicos em Radiologia Médica, Radiodiagnóstico/Radioterapia, Técnico em Enfermagem, Técnico em Nutrição e Dietética e Auxiliar de Enfermagem.		
V - Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.		
ÁTILA LIRA		
(OE. nº 1.424/97)		

Fonte: Diário Oficial da União.

Em 1999, o Conselho Nacional de Educação na Câmara de Educação Básica - CNE/CEB publicou a Resolução nº 04/99, que promoveu reformas na educação profissional de nível técnico. Os currículos deixaram de centrar-se em conteúdos e grades de disciplinas e passaram a indicar diretrizes

curriculares em forma de competências. O Curso Técnico em Patologia Clínica adaptou-se às novas condições.

Com o intuito de atualizar a educação técnica às necessidades de mercado atuais e às recentes modificações legais, o grupo responsável pela proposta pedagógica primou por idealizar, na matriz curricular, uma melhor preparação do educando para o trabalho e o exercício da cidadania. Durante o processo de criação do Curso Técnico em Patologia Clínica, utilizou-se uma grade curricular compatível com a estrutura física e o corpo docente da época, conforme observado na Figura 3.

Com o decorrer dos anos, essa grade foi aprimorada, sendo criadas três versões de projeto pedagógico e cinco versões de matriz curricular. De 1993 a 2011, o curso apresentava duração de três semestres. Em 2012, houve uma alteração de matriz e o curso passou a ser ofertado em quatro semestres. Em 2019, com o objetivo de alcançar novos públicos, realizou-se uma alteração do Projeto Pedagógico do Curso, que passou a ser ofertado, não só na modalidade subsequente no período noturno, mas também nas modalidades concomitante e subsequente no período vespertino, conforme disposto na Figura 4.

Em relação aos docentes que atuaram nas disciplinas específicas do Curso Técnico em Análises Clínicas, os primeiros eram, em sua maioria, voluntários, contratados ou substitutos. Em 2004, ocorreu o primeiro concurso de professor efetivo para atuar no regime de 20 horas semanais, por meio do qual a professora Denise Bertulucci Rocha Rodrigues foi nomeada e assumiu as disciplinas de Fundamentos em Patologia Geral e Histotécnica, Imunologia I e II e Histotécnica. De 1997 a 2001, antes de ser nomeada professora efetiva, ela já atuava no curso como professora contratada pela Fundação de Ensino e Pesquisa de Uberaba – Funepu – e de 2001 a 2003 como professora substituta. Além de docente, entre 2000 e 2013, foi Coordenadora do Curso. Também se destacou na produção em pesquisa científica, atuando na área de Imunopatologia, com ênfase em imunologia aplicada a processos inflamatórios e infecciosos e doenças da cavidade oral.

Figura 3 – Grade Curricular da Primeira Turma do Curso Técnico em Patologia Clínica

GRADE CURRICULAR

Técnico em Patologia Clínica

(Parecer nº 24/95
de 12/12/95 a 15/1/97)

MATÉRIAS	DISCIPLINAS E ATIVIDADES	CARGA HORÁRIA			
		1º	2º	3º	Total
1. Fundamentos de Patologia Clínica /	1. Fundamentos de Patologia Clínica (História, Conhecimentos Gerais, Aparelhos e Equipamentos/Materiais,	60	60		120
2. Noções de Administração /	2. Noções de Administração		60		60
3. Biologia Celular /	3. Biologia Celular	45	45		90
4. Bioquímica /	4. Bioquímica	45	45		90
5. Hematologia /	5. Hematologia	45	45		90
6. Parasitologia /	6. Parasitologia	45	45		90
7. Imunologia /	7. Imunologia	45	45		90
8. Microbiologia /	8. Microbiologia	45	45		90
9. Psicologia e Ética Profissional /	9. Psicologia e Ética Profissional	45	45		90
10. Português Aplicado /	10. Português Aplicado	60			60
11. Estudos Regionais /	11. Estudos Regionais	15	15		30
Sub-Total		450	450		900
Estágio Supervisionado /				300	300
TOTAL		450	450	300	1200

1º Semestre - 450 horas
30 horas semanais

2º Semestre - 450 horas
30 horas semanais

3º Semestre (Estágio) - 300 horas
20 horas semanais

ASSOCIAÇÃO DE REGULAÇÃO E AVALIAÇÃO DE ENSINO
ASSEJUR/SENTE/MEC

APROVADO

Em 29/06/1990 / Portaria nº 73 - D.O.U. 02.06.1990
SENTE/ALENE/ASSEJUR/MEC - pag. 354

Jose Artur de Almeida
Chefe da Comissão de Avaliação
MEC - São Paulo

Fonte: Acervo do Cefores/UFTM.

Figura 4 – Matriz Curricular do Curso Técnico em Análises Clínicas de 2019

MATRIZ CURRICULAR DO CURSO TÉCNICO EM ANÁLISES CLÍNICAS (Vigência a partir de 2020 /1º semestre) (Parte integrante da Decisão Normativa nº 117, de 10 de Dezembro de 2019, do COENS da UFTM) 1º Período - CIÊNCIAS DA NATUREZA E BASES INSTRUMENTAIS						
Componente Curricular	Horas-Aula					Pré-requisito
	Teórica	Prática	NP*	PP**	Total	
Anatomia Humana	40	20	15	-	75	-
Biologia Celular	42	6	12	-	60	-
Química Aplicada à Análises Clínicas	32	16	12	-	60	-
Matemática Aplicada à Análises Clínicas	36	0	9	-	45	-
Biosegurança	36	0	9	-	45	-
Histotécnica	10	26	9	-	45	-
Fundamentos de Análise Clínicas	42	30	18	-	90	-
Subtotal	238	98	84	-	420	-
2º Período - FUNÇÕES BÁSICAS DO TÉCNICO DA SAÚDE						
Componente Curricular	Horas-Aula					Pré-requisito
	Teórica	Prática	NP*	PP**	Total	
Hematologia	46	26	18	-	90	-
Histologia	20	16	9	-	45	-
Fisiologia Humana	60	0	15	-	75	-
Noções Básicas de Informática	36	0	9	-	45	-
Primeiros Socorros	36	0	9	-	45	-
Linguagens e metodologias	36	0	9	-	45	-
Patologia Geral	30	42	18	-	90	-
Subtotal	264	84	87	-	435	-
3º Período - APOIO AO DIAGNÓSTICO						
Componente Curricular	Horas-Aula					Pré-requisito
	Teórica	Prática	NP*	PP**	Total	
Parasitologia	64	3	18	-	90	-
Microbiologia	40	32	18	-	90	-
Imunologia	42	30	18	-	90	-
Bioquímica	30	6	9	-	45	-
Biologia Molecular Aplicada ao Diagnóstico	26	10	9	-	45	-
Administração	48	0	12	-	60	-
Subtotal	250	86	84	-	420	-
4º Período - APLICAÇÃO PRÁTICA E ESTÁGIOS						
Componente Curricular	Horas-Aula					Pré-requisito
	Teórica	Prática	NP*	PP**	Total	
Parasitologia Aplicada ao Diagnóstico	0	36	9	-	45	-
Imunologia Aplicada ao Diagnóstico	0	36	9	-	45	-
Bioquímica Aplicada ao Diagnóstico	18	18	9	-	45	-
Legislação, Ética e Marketing Profissional	60	0	15	-	75	-
Subtotal	78	210	42	-	330	-
horária a distância (Não Presencial)						
Componentes Curriculares		Horas-Aula				
		Teórica	Prática	NP	PP	Total
Componentes Curriculares Gerais		830	338	297	-	1465
Estágio Supervisionado		-	120	-	-	120
TOTAL		830	478	297	-	1605

Fonte: Acervo do Cefores/UFTM.

Em 2009, foi realizado concurso público para professor efetivo com regime de dedicação exclusiva, por meio do qual foi nomeado o professor Paulo Roberto da Silva que, anteriormente, entre 2001 e 2003 e entre 2006 e 2008, atuou como professor substituto. Ao ser nomeado efetivo, ele assumiu as disciplinas específicas de Fundamentos em Análises Clínicas, Microbiologia, Hematologia e Prática Profissional Supervisionada. Foi coordenador do Curso entre 2013 a 2014 e diretor do Cefores em dois momentos, a saber: de 2011 a 2013 e de 2017 até os dias atuais. Atua em pesquisa na área de susceptibilidade de microrganismos a antimicrobianos e resposta imune a *Cryptococcus*.

Em 2013, o Curso Técnico em Análises Clínicas foi contemplado com mais dois professores efetivos no regime de dedicação exclusiva: Elaine Cristina Bento Oliveira e Rafael Faria de Oliveira. A professora Elaine, além de assumir as disciplinas de Biologia Celular, Histologia, Parasitologia, Ética e Legislação e Prática Profissional, foi Coordenadora Pedagógica do Cefores entre 2016 e 2017 e atua como pesquisadora na área de caracterização biológica e genética de tripanosomatídeos isolados de humanos, animais silvestres, periodomésticos e domésticos e triatomíneos e flebotomíneos capturados no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Já o professor Rafael assumiu as disciplinas de Fisiologia Humana, Bioquímica e Práticas Profissionais. Atua na Coordenação do Curso desde 2014 e realiza pesquisas na área de susceptibilidade genética a doenças infectocontagiosas.

Em 2016, uma nova disciplina específica foi adicionada à matriz curricular, Biologia Molecular Aplicada ao Diagnóstico, que ficou sob a responsabilidade da professora Keila Adriana Magalhães Ferreira que, desde 2009, fazia parte do corpo docente do Cefores, atuando principalmente no Curso Técnico em Farmácia. Atualmente, ela é Coordenadora Geral de Cursos Técnicos do Cefores e atua em pesquisas na área de terapia medicamentosa e segurança do paciente e biologia molecular de tripanossomatídeos.

Hoje em dia, o curso conta com 13 docentes que ministram disciplinas específicas ou da base comum, conforme demonstrado no Quadro 1.

Quadro 1 –Relação nominal dos docentes, disciplinas ministradas e carga horária de trabalho

DOCENTE	DISCIPLINAS	CARGA HORÁRIA
Denise Bertulucci Rocha Rodrigues	Histotécnica Imunologia Patologia Geral Imunologia Aplicada ao Diagnóstico	20h

Quadro 1 –Relação nominal dos docentes, disciplinas ministradas e carga horária de trabalho (continuação)

DOCENTE	DISCIPLINAS	CARGA HORÁRIA
Geraldo Batista Londe	Química Aplicada à Análises Clínicas	DE
Guilherme Ferreto	Biossegurança Primeiros Socorros	DE
Paulo Roberto da Silva	Fundamentos de Análises clínicas Hematologia Microbiologia	DE
Teresinha das Graças Lima	Matemática Aplicada à Análises Clínicas	DE
Pablo de Oliveira Pegorari	Anatomia Humana	DE
Elaine Cristina Bento Oliveira	Biologia Celular Histologia Parasitologia Parasitologia Aplicada ao Diagnóstico	DE
Claudia Rodrigues Murta	Linguagens e Metodologia	DE
Rafael Faria de Oliveira	Fisiologia Humana Bioquímica Bioquímica Aplicada ao Diagnóstico	DE
Ana Palmira Soares dos Santos	Administração	20h
Keila Adriana Magalhães Ferreira	Biologia Molecular Aplicada ao Diagnóstico	DE
William Alexandre Manzan	Noções Básicas de Informática	DE
Valéria Siqueira Roque	Legislação, Ética e Marketing Profissional	DE

Fonte: Projeto Pedagógico de Curso do Curso Técnico em Análises Clínicas do Cefores.

Atualmente, a área física disponibilizada para a oferta do curso contém salas para aulas teóricas, três laboratórios para aulas práticas, além de um laboratório de microscopia para visualização microscópica, todos situados no Centro Educacional–CE da UFTM. Os laboratórios, que atendem às disciplinas de Biologia Celular, Histologia, Fundamentos de Análises Clínicas, Patologia, Hematologia, Parasitologia, Bioquímica, Imunologia e Microbiologia, possuem materiais

e equipamentos que possibilitam aos docentes aplicar conteúdos apresentados em aulas teóricas, de forma prática. As aulas práticas de Anatomia Humana e Histotécnica são realizadas em laboratórios situados no Campus I da UFTM.

Em 2014, em parceria com o Curso de Biomedicina da UFTM, foi criado e estruturado o Laboratório de Análises Clínicas de Ensino e Assistência – Lacea – que possibilita aos docentes realizar as disciplinas de práticas profissionais referentes aos setores de um laboratório, a saber: Hematologia, Microbiologia, Urinálise, Bioquímica e Imunologia, conforme ilustrado na Figura 5. Destaca-se que os discentes também têm como campo de estágio o Serviço de Patologia Clínica do Hospital de Clínicas da UFTM, além de laboratórios particulares que são parceiros. Desta forma, a estrutura do Cefores proporciona a oferta de um curso com qualidade e excelência para a comunidade.

Figura 5 – Equipamentos de alguns dos laboratórios utilizados pelo Curso Técnico em Análises Clínicas. a) Laboratório de Microscopia (CE); b) Laboratório de Urinálise (Lacea); c) Laboratório de Hematologia (Lacea); d) Laboratório Multidisciplinar (CE); e) Laboratório de Imunologia e Hematologia (Lacea); f) Laboratório de Microbiologia (Lacea).



Fonte: Acervo dos autores.

Dados estatísticos do Curso

Foram concluídas vinte turmas do Curso Técnico em Análises Clínicas do Cefores e, atualmente, existem duas turmas em andamento. Ao todo, das turmas finalizadas, foram matriculados 604 alunos, dos quais 372 (62%) concluíram o curso. Cada uma das duas turmas em andamento apresentou, inicialmente, 30 alunos matriculados. Os dados referentes às turmas ofertadas e em andamento encontram-se na Tabela 1.

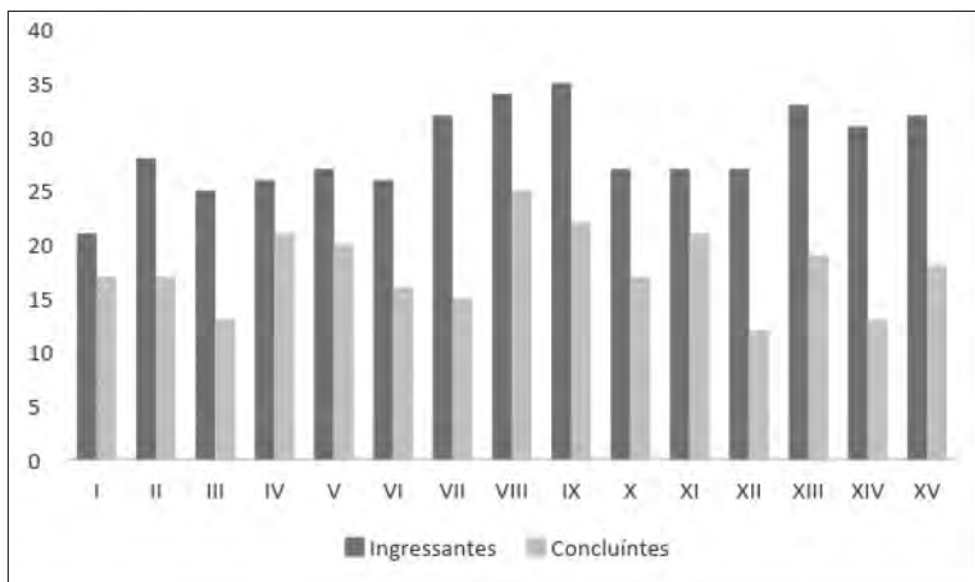
Tabela 1 – Turmas do Curso Técnico em Análises Clínicas ofertadas, número de matriculados e concluintes

TURMA	PERÍODO	INGRESSANTES	CONCLUINTES	%
I	Agosto 1993 a dezembro 1994	21	17	81%
II	Agosto 1994 a dezembro 1995	28	17	61%
III	Agosto 1995 a dezembro 1996	25	13	52%
IV	Agosto 1996 a dezembro 1997	26	21	81%
V	Agosto 1997 a dezembro 1998	27	20	74%
VI	Agosto 1998 a dezembro 1999	26	16	62%
VII	Agosto 1999 a dezembro 2000	32	15	47%
VIII	Agosto 2000 a dezembro 2001	34	25	74%
IX	Agosto 2001 a dezembro 2002	35	22	63%
X	Fevereiro 2003 a julho 2004	27	17	63%
XI	Agosto 2004 a dezembro 2005	27	21	78%
XII	Fevereiro 2006 a julho 2007	27	12	44%
XIII	Agosto 2007 a dezembro 2008	33	19	58%
XIV	Fevereiro 2009 a julho 2010	31	13	42%
XV	Agosto 2010 a dezembro 2011	32	18	56%
XVI	Fevereiro 2012 a dezembro 2013	35	15	43%
XVII	Fevereiro 2014 a dezembro 2015	36	23	64%
XVIII	Fevereiro 2015 a dezembro 2016	34	23	68%
XIX	Agosto 2016 a julho 2018	34	24	71%
XX	Fevereiro 2018 a dezembro 2019	34	21	62%
XI	Fevereiro 2019 -	30	-	-
XII	Fevereiro 2020 -	30	-	-
Total		664	-	-
Total (finalizadas)		604	372	62%

Fonte: Banco de dados da Seção de Registro Acadêmico do Cefores.

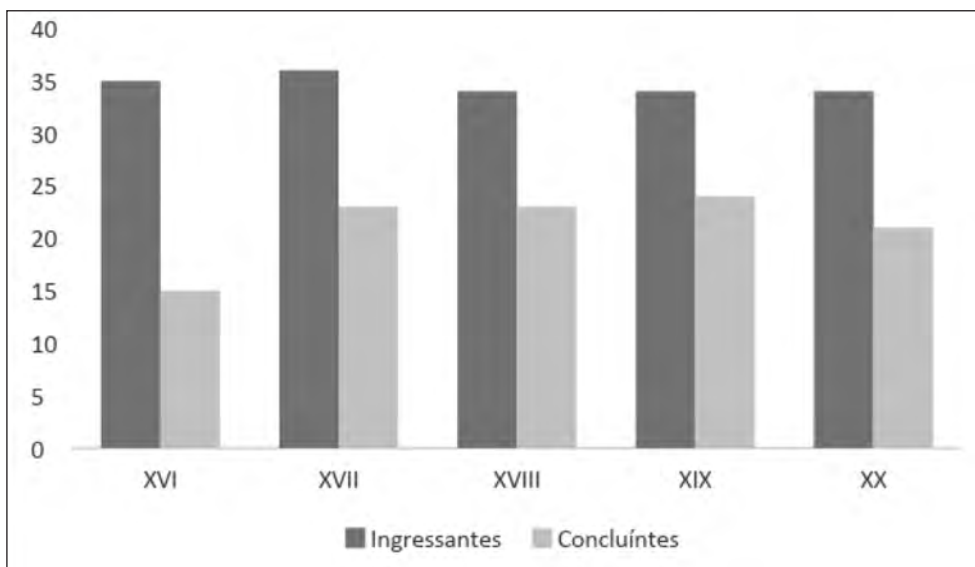
O Cefores ofertou cursos com duração de três semestres (Matriz 1) e de quatro semestres (demais matrizes). Dentre as turmas que concluíram o curso em três semestres (Turmas I a XV), a taxa de alunos concluintes variou de 42 a 81%, com média de 62%, conforme disposto no Gráfico 1. Para as turmas que utilizaram matriz de quatro semestres (Turmas XVI a XX) a porcentagem de alunos concluintes variou de 43 a 71%, com média de 61%, conforme pode ser observado no Gráfico 2.

Gráfico 1 – Números de candidatos dos processos seletivos para o Curso Técnico em Análises Clínicas e de concluintes (Matriz de 3 semestres: Turmas I a XV)



Fonte: Banco de dados da Seção de Registro Acadêmico do Cefores.

Gráfico 2 – Números de candidatos dos processos seletivos para o Curso Técnico em Análises Clínicas e de concluintes (Matriz de 4 semestres: Turmas XVI a XX)

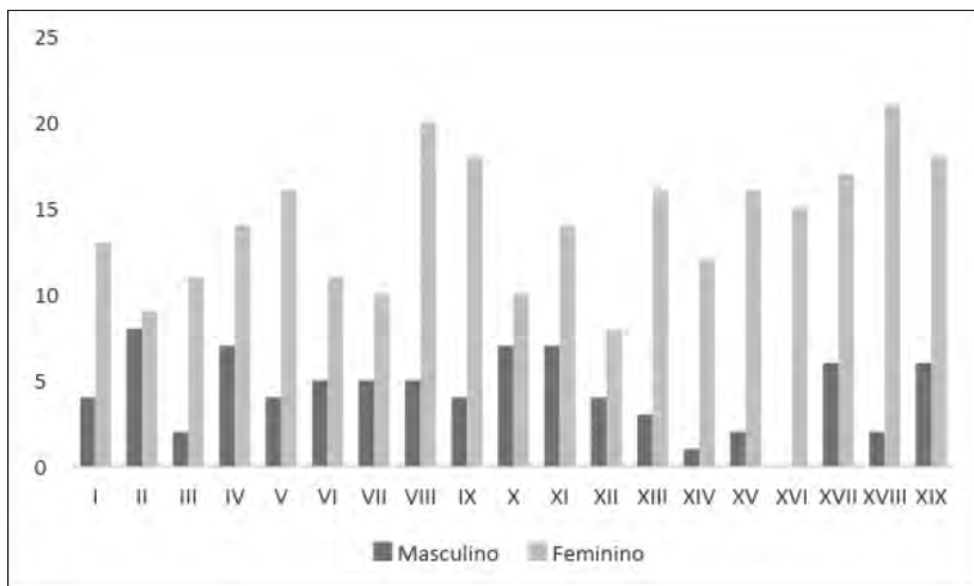


Fonte: Banco de dados da Seção de Registro Acadêmico do Cefores.

De acordo com os dados apresentados nos Gráficos 1 e 2, é possível observar que a taxa de conclusão se apresentou bastante heterogênea entre as turmas anteriores a XVII. Entretanto, as taxas se apresentaram mais homogêneas a partir de 2014, sendo que as últimas quatro turmas apresentaram de 62 a 71% de conclusão. Esse fato pode estar relacionado à reformulação da matriz ocorrida na época, às melhorias na estrutura física a partir da aquisição do Lacea e à entrada de professores efetivos com regime de dedicação exclusiva.

A análise de gênero entre os formandos do Curso Técnico em Análises Clínicas demonstrou que a maioria dos concluintes, ou seja, 76,6%, é do sexo feminino e apenas 23,4% é do sexo masculino, conforme demonstrado no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Formandos do Curso Técnico em Análises Clínicas em relação ao gênero (Turmas I a XIX)



Fonte: Banco de dados da Seção de Registro Acadêmico do Cefores.

Atuação profissional

O Curso Técnico em Análises Clínicas fornece habilitação profissional de Técnico em Análises Clínicas, da área profissional de Saúde e subárea Análises Clínicas. É um curso de educação profissional de nível técnico, que atende ao disposto na Lei de Diretrizes e Bases - LDB nº 9394/1996, no Decreto da Subsecretaria para Assuntos Jurídicos da Casa Civil de nº 5154/2004 e nos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico - RCNs, publicados em 2000.

Segundo os RCNs, a subárea Análises Clínicas tem como fim responder primordialmente pela organização do processo de trabalho em Análises Clínicas, com

ações voltadas para o apoio ao diagnóstico, coleta e manipulação de amostras biológicas, execução de exames laboratoriais, operação de equipamentos e biossegurança, diretamente ligados à educação para saúde e para o autocuidado, proteção, prevenção, promoção da saúde e segurança no trabalho, assim como, recuperação, reabilitação, gestão em saúde e organização do processo produtivo.

Os serviços a que se dedicam as atividades em Análises Clínicas encontram-se inseridos em diferentes organizações, tanto públicas quanto privadas, como hospitais, clínicas, laboratórios de diagnósticos médicos, laboratórios de pesquisa e ensino biomédico, laboratórios de controle de qualidade em saúde e postos de saúde.

De acordo com as orientações do conselho profissional da categoria e das Diretrizes Nacionais para a Educação Profissional, as competências dos Técnicos em Análises Clínicas devem ser: organizar os procedimentos de rotina do laboratório clínico e planejar ações, estratégias e necessidades de recursos humanos e materiais, com enfoque na vigilância em saúde, na dimensão político-gerencial e técnico-sanitária.

Os avanços nas áreas da Medicina e nas técnicas de diagnóstico, bem como as crescentes demandas nos atendimentos na área da Saúde, têm favorecido o aumento de vagas de trabalho para Técnicos em Análises Clínicas. Os egressos do curso atuam em diversos laboratórios de Uberaba e região. Grande parte deles trabalha em laboratórios de hospitais, como o do Hospital de Clínicas da UFTM e o do Hospital Universitário Mário Palmério, além de laboratórios particulares de saúde. Existem também egressos atuando em clínicas veterinárias e indústrias de cosméticos e alimentos.

Considerações finais

O Curso Técnico em Análises Clínicas do Cefores apresenta vinte anos de tradição e oferece uma formação sólida e próxima ao que o mercado de trabalho espera dos profissionais. A instituição preza por seus alunos, fornecendo recursos humanos, estrutura física, auxílios, programa de monitoria, oportunidades de atuar em pesquisa e extensão, além de oportunizar campos de estágios profissionais. Com duração de dois anos, o curso técnico possibilita rápida formação e, conseqüentemente, rápido ingresso no mercado de trabalho.

Referências

CEFORES. **Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Análises Clínicas**. Projeto no 3. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Uberaba, 2019.

BRASIL. Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro. **Ofício de solicitação ao Ministro da Educação**. Uberaba, MG: Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, 03 fev. 1993.

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 99, de 16 de julho de 1997**. Resolve declarar legalidade de estudos do Curso Técnico em Patologia Clínica ministrado no Cefores da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1997. p. 16.050.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 04, de 08 de dezembro de 1999b. Institui as diretrizes curriculares nacionais para a educação profissional de nível técnico. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 22 dez. 1999.

BRASIL. Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico. Brasília: MEC. SETEC, 2000.

FMTM/CEFORES. **Processo de Reconhecimento dos Cursos Técnicos do Cefores-FMTM**. Uberaba, 1993.

MEMÓRIAS E NARRATIVAS: A HISTÓRIA DO CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM

Célio Cézar Antunes de Souza¹

Fernanda Silva Santos²

Joyce Mara Gabriel Duarte³

Karla Fabiana Nunes da Silva⁴

Lilian Cristina da Cruz⁵

Luciana Ferreira dos Santos Vaz⁶

Neusa da Silva⁷

Vivian Jilou⁸

Introdução

Houve um tempo em que visitar o passado era somente contar a história como uma simples sucessão de acontecimentos, com nomes de protagonistas e, até mesmo, figurantes, considerados vultos heroicos ou heroínas ou ainda como uma reflexão de filósofos, sociólogos, pensadores e porque não dizer, com certa contemplação subjetiva.

1 Especialista em Saúde Coletiva pela Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro. Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Centro de Educação Profissional – Cefores, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. E-mail: celio.souza@uftm.edu.br.

2 Mestre em Atenção à Saúde pela UFTM. Enfermeira no Cefores-UFTM. E-mail: fernanda.santos@uftm.edu.br.

3 Doutora em Atenção à Saúde pela UFTM. Enfermeira no Cefores-UFTM. E-mail: joyce.duarte@uftm.edu.br.

4 Doutora em Atenção à Saúde pela UFTM. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Cefores-UFTM. E-mail: karla.silva@uftm.edu.br.

5 Mestre em Atenção à Saúde pela UFTM. Enfermeira no Cefores-UFTM. E-mail: lilian.cruz@uftm.edu.br.

6 Mestre em Ciências da Saúde pela UFTM. Enfermeira e Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Cefores-UFTM. E-mail: luciana.vaz@uftm.edu.br.

7 Mestranda em Atenção à Saúde pela UFTM. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Cefores-UFTM. E-mail: neusa.silva@uftm.edu.br.

8 Doutoranda em Atenção à Saúde pela UFTM. Enfermeira no Cefores-UFTM. E-mail: vivian.jilou@uftm.edu.br.

A edificação de uma civilização não se faz com palavras apenas, mas com ações. Constrói-se por embates, desconstruções e reconstruções. Reassumir a memória e revisitar a História da Enfermagem têm esta dimensão de transformação da cultura, do social e do homem, seja sua história individual, coletiva e, acima de tudo, humana e profissional.

A aproximação entre Enfermagem e História permite repensar o passado da profissão, em seus contextos múltiplos, percursos diversos e diferentes personagens, ilustres ou anônimos. O entendimento do passado e de como a profissão se desenvolveu, assim como a compreensão de suas raízes histórico-culturais, propiciam a qualificação profissional, em que se entrelaçam a humanização do cuidado e as competências não estritas à técnica, pontos imperativos para a construção de uma sociedade mais justa, base para políticas públicas de saúde (OGUISSO; CAMPOS, 2012).

E assim se transcorre a organização deste capítulo: um misto de história, emoções, narrativas e perspectivas, para a comemoração dos 30 anos do Centro de Educação Profissional – Cefores da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM.

Contextualização Histórica

Em meados de 1989, foi identificada a necessidade de profissionais de enfermagem de nível técnico para atender à demanda de mão de obra qualificada observada no Hospital Escola da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (HE-FMTM), hoje Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (HC-UFTM). Dois visionários de espírito empreendedor, a Sra. Ana Palmira Soares dos Santos e o Sr. José Henrique Nunes idealizaram o Plano de Criação do Curso Técnico em Enfermagem do Cefores da FMTM. Tratava-se de um projeto desafiador, conforme observado no depoimento concedido pela professora Ana Palmira:

No momento em que a Constituição Federal, reconhecida como Constituição Cidadã de 1988, fervilhava na nossa mente, saúde e educação dita como direito de todos e dever do Estado, profissionalizar era preciso. A oportunidade se fez presente... Pensamos que todas as barreiras aparentes e ocultas iriam contribuir para que um projeto de uma escola de ensino técnico na área da Saúde no contexto de uma Faculdade Federal de Medicina fosse possível. E foi possível. E quando nos perguntamos como? A resposta que vem é que tivemos a felicidade de encontrar pessoas com alguns traços comuns, com iniciativa, *expertise*, persistência e com disposição de assumir riscos. Na medida que os riscos foram assumidos e enfrentados, desapareceram as barreiras pessoais e sociais e temos hoje o Cefores com seus resultados e importância (Professora Ana Palmira Soares dos Santos, ex-Diretora e membro atual do quadro docente do Cefores).

Recorrendo à história, encontramos ainda a figura da Irmã Amélia Amália de Jesus, da Unidade de Terapia Intensiva do Hospital e Maternidade São Domingos, que incessantemente solicitava à FMTM a abertura de um curso técnico profissionalizante para a enfermagem, visto que o único curso de Auxiliar de Enfermagem em Uberaba, na Escola Frei Eugênio, não estava mais em funcionamento.

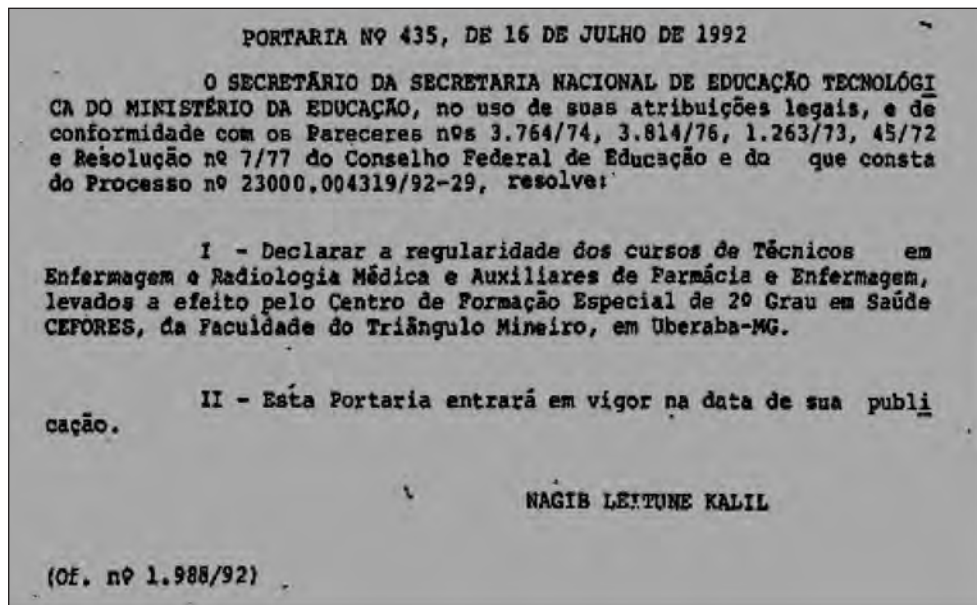
Os primeiros professores do Curso Técnico em Enfermagem do Cefores foram: Irmã Amélia Amália de Jesus, Célio César Antunes de Souza, Dalton Loes Brazil, Elade Ferreira, Helton Hugo de Carvalho, Jair Gonçalves Borges, José Martins Júnior, Leila Aparecida Kauchackje Pedrosa, Maria Regina Basílio Teodoro Santos, Maurício Ferreira e Roseli Aparecida Silva. Sobre a importância da Enfermagem e sua docência na vida dos professores é oportuno o depoimento do professor Maurício Ferreira:

Tenho pra mim que trabalhar é viver. Quando trabalhamos em algo que nos completa enriquece o viver. Minha primeira formação profissional foi a de Técnico em Enfermagem. Notadamente, quando fui lembrado pela Direção do Cefores à época para fazer parte do quadro de professores do Curso Técnico em Enfermagem, que estava sendo inaugurado, não pensei duas vezes. Confesso que trago a enfermagem no meu espírito. Poder contribuir na formação dos novos profissionais é motivo de muito orgulho. Obrigado Cefores! (Professor Maurício Ferreira, ex-docente do Curso Técnico em Enfermagem e ex-Diretor do Cefores).

Os estágios iniciais ocorreram no Hospital Escola e no Hospital e Maternidade São Domingos, sendo supervisionados pelo Enfermeiro Célio e pela Enfermeira Irmã Amélia, além de outros enfermeiros que trabalhavam, à época, no HE. Vale ressaltar que, apesar do número reduzido de profissionais para atuar nos cursos de Enfermagem – Auxiliar e Técnico, seus profissionais foram extremamente dedicados e conscientes da importância dos cursos para a cidade e região.

No ano de 1990, foi publicada a Portaria nº 73 da Secretaria Nacional de Educação Tecnológica do Ministério da Educação – Senete/MEC – que autorizou o funcionamento do Centro de Formação Especial de 2º Grau em Saúde, posteriormente denominado Centro de Educação Profissional. E em 1992, foi publicada a Portaria nº 435/Senete/MEC, conforme Figura 1, que regulamentou o Curso Técnico em Enfermagem.

Figura 1 - Portaria que regulamenta o funcionamento dos cursos Auxiliar e Técnico em Enfermagem



Fonte: Diário Oficial da União, de 29 de julho de 1992.

As primeiras turmas ingressantes dos Cursos Técnico e Auxiliar em Enfermagem foram selecionadas por análise do histórico escolar e entrevistas no Serviço de Orientação Educacional da FMTM. Posteriormente, devido à solicitação da Procuradoria da instituição, a forma de ingresso passou a ser por processo seletivo, com a publicação de edital e a aplicação de prova objetiva, método ainda hoje utilizado.

As certificações dos primeiros Auxiliares e Técnicos do Cefores se deram em 1992. Os convites dessas primeiras turmas podem ser visualizados nas Figuras 2 e 3.

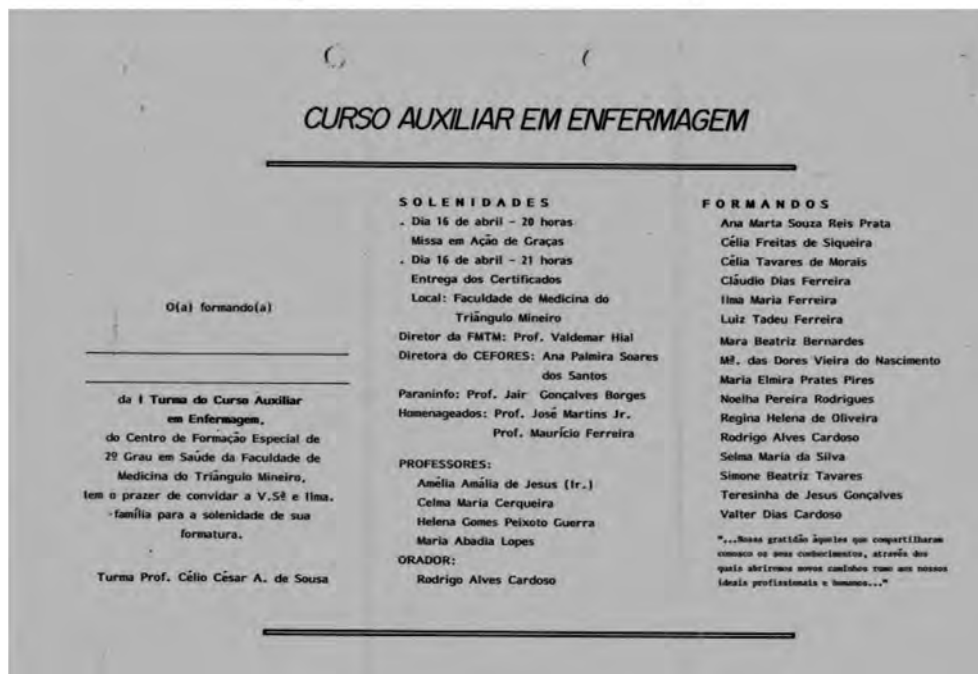
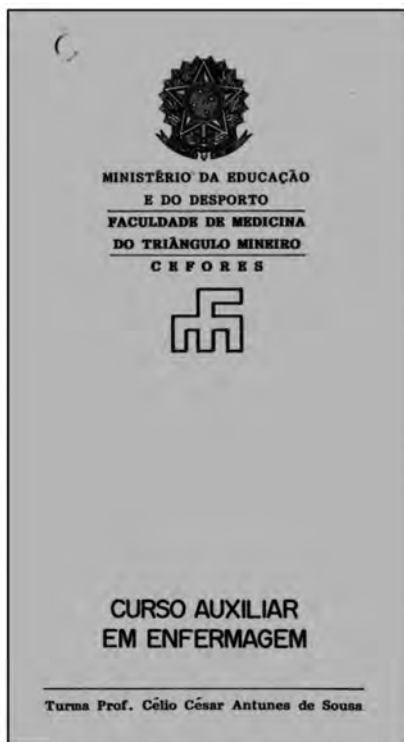
Figura 2 - Convite de Certificação da I Turma de Técnicos em Enfermagem do Cefores/UFTM



O(a) Formando(a) _____ da I Turma do Curso Técnico em Enfermagem do Centro de Formação Especial de 2º Grau em Saúde, da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, tem o prazer de convidar a V.Sª e Exma. Família para as solenidades de sua formatura. SOLENIIDADES .Dia 12/8/92 - às 20:00 hs. - Missa na Capela do Hospital São Domingos - Av. Frei Paulino, 42 - Bairro Abadia .Dia 13/8/92 - às 21:00 hs. - Colação de Grau e Baile no Salão de Vidro do UTC. Diretor FMTM: Prof. Valdemar Hial Chefe do CEFORES: Ana Palmira S. dos Santos Paraninfo: Prof. Dalton Lúes Brazil Patrono: Prof. Maurício Ferreira "Turma Profª.Ir.Amélia Amália de Jesus"	HOMENAGEM ESPECIAL Alba Lúcia dos Reis Silva Prof. Célio César Antunes de Sousa Prof. Celma Maria Corqueira Prof. Elade Ferreira Prof. Helton Hugo de Carvalho Prof. Jair Gonçalves Borges Prof. José Martins Junior Luís Carlos Moreira Lopes Profª. Maria Regina R.T. dos Santos Profª. Roseli Aparecida Silva Profª. Sandra Faria Felix HOMENAGEM AFETIVA Aos alunos do 4º Ano do Curso de Graduação em Enfermagem da FMTM AGRADECIMENTOS Aos pais, cônjuges, professores e filhos. Ao Hospital São Domingos e Hospital Escola da FMTM, através dos diretores, corpo de funcionários e dos pacientes, a nossa homenagem de respeito e gratidão.	ORADORA Elisana Alves Ferreira JURAMENTO Maria Aparecida de Oliveira Sena FORMANDOS - Adélla A. Gaspar de Oliveira - Ana Fernandes Pacheco - Aparecida Flauzina de Freitas - Artur Caetano de Souza - Eliana Alves Ferreira - Eviviane das Graças Alves Pereira - German José Malaquias - Leliani Patrícia Santiago - Leovaldo Cassimiro - Maria Aparecida de Oliveira Sena - Maria Elizabeth da Silva - Mirtes Helena dos Reis Pacheco - Paulo Roberto Veloso - Vera Lúcia de Oliveira - Zenaide Aparecida de Oliveira Barros
--	--	--

Fonte: Acervo documental do Cefores

Figura 3 - Convite de Certificação da I Turma de Auxiliares em Enfermagem do Cefores/UFTM



Fonte: Acervo documental do Cefores

A importância do curso na vida dos alunos pode ser observada no depoimento abaixo, concedido por uma egressa da I Turma de Técnicos em Enfermagem habilitados pelo Cefores:

Pra mim, o [Curso] Técnico de Enfermagem foi um divisor de águas, abriu as portas para a minha vida. Sou da Primeira Turma e tenho muita gratidão ao curso, porque sem ele eu não estaria onde estou, e tudo o que tenho em minha vida é graças ao curso técnico em enfermagem, onde aprendi tudo sobre a profissão (Leliane Patrícia Santiago, aluna da I Turma de Técnico em Enfermagem do Cefores).

A Lei nº 7.498/1986, que dispõe sobre o exercício profissional da Enfermagem em todo o Brasil, em seu Artigo 23, Parágrafo Único, coloca em caráter de extinção a figura do Atendente de Enfermagem, visando à melhoria da qualidade da assistência à saúde. A Resolução nº 143/1994 do Conselho Nacional de Saúde - CNS, que regulamentou a referida Lei, trouxe a necessidade de treinamento dos profissionais Atendentes de Enfermagem para que pudessem se qualificar como Auxiliares de Enfermagem.

A exigência dessa nova legislação suscitou uma importante parceria com o HE. Em virtude da atuação de um grande número de Atendentes de Enfermagem e da necessidade emergente de qualificá-los, o Cefores passou a oferecer cursos supletivos para que concluíssem o 1º grau, requisito para cursar o Auxiliar de Enfermagem, e/ou o 2º grau, para cursar o Técnico em Enfermagem. Para a oferta dos conteúdos relacionados à Enfermagem, o Cefores contou com a colaboração de alguns enfermeiros do HE, que passaram a ministrá-los.

Em tempos de dificuldade surgem novos parceiros. Sendo assim, o Cefores e a Fundação de Ensino e Pesquisa de Uberaba – Funepu – se uniram para que um maior número de profissionais lotados no HE/FMTM participasse desse processo de capacitação e formação. Esses enfermeiros assistiam às aulas teóricas visando alinhar a prática à teoria e, assim, desempenhar com eficácia o papel de supervisor de estágio. Até os dias atuais, permanece essa parceria entre o Cefores e o antigo HE que, conforme mencionado, teve a sua denominação alterada para Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – HC-UFTM.

Somente em 1998 aconteceu o primeiro concurso específico para docentes efetivos do Curso Técnico em Enfermagem do Cefores. Eram duas vagas, sendo admitidos o professor Célio César Antunes de Souza, para a disciplina Enfermagem Médico-Cirúrgica e a professora Luciana Ferreira dos Santos Vaz, para a disciplina Técnicas de Enfermagem. Ela, por sua vez, já atuava como professora contratada para o Curso de Graduação em Enfermagem da FMTM. Ao ser nomeada para o cargo de docente do Curso Técnico em Enfermagem do Cefores, muitas pessoas a desencorajaram sugerindo que não fizesse a troca da graduação pelo técnico. Contudo, ela assumiu sim o cargo, levando em consideração a premente necessidade de um ensino técnico fortalecido e competente. A importância da

Enfermagem e da docência na vida desses dois professores pode ser reconhecida nos depoimentos por eles concedidos:

Minha mãe se apaixonou aos 18 anos. Ele, moço conhecido da cidade, arrumou um emprego para ela, de Atendente de Enfermagem na Santa Casa. Ela começou limpando tudo e, logo, foi “promovida” para fazer medicação: treinou muito em uma laranja rrrs, método que me ensinou com maestria rrrss. O exemplo familiar, de trabalho árduo e comprometimento me instigou a buscar a Enfermagem. Comecei nela, mas me encontrei na sala de aula! Já são 21 anos! Cansada? NÃO! Me reinvento todo ano para despertar, no aluno, o grande professor do cuidado, que cada um pode ser. Sou grata por fazer parte do Cefores. E assim, vivo feliz! Trabalhando, na docência, a democracia da dor e a diversidade de amor...(Luciana Ferreira dos Santos Vaz, docente do Curso Técnico em Enfermagem – Cefores).

O Cefores foi para mim a oportunidade de dividir conhecimentos técnico-científicos com outros que queriam se profissionalizar e SER Enfermagem. Foi transcendência: conseguimos atingir nossos limites! Com ensino-aprendizagem, acadêmicos e docentes, tivemos resultados extraordinários com alguns formandos excepcionais. Foi realização: consegui o objetivo principal, que é participar e auxiliar na formação de quem fez a escolha certa (Célio César Antunes de Souza, docente do Curso Técnico em Enfermagem –Cefores).

Já em 2000, por nova determinação do Conselho Federal de Enfermagem – Cofen, houve um processo de complementação da qualificação profissional de Auxiliar de Enfermagem para Técnico em Enfermagem. Essa iniciativa fez parte do Profae– Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área da Enfermagem – uma estratégia do Ministério da Saúde – MS – para melhorar a qualidade da assistência prestada pelos trabalhadores de enfermagem nas unidades do Sistema Único de Saúde – SUS.

O Profae também oferecia cursos de qualificação profissional de Auxiliar de Enfermagem e complementação do Ensino Fundamental. Tal proposta se deu por três motivos: falta de qualificação dos trabalhadores da Enfermagem; possibilidade de desemprego decorrente do exercício ilegal da profissão e o risco a que a população estava exposta devido às insatisfatórias atuações práticas desses trabalhadores. Foi desenvolvido com recursos provenientes do Tesouro Nacional, do Fundo de Amparo ao Trabalhador e de empréstimos feitos no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BRASIL, 2006).

Um dos pontos importantes para a execução do Profae foi a disponibilização de cursos de forma descentralizada, abrangendo várias cidades para a formação dos trabalhadores de Enfermagem em nível médio (BRASIL, 2006). Assim, o

Cefores foi credenciado para a supervisão e a execução dos cursos, em diferentes cidades mineiras, a fim de facilitar o acesso ao estudo dessa população. Portanto, nos anos de 2000 a 2004, além das turmas formadas em Uberaba, o Programa também qualificou Auxiliares e Técnicos em Enfermagem nas cidades de Frutal, Iturama, Presidente Olegário, Vazante, Patos de Minas, dentre outras.

Em 2002, foram certificadas as últimas turmas de Auxiliar de Enfermagem do Cefores. Ao todo, foram formadas 33 turmas, das quais 16 foram certificadas pelo Profae.

Neste processo de formação e certificação, surgiram produções científicas com a finalidade de apoiar e melhorar o desempenho dos alunos em disciplinas como Assistência de Enfermagem em Clínica Médica e Clínica Cirúrgica. Sendo assim, o professor Célio elaborou apostilas datilografadas sobre esses assuntos que, em meados de 2003, com o interesse e apoio da Editora AB de Goiânia, foram editadas e publicadas.

Similarmente, frente ao processo de capacitação dos profissionais do HC e sentindo-se a necessidade de padronização dos procedimentos de Enfermagem, surgiu o projeto de uma nova publicação científica. E, em um trabalho conjunto entre o Serviço de Educação em Enfermagem do HC, o Curso Técnico em Enfermagem e o Curso de Graduação em Enfermagem, surge em 2011 o livro intitulado “Procedimentos Operacionais Padrão – POP”, que teve uma segunda edição publicada em 2014. Este livro permanece sendo utilizado como referência para a padronização dos procedimentos operacionais técnicos em Enfermagem desenvolvidos na instituição.

O livro Procedimentos Operacionais Padrão – POP– foi elaborado entre 2007 e 2010 com diversas parcerias. A ideia de padronizar os conceitos, a linguagem, a descrição dos procedimentos pautados na realidade de trabalho e nos princípios científicos, técnicos, ético e humano, era um sonho de muitos profissionais. Especificamente, pelo Cefores, fizeram parte desse processo dois professores que também eram enfermeiros assistenciais na época. Eles tiveram papel crucial na elaboração do livro. São eles: a admirável professora Luciana Ferreira e o querido professor Célio Antunes, um dos autores do livro. Eu tive o privilégio de trabalhar com o Professor Célio, um profissional reconhecido pelo conhecimento, generosidade, ética, amor à profissão, atenção e comprometimento. Graças a estes profissionais, até hoje, este livro atende ao seu propósito! Profundo agradecimento a todos que fizeram parte, acreditaram e persistiram nesse sonho que hoje é realidade (Thaís Santos Guerra Stacciarini, autora do livro Procedimentos Operacionais Padrão).

Outra relevante produção do Curso Técnico, elaborada e idealizada por um grupo de discentes em 2008, foi o Encontro Científico de Técnicos em Enferma-

gem de Uberaba e Região. Esse evento era realizado anualmente e, em 2018, comemorou em grande estilo sua 10ª edição.

Voltado para a comunidade acadêmica, o evento era organizado pelos discentes do Curso com a pretensão de congregar, em um único espaço, estudantes, profissionais e docentes da área, para a discussão e atualização de temas relevantes e essenciais para a atuação do Técnico em Enfermagem. Em uma instituição de ensino pública e federal que se fundamenta no tripé ensino, pesquisa e extensão, um evento como o Encontro Científico possibilita aos discentes essa indissociabilidade. Neste sentido, Paulo Freire nos ajuda a pensar que:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar (FREIRE, 2000, p. 46).

Desde o princípio, o Cefores é reconhecido como um espaço acolhedor, de aceitação e incentivo às diferenças, no qual as relações humanas são pensadas com afetuosidade e respeito, estando presente nas memórias das pessoas que, de uma forma ou de outra, tiveram contato com a instituição, como no caso da professora Helena Hemiko:

Enfim, preciso confidenciar que nos momentos de tristeza eu me refugiava no Cefores e eles sempre me deram todo o apoio, oferecendo salas de aula, xerox, lanche... ahhhh quanta coisa boa (Dra. Helena Hemiko, enfermeira e professora aposentada do Centro de Graduação em Enfermagem da UFTM).

Torna-se oportuno reconhecer que muitas pessoas colaboraram para o início e continuidade desse Curso. Nessa caminhada, inclusive, diversos professores tornaram-se coordenadores e auxiliaram com seu conhecimento e expertise, para uma melhor gestão, como os professores Célio César Antunes de Souza, Luciana Ferreira dos Santos Vaz, Delvane José de Souza e Marlúcio Anselmo Alves. Além disso, é importante citar e reconhecer o papel de educador desempenhado com maestria por alguns professores que, mesmo sendo à época substitutos, ou seja, com contrato de apenas dois anos, colaboraram para que os educandos tivessem uma formação fundamentada na ética, na responsabilidade e na humanização.

Na busca por novos desafios e idealizando novos sonhos, a partir do empenho de muitos, o Curso Técnico em Enfermagem foi contemplado, por meio do Edital nº 92, de 13 de dezembro de 2013, com duas novas vagas para docentes efetivos. Na oportunidade, ingressaram as enfermeiras Karla Fabiana Nunes da

Silva e Neusa da Silva, que apresentaram os seguintes depoimentos acerca da relação com a instituição e com a docência:

Assumi o cargo no Cefores em 14/05/2014. Manhã de uma quarta-feira ensolarada.... Este dia foi inesquecível e esta decisão foi certamente uma das mais difíceis da minha vida. Por mais de 10 anos estive à frente de um serviço de Enfermagem e, resolvi mudar meu rumo... Passei anos ouvindo “que eu levava jeito para ser professora”; “que sabia explicar”... e nas minhas andanças ministrando palestras e aulas como enfermeira convidada, resolvi um dia fazer um Mestrado e trilhar o árduo (porém prazeroso) caminho da docência. Hoje sinto que estou onde deveria sempre estar... tenho a certeza de que aprendo muito mais que ensino (Karla Fabiana Nunes da Silva, docente do Curso Técnico em Enfermagem do Cefores).

Parte de um capítulo da minha história começou a ser escrita na IX Turma de Técnicos em Enfermagem do Cefores, em 1999, como estudante. Em tempo nenhum imaginara retornar ao Cefores, mas em 2012, cá estou eu de volta, agora era aprender mais e compartilhar o que aprendi. Em 2014 fui para a coordenação do curso no qual um dia fui formada e por diversas vezes me perguntei se era eu mesma. Quantas recordações, alegrias, expectativas com memórias tão vivas e tão felizes! (Neusa da Silva, docente do Curso Técnico em Enfermagem do Cefores).

Ressalta-se, ainda, que nessa caminhada de formação de Técnicos em Enfermagem competentes e éticos, as enfermeiras Fernanda Silva Santos, Joyce Mara Gabriel Duarte, Lilian Cristina da Cruz e Vivian Jilou ingressaram na equipe e passaram a colaborar brilhantemente com o Curso, despertando nos futuros profissionais a essência do *cuidar*. Especialmente nos estágios e aulas práticas, elas desafiavam os discentes a serem melhores a cada dia, a prestarem e a realizarem o melhor cuidado, a melhor assistência, indo além do procedimento e da técnica. Desta forma, teoria e prática se unem – como diria Paulo Freire, uma *práxis* – possibilitando sobretudo, uma formação e um exercício profissional com responsabilidade social e política.

Considerações Finais

O Curso Técnico em Enfermagem do Cefores/UFTM contribuiu sobremaneira para a construção e consolidação da trajetória histórica da Enfermagem em Uberaba e região. Já foram certificados, nesses 30 anos de história, 1069 Auxiliares e 1086 Técnicos em Enfermagem. Nos dias atuais, o processo seletivo tem ocorrido anualmente, havendo hoje duas turmas de Técnico em Enfermagem em curso.

Assim, olhando a história do Curso Técnico em Enfermagem do Cefores, podemos observar que o caminho percorrido, mesmo tendo muitas lutas, também teve muitas superações e glórias, um importante alicerce para prospecções de voos cada vez mais altos. A Enfermagem do Cefores, pautada em um ensino com cientificidade e, ao mesmo tempo, humanização, proporcionou a inúmeros homens e mulheres, jovens ou adultos, a possibilidade de conhecer um mundo novo, com melhores condições de crescimento pessoal e profissional.

Durante esses anos de imersão no processo educacional, a equipe de profissionais do Curso Técnico em Enfermagem sempre buscou estruturar sua *práxis* para possibilitar a construção do conhecimento discente de forma autônoma, interativa, singular e crítica, em uma perspectiva interdisciplinar. Inúmeros projetos de ensino, extensão e pesquisa foram desenvolvidos em diversas áreas do conhecimento, pois acreditamos que várias formas de estímulo à aprendizagem, em diferentes contextos, são primordiais para a educação.

Dessa forma, orgulhamo-nos em saber que, muito além de um curso tecnicista, buscamos formar profissionais críticos e reflexivos. Assim, a qualidade do nosso curso tem sido reconhecida por diversas instituições da área da Saúde em Uberaba e região, além de estar atendendo às demandas desse mercado. Esperamos que este capítulo se erga muito além da celebração, que ele seja uma releitura do ontem entrelaçada à construção do hoje sólido e feliz, para que no amanhã o Cefores ganhe cada vez mais reconhecimento por sua qualidade de ensino.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **PROFAE - Profissionalização dos Trabalhadores da Área da Enfermagem**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/profae_profissionalizacao_trabalhadores_enfermeagem.pdf. Acesso em: 05 dez. 2019.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. **Lei n. 7498 de 25 de junho de 1986**. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e dá outras providências. Brasília, 25 de junho de 1986. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/lei-n-749886-de-25-de-junho-de-1986_4161.html. Acesso em: 14 jan. 2020.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS). **Resolução CNS nº 143, de 17 de novembro de 1994**. Brasília, Ministério da Saúde, 17 de novembro de 1994. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_94.htm. Acesso em: 05 dez. 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 165 p.

OGUISSO, T.; CAMPOS, P.F de S. Por que e para que estudar história da enfermagem? **Enfermagem em Foco**. 2013; 4(1): 49-53. Disponível em: <http://http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/503/193>. Acesso em: 24 set. 2019.

CURSO TÉCNICO EM FARMÁCIA DO CEFORES: RECORDAR E SABOREAR

Keila Adriana Magalhães Ferreira¹

Márcia Laina da Luz Silveira²

Douglas Passos Ribeiro³

Introdução

Em 1990, a Secretaria Nacional de Educação Tecnológica do Ministério da Educação e do Desporto – Senete/MEC – autorizou o funcionamento do Centro de Formação Especial de 2º Grau em Saúde – Cefores – da então Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro – FMTM – por meio da Portaria nº 73, de 29 de junho desse ano.

A escola foi criada para qualificar pessoal técnico da área da Saúde para todo o raio de abrangência e influência de Uberaba, conforme palavras do professor Valdemar Hial, diretor da FMTM, em carta enviada ao Ministro de Estado da Educação e do Desporto.

Já em 1990, foram autorizados seis cursos, sendo que o Auxiliar de Farmácia foi um dos primeiros a ser implantado. Seu reconhecimento ocorreu em 16 de julho de 1992, por meio da Portaria nº 435 da Senete/MEC, juntamente com os cursos Auxiliar e Técnico em Enfermagem e Técnico em Radiologia Médica, Radiodiagnóstico e Radioterapia.

Sendo assim, em 1993, dos seis cursos autorizados, quatro já haviam sido implantados. Os outros dois cursos – Técnicos em Nutrição e Dietética e em Patologia Clínica – não foram colocados em funcionamento, até então, por falta estrita de espaço físico.

1 Doutora em Medicina Tropical e Infectologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: keila.ferreira@uftm.edu.br.

2 Mestre em Inovação Tecnológica pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: marcia.silveira@uftm.edu.br.

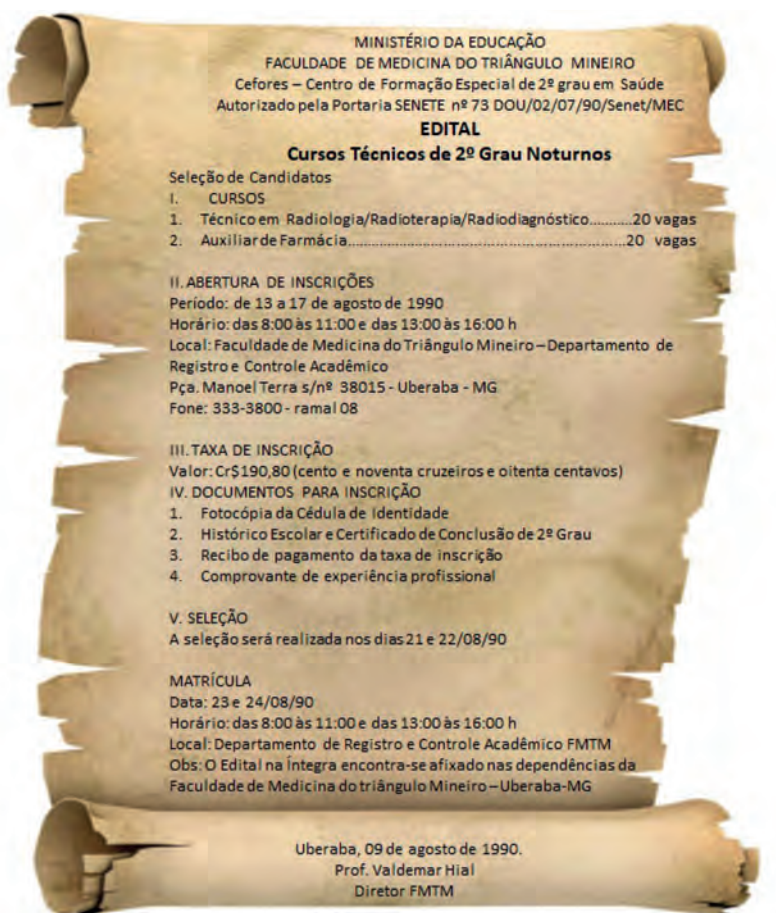
3 Técnico em Farmácia pelo Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Atua na Farmácia Central do Hospital São Domingos. E-mail: douglas_passosribeiro@outlook.com.

Com a extinção da habilitação de Auxiliar de Farmácia em 1991, o Cefores emvidou esforços para a criação do curso com a habilitação técnica, cuja autorização só foi obtida no final de 1995 e a implantação efetivada em 1996. A trajetória desses dois cursos, Auxiliar e Técnico, é apresentada a seguir.

O Curso Auxiliar de Farmácia

O primeiro edital de seleção de candidatos para o Curso de Auxiliar de Farmácia do Cefores foi publicado no início de agosto de 1990 e amplamente divulgado nos principais periódicos da cidade, como Jornal de Uberaba, Jornal da Manhã e Lavoura e Comércio (Figura 1).

Figura 1 – Transcrição da fonte histórica escrita com o registro da oferta da primeira turma do Curso de Auxiliar de Farmácia do Cefores/FMTM, publicada no Jornal de Uberaba em 11 de agosto de 1990, página A-4.



Fonte: Acervo do Cefores/UFTM

Nesse edital foram ofertadas 40 vagas, sendo 20 para o Curso Auxiliar de Farmácia e 20 para o Curso Técnico em Radiologia. Foi dado destaque para a informação de que estavam sendo ofertados Cursos Técnicos de 2º Grau Noturnos. Além disso, o edital também apresentou: período, horário, local e taxa de inscrição, cujo valor foi de Cr\$ 190,80 (cento e noventa cruzeiros e oitenta centavos). Também trouxe informações sobre a seleção e a matrícula. Foram inscritos 33 candidatos, dos quais 20 foram selecionados e matriculados, conforme as vagas disponíveis.

No ano seguinte, foi publicado outro edital ofertando a segunda e última turma do Curso Auxiliar de Farmácia. Um dado interessante observado nas fontes históricas é que o valor da inscrição de um ano para outro aumentou para Cr\$940,00 (novecentos e quarenta cruzeiros), representando possivelmente a exorbitante inflação enfrentada no período.

Em relação à grade curricular do Curso Auxiliar de Farmácia, é possível observar na Tabela 1 que ele era dividido em dois módulos, ministrados em semestres distintos. Tal grade contemplava disciplinas básicas como Segurança do Trabalho e Primeiros Socorros, Português Aplicado e Estudos Regionais, além de outras, específicas da área farmacêutica, como Noções de Administração de Medicamentos e Noções de Tecnologia Farmacêutica.

O primeiro módulo era composto por disciplinas cuja carga horária totalizava 450 horas. O segundo módulo, com essa mesma carga horária, era composto por 150 horas de disciplinas e 300 horas de Estágio Supervisionado.

Tabela 1 - Grade Curricular do Curso Auxiliar de Farmácia do Cefores

Disciplinas	Carga horária		
	1º	2º	Total
1. Noções de Organização e Funcionamento de Farmácia	60		60
2. Noções de Tecnologia Farmacêutica	60		60
3. Noções de Administração Hospitalar	60		60
4. Noções de Administração de Medicamentos	60		60
5. Noções de Enfermagem	60		60
6. Segurança no Trabalho e Primeiros Socorros	60		60
7. Legislação Farmacêutica e Ética Profissional	30	30	60
8. Teoria e Prática de Venda		90	90
9. Português Aplicado	60		60
10. Estudos Regionais		30	30
Subtotal	450	150	600
Estágio Supervisionado		300	300
	450	450	900

Fonte: Acervo documental do Cefores/UFTM

Os primeiros professores do Curso Auxiliar de Farmácia estão relacionados no Quadro 1. A maioria dos que ministravam disciplinas da área específica eram profissionais farmacêuticos do quadro técnico-administrativo do Hospital Escola, como os professores Carlos Orestes Rosa, Helton Hugo de Carvalho e José Alberto Goulart.

Quadro 1 - Relação dos professores responsáveis pelas disciplinas do Curso Auxiliar de Farmácia e respectiva formação profissional.

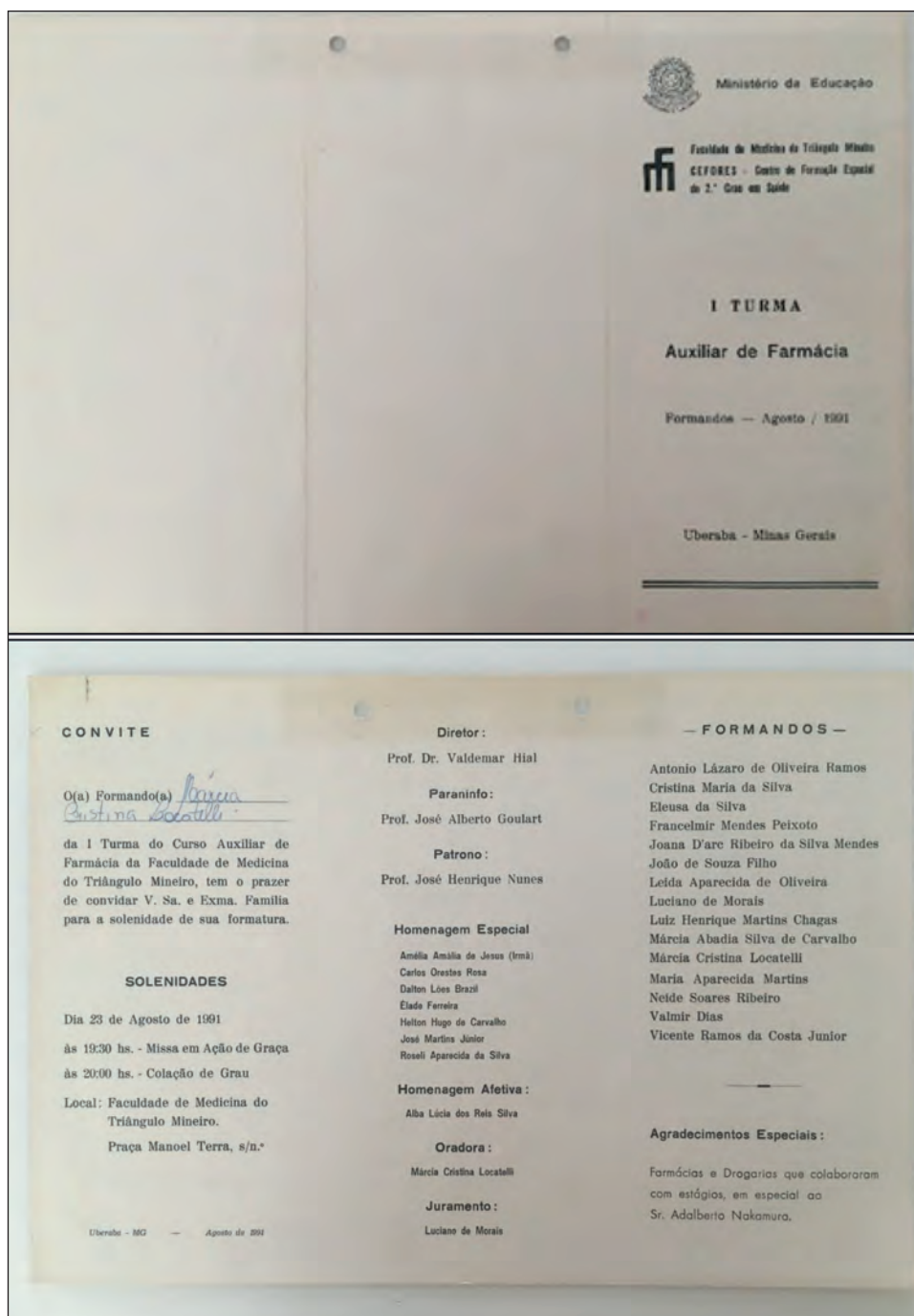
Disciplinas	Docentes	Formação
1. Noções de Organização e Funcionamento de Farmácia	José Alberto Goulart	Técnico em Farmácia
2. Noções de Tecnologia Farmacêutica	Carlos Orestes Rosa	Farmacêutico Bioquímico
3. Noções de Administração Hospitalar	Angela das Graças Silva e Dalton Loes Brazil	Economista
4. Noções de Administração de Medicamentos	Helton Hugo de Carvalho	Farmacêutico Bioquímico
5. Noções de Enfermagem	Amélia Amália de Jesus	Enfermeira
6. Segurança no Trabalho e Primeiros Socorros	Helton Hugo de Carvalho	Farmacêutico
7. Legislação Farmacêutica e Ética Profissional	Élade Ferreira	Farmacêutico Bioquímico
8. Teoria e Prática de Venda	José Alberto Goulart	Técnico em Farmácia
9. Português Aplicado	José Martins Júnior	Licenciado Letras/ Português
10. Estudos Regionais	Roseli Aparecida Silva	Licenciada Estudos Sociais

Fonte: organizado pelos autores por pesquisas no acervo documental do Cefores/UFTM.

Em 4 de abril de 1991, o Secretário de Educação Tecnológica enviou o Ofício Circular nº 51/Senete/DTPDE aos Diretores das Escolas Técnicas Federais informando que, de acordo com a nova política implementada, não seria mais aprovada a criação de cursos com habilitação de Auxiliar, determinando que os que estivessem ativos deveriam funcionar até a conclusão das turmas em andamento.

Por esse motivo, o Cefores diplomou apenas duas turmas de Auxiliar de Farmácia, com o número total de 29 alunos concluintes. A Figura 2 mostra o convite para a Cerimônia de Conclusão do Curso da primeira turma.

Figura 2 – Convite de formatura da I Turma do Curso Auxiliar de Farmácia do Cefores/FMTM.

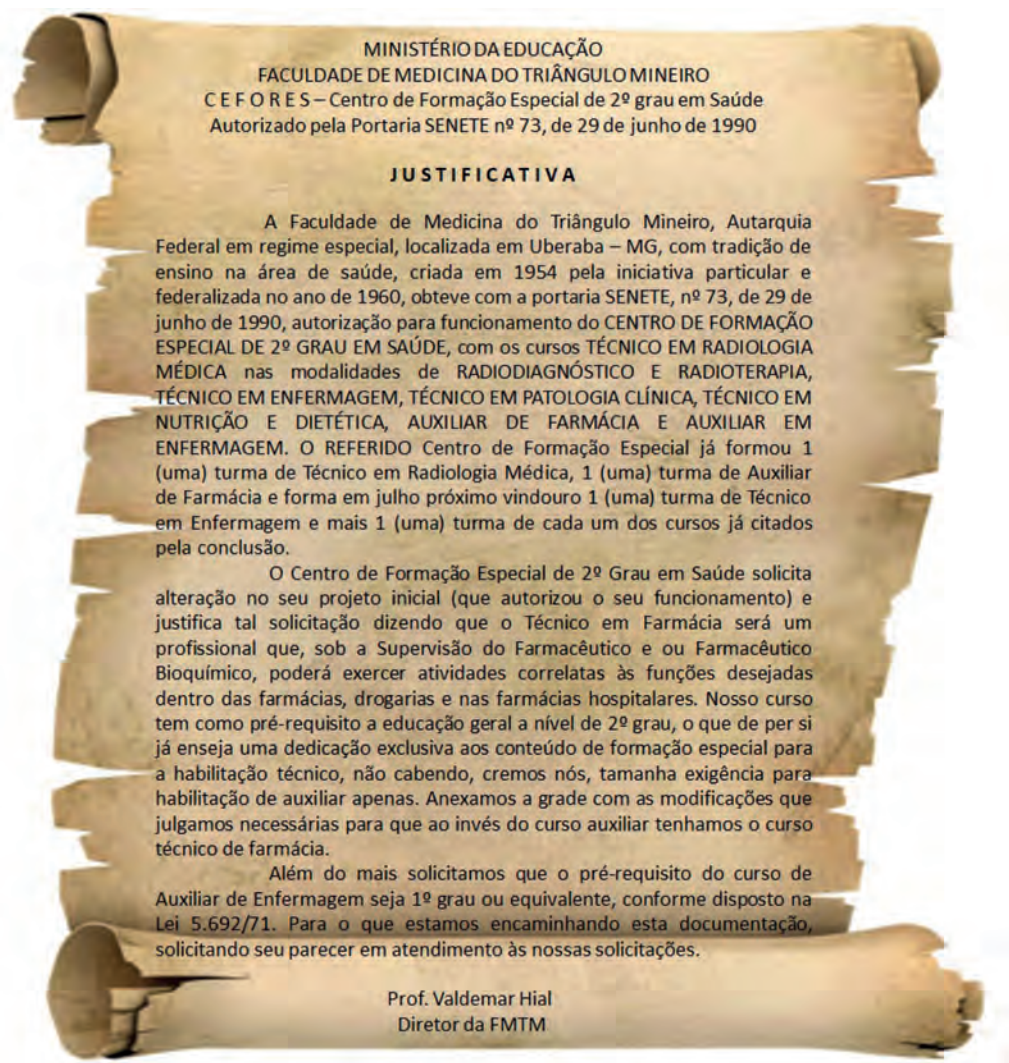


Fonte: Acervo documental do Cefores/UFTM

Os esforços para implantar o Curso Técnico em Farmácia

À época da extinção do Curso de Auxiliar de Farmácia, o Corpo Dirigente da FMTM era composto pelo diretor Valdemar Hial e pelo vice-diretor Lineu José Miziara. Já o Corpo Dirigente do Cefores pela diretora Ana Palmira Soares dos Santos e pelo secretário Luiz Carlos Moreira Lopes. Juntos eles elaboraram um processo de modificação no Projeto dos Cursos Técnicos do Cefores-FMTM que em 1992 foi enviado à Senete, com a justificativa apresentada na Figura 3.

Figura 3 – Transcrição da fonte histórica do Processo de Modificação do Projeto Inicial dos Cursos Técnicos do Cefores para possibilitar a oferta do Curso Técnico em Farmácia



Fonte: Acervo documental do Cefores.

Em 29 de abril de 1993, o Projeto de Currículo Mínimo do Curso Técnico em Farmácia foi protocolado pela FMTM, por meio do Cefores, junto ao Conselho Federal de Educação. Contudo, passados mais de um ano, em 27 de setembro de 1994, o projeto teve que ser reenviado por meio do Ofício nº 461/94/GAB/FMTM, do professor Nilson de Camargos Roso, diretor da FMTM, ao Presidente da Câmara de Ensino de 2º Grau – Cegrau, pois eles alegavam não o terem localizado.

Na justificativa apresentada, consta que a habilitação proposta era resultado de pesquisa realizada junto aos estudantes de 1º e 2º graus, donos de farmácias e farmacêuticos, não só de Minas Gerais, como de outros estados consultados, o que comprovava a real exigência do mercado de trabalho.

Em 22 de novembro de 1995, foi enviado o Ofício nº 338/GAB/FMTM, do professor Nilson de Camargos Roso, diretor da FMTM, à Senete, pedindo a transformação do Curso Auxiliar de Farmácia em Técnico em Farmácia. Finalmente, em 30 de outubro de 1995, o professor Valdemar Hial, então diretor da FMTM, recebeu o Ofício nº 2454/MEC/Semtec/CGDEM referente à aprovação da proposta curricular do Curso Técnico em Farmácia.

O Curso Técnico em Farmácia

Em 1996, o Curso Técnico em Farmácia foi implantado. O primeiro processo seletivo registrou 140 candidatos e desses, 33 foram matriculados no 1º Módulo. No segundo semestre de 1996, já no 2º Módulo, o curso apresentava 24 alunos matriculados. Em agosto de 1997, foi realizada a solenidade de entrega de diplomas aos alunos que fizeram parte da I Turma do Curso Técnico em Farmácia, conforme observa-se na Figura 4.

Figura 4 – Convite de Formatura da I Turma do Curso Técnico em Farmácia do Cefores/FMTM



Fonte: Acervo documental do Cefores/UFTM

Em relação à grade curricular do Curso Técnico em Farmácia, é possível observar na Tabela 2 que ele era dividido em três módulos, ministrados em semestres distintos. Tal grade contemplava disciplinas básicas como Segurança do Trabalho e Primeiros Socorros, Matemática e Português Aplicados, além de outras, específicas da área farmacêutica, como Farmacotécnica, Assistência Farmacêutica e Prática Supervisionada.

O primeiro módulo era composto por disciplinas cujas cargas horárias totalizavam 440 horas, e o segundo, 410 horas. Já o terceiro e último módulo era composto por 240 horas de disciplinas e 400 horas de Estágio Supervisionado.

Tabela 2 - Grade Curricular do Curso Técnico em Farmácia do Cefores

Disciplinas	Carga horária			
	1º	2º	3º	Total
1.Química Farmacêutica	60			60
2.Anatomia e Fisiologia Humana	60			60
3.Segurança no Trabalho e Primeiros Socorros	30			30
4.Higiene e Profilaxia	30			30
5.Legislação e Ética Profissional	60			60
6.Administração Aplicada	30			30
7.Psicologia Aplicada e Relações Humanas	60			60
8.Matemática Aplicada	30			30
9.Prática Supervisionada I	80			80
10.Estudos Regionais		30		30
11.Parasitologia		60		60
12.Farmacotécnica		60	60	120
13.Farmacodinâmica		60	60	120
14.Farmacognosia		60	60	120
15.Português Aplicado		60		60
16.Prática Supervisionada II		80		80
17.Assistência Farmacêutica à Saúde			60	60
Subtotal	440	410	240	1090
Estágio Supervisionado			400	400
Totais	440	410	640	1490

Fonte: Acervo documental do Cefores/UFTM

Os primeiros professores do Curso Auxiliar de Farmácia estão relacionados no Quadro 1. A maioria dos que ministravam disciplinas da área específica eram profissionais farmacêuticos do quadro técnico-administrativo do

Hospital Escola, como os professores Carlos Orestes Rosa, Luiz Cipriano de Souza Neto e José Alberto Goulart.

Quadro 2 - Relação dos professores responsáveis pelas disciplinas do
Curso Técnico em Farmácia

Disciplinas	Professores
1.Química Farmacêutica	Carlos Orestes Rosa Luiz Cipriano de Souza Neto
2.Anatomia e Fisiologia Humana	Jair Gonçalves Borges
3.Segurança no Trabalho e Primeiros Socorros	Helena Gomes Peixoto Guerra
4.Higiene e Profilaxia	Nilva Setsuko Takahashi
5.Legislação e Ética Profissional	Paulo Cesar Manara Bittar
6.Administração Aplicada	Ângela das Graças Silva
7.Psicologia Aplicada e Relações Humanas	Maria Regina Basílio Teodoro dos Santos
8.Matemática Aplicada	João Rodrigues dos Santos
9.Prática Supervisionada I	José Alberto Goulart
10.Estudos Regionais	Roseli Aparecida Silva
11.Parasitologia	Élade Ferreira
12.Farmacotécnica	Carlos Orestes Rosa Luiz Cipriano de Souza Neto
13.Farmacodinâmica	Carlos Orestes Rosa Luiz Cipriano de Souza Neto
14.Farmacognosia	Carlos Orestes Rosa Luiz Cipriano de Souza Neto
15.Português Aplicado	José Martins Júnior
16.Prática Supervisionada II	Paulo Cesar Manara Bittar
17.Assistência Farmacêutica à Saúde	Carlos Orestes Rosa Luiz Cipriano Souza

Fonte:organizado pelos autores por meio de pesquisas no acervo documental do Cefores/UFTM.

Contribuição do Cefores para a formação de profissionais na área da Farmácia

Após 22 anos do reconhecimento do Curso Técnico em Farmácia, é ine-
gável sua expressiva contribuição para o mercado de trabalho do Setor Far-
macêutico de Uberaba e região, como exposto pela Tabela 3.

Tabela 3 – Quantitativo de Alunos Diplomados pelo Curso Técnico em Farmácia do Cefores de 1997 a 2019

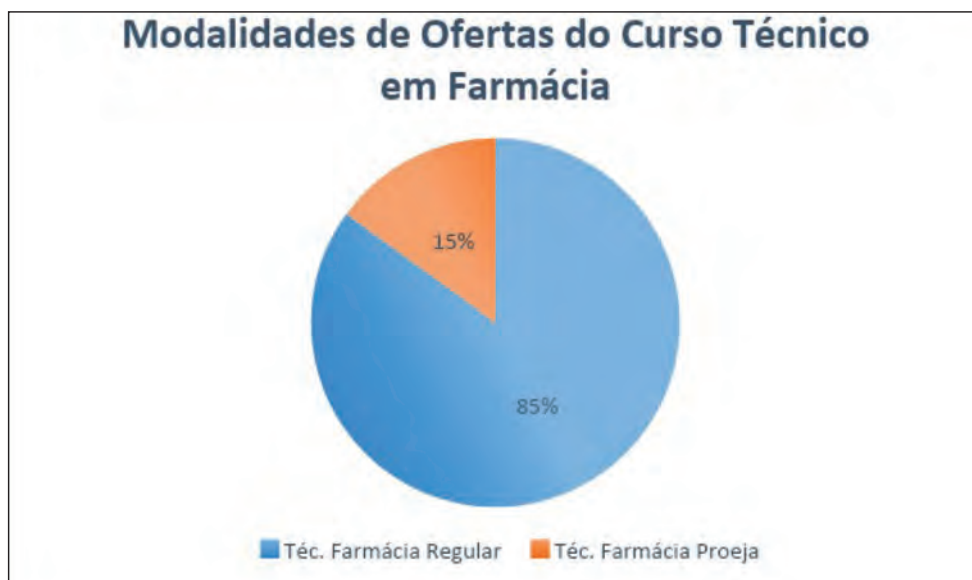
Turma	Ano	Nº Ingressantes	Nº Diplomados
I	1997	33	24
II	1998	26	21
III	2000	28	18
IV	2001	26	19
V	2003	37	22
VI	2005	29	26
VII	2006	27	12
VIII	2008	28	14
IX	2010	21	13
X	2010	43	7
XI	2011	*	5
XII	2011	33	22
XIII	2012	36	19
XIV	2013	29	14
XV	2013	27	14
XVI	2015	30	14
XVII	2017	43	15
XVIII	2018	31	21
XIX	2019	38	22
Total		565	322

Fonte: Seção de Registro Acadêmico do Cefores/UFTM

Nota: * dados não encontrados

Além das ofertas regulares na modalidade subsequente ao Ensino Médio, o Curso Técnico em Farmácia ofertou quatro turmas por meio do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na Modalidade de Jovens e Adultos – Proeja– no período de 2008 a 2012, diplomando 45 alunos, representando 15% do total de diplomados, conforme demonstrado no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Distribuição de alunos diplomados no Curso Técnico em Farmácia do Cefores por modalidade de oferta no período de 1996 a 2018



Fonte: Seção de Registro Acadêmico do Cefores/UFTM

O Curso Técnico em Farmácia também ofertou uma turma, na modalidade subsequente ao Ensino Médio, desenvolvendo outra ação do Governo Federal, o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – Pronatec. Esse programa foi criado em 2011, por meio da Lei nº 12.513, a fim de ampliar a oferta de cursos de Educação Profissional e Tecnológica, por meio de programas, projetos e ações de assistência técnica e financeira.

O Curso Técnico em Farmácia na atualidade

A matriz curricular do Curso Técnico em Farmácia do Cefores sofreu alterações ao longo do tempo, como mudanças na duração do curso, no horário das aulas, além da inclusão de novas disciplinas. Os componentes curriculares e respectiva carga horária da matriz curricular vigente podem ser observados na Tabela 4.

Tabela 4 - Matriz Curricular do Curso Técnico em Farmácia - Ano 2020

1º semestre	
Disciplina	CH (horas)
Anatomia Humana	40h
Atenção Farmacêutica	30h
Biossegurança no Ambiente Farmacêutico	40h
Ética e Legislação Profissional Aplicadas à Farmácia	20h
Farmácia Hospitalar	40h
Higiene e Profilaxia	30h
Informática Básica	30h
Matemática Aplicada à Farmácia	40h
Noções Básicas de Farmácia	40h
Primeiros Socorros	30h
Química Geral	60h
TOTAL DO SEMESTRE	400h
2º semestre	
Disciplina	CH (horas)
Assistência Farmacêutica	40h
Bioquímica e Imunologia Aplicadas à Farmácia	40h
Farmácia Instrumental	40h
Farmacobotânica, Farmacognosia e Homeopatia	40h
Farmacologia I	60h
Farmacotécnica I	100
Fisiologia e Patologia Aplicadas à Farmácia	40h
Microbiologia Aplicada à Farmácia	40h
TOTAL DO SEMESTRE	400h
3º semestre	
Disciplina	CH (horas)
Administração	30h
Parasitologia Aplicada à Farmácia	40h
Química Medicinal	40h
Farmacotécnica II	100h
Farmacologia II	60h
Informática Aplicada à Farmácia	30h
Segurança do Trabalho	30h
Técnicas de Comunicação Oral e Escrita	40h
TOTAL DO SEMESTRE	370h
Prática Profissional	30
TOTAL MÍNIMO EXIGIDO PELO MEC	1200
Estágio Supervisionado:	
Drogaria/Farmácia – Observação 20h	
Drogaria/Farmácia – Dispensação 20h	
Farmácia Hospitalar 30h	70h
CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO	1.270h

Fonte: Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Farmácia do Cefores/UFTM (adaptado).

O corpo docente do Cefores também teve inúmeras alterações desde sua fundação, devido às contratações temporárias praticadas. O corpo docente atual do Curso Técnico em Farmácia do Cefores é apresentado no Quadro 3.

Quadro 3 - Relação de docentes do Curso Técnico em Farmácia e respectivos Componentes Curriculares

DOCENTE	COMPONENTE(S) CURRICULAR(ES)
Ana Palmira Soares dos Santos	Administração
André Luiz Souza	Informática Básica
Claudia Almeida Rodrigues Murta	Técnicas de Comunicação Oral e Escrita
Elaine Cristina Bento Oliveira	Parasitologia Aplicada à Farmácia
Geraldo Batista Londe	Química Geral Farmácia Instrumental
Guilherme Ferreto	Primeiros Socorros
Keila Adriana Magalhães Ferreira	Biossegurança no Ambiente Farmacêutico Farmácia Hospitalar Assistência Farmacêutica Farmacologia I Farmacologia II Prática Profissional
Márcia Laina da Luz Silveira	Atenção Farmacêutica Higiene e Profilaxia Farmacotécnica I Farmacotécnica II Prática Profissional
Marcio de Queiroz Murad	Segurança do Trabalho
Pablo de Oliveira Pegorari	Anatomia Humana
Paulo Roberto da Silva	Microbiologia Aplicada à Farmácia
Rafael Faria de Oliveira	Fisiologia e Patologia Aplicadas à Farmácia
Teresinha das Graças Lima	Matemática Aplicada à Farmácia
Tony de Paiva Paulino	Noções Básicas de Farmácia Bioquímica e Imunologia Aplicadas à Farmácia Farmacobotânica, Farmacognosia e Homeopatia Química Medicinal Informática Aplicada à Farmácia Prática Profissional
Valéria Siqueira Roque	Ética e Legislação Profissional Aplicadas à Farmácia

Fonte: Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Farmácia do Cefores/UFTM (adaptado).

Em 2014, o Curso Técnico em Farmácia do Cefores foi contemplado com recursos financeiros concedidos pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – por meio da chamada nº 14/2014 destinada à Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação – Setec/MEC – para apoio a Projetos Cooperativos de Pesquisa Aplicada e Extensão Tecnológica sob o número de processo 46008/2014-8 pertencente à linha 4, soluções inovadoras e à área do conhecimento: Análise e Controle de Medicamentos.

O projeto intitulado “Implantação de Processos Inovadores na Cadeia Terapêutica Medicamentosa nas Unidades de Terapia Intensiva do HC/UFTM” foi coordenado pela docente do Curso Técnico em Farmácia, Keila Adriana Magalhães Ferreira e contou com a parceria do Setor de Farmácia do HC/UFTM e de vários docentes do Curso Técnico em Farmácia do Cefores.

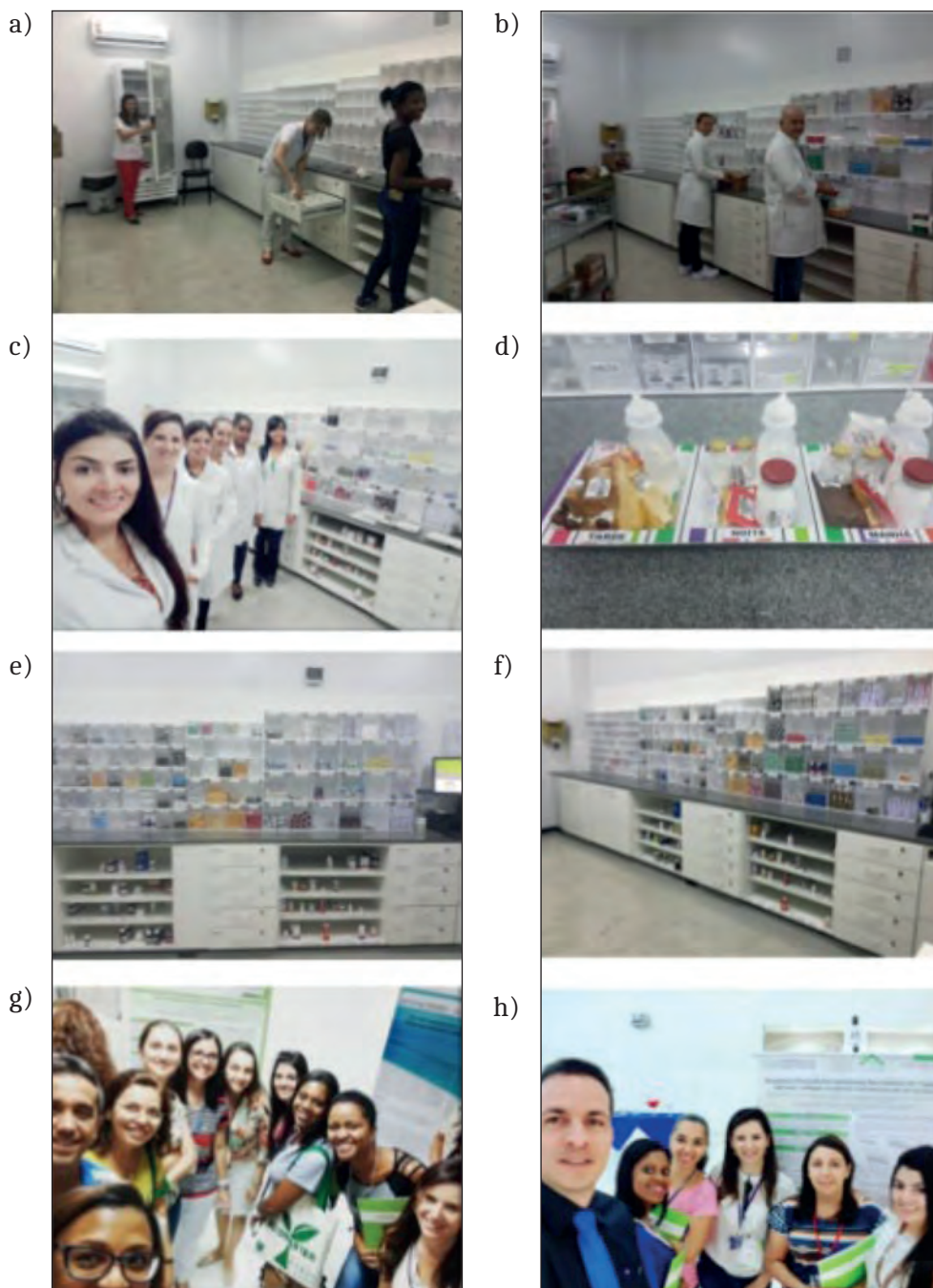
Os objetivos do projeto, atingidos na íntegra, foram: (i) instalar um Centro Especializado de Atendimento Farmacêutico (Farmácia Satélite das Unidades de Terapia Intensiva Adulta, Coronariana, Pediátrica e Neonatal); (ii) organizar e implantar um Sistema de Dispensação Informatizado que atendessem às necessidades do setor e (iii) inserir o profissional Farmacêutico e o Técnico em Farmácia na equipe multiprofissional de atendimento ao paciente em estado crítico.

A Figura 5 apresenta algumas imagens ilustrando a organização da área para implantação da Farmácia Satélite das Unidades de Terapia Intensiva – UTIs, com sistema de distribuição de medicamentos, *layout* final e apresentação dos resultados em evento promovido pela Rede da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares – Ebserh – no HC/UFTM.

Na imagem (a), da esquerda para a direita, as professoras Keila Adriana Magalhães Ferreira e Márcia Laina da Luz Silveira e a discente Jacqueline Cristina Targino, da XVIII Turma do Curso Técnico em Farmácia do Cefores. Na imagem (b), a discente Sara Noemi Rezende e o servidor Jesus Amado. A imagem (c) traz parte da equipe executora da organização de medicamentos para dispensação informatizada. A imagem (d) mostra os medicamentos já organizados de forma a propiciar essa dispensação por turnos de trabalho: manhã, tarde e noite.

As imagens (e) e (f) apresentam o *layout* da Farmácia Satélite das UTIs, com a organização dos medicamentos injetáveis nos módulos em acrílico, garantindo segurança e higiene. Os medicamentos de dose coletiva organizados em mobiliários específicos e aqueles sujeitos a controle especial, em gaveteiros com chave. Já as imagens (g) e (h) mostram os colaboradores que participaram da implantação da Farmácia Satélite apresentando trabalho no 1º Simpósio de Hotelaria Hospitalar da Rede da Ebserh, de 17 a 19 de outubro de 2017, promovido pelo HC-UFTM. O trabalho apresentado foi relacionado ao tema: “Assistência Farmacêutica Humanizada nas Unidades de Tratamento Intensivo: enfoque na seleção e armazenamento de fármacos”.

Figura 5 - Imagens ilustrando a execução do projeto denominado “Implantação de Processos Inovadores na Cadeia Terapêutica Medicamentosa nas Unidades de Terapia Intensiva do HC/UFTM”



Fonte: Relatório Final CNPq.

Em 19 de dezembro de 2017, o Cefores realizou um evento celebrando os 20 anos dos reconhecimentos dos Cursos Técnicos em Análises Clínicas e em Farmácia, bem como o I Encontro de Egressos desses cursos. A Figura 6 mostra o convite com informações sobre esse evento.

Figura 6 – Convite do evento “Cursos Técnicos em Análises Clínicas e Farmácia: 20 anos de História - I Encontro de Egressos”



CEFORES
Centro de Educação Profissional

UFTM

CURSOS TÉCNICOS EM ANÁLISES CLÍNICAS E FARMÁCIA: 20 ANOS DE HISTÓRIA
I ENCONTRO DE EGRESSOS

A Direção do CEFORES/UFTM e PRONATEC/UFTM e as Coordenações dos cursos Técnicos em Análises Clínicas e Farmácia têm a honra de convidar a comunidade acadêmica do CEFORES/PRONATEC/UFTM e a comunidade de Uberaba e região para o Encontro Comemorativo dos 20 Anos de atividades dos seus cursos técnicos. O evento acontecerá no dia 19 de dezembro às 19:00 no Anfiteatro Esmeralda da UFTM, com a presença de profissionais que ministrarão palestras nas áreas de Análises Clínicas e Farmácia.

PROGRAMAÇÃO

- 18:00** – Credenciamento e recepção
- 19:00** – Apresentação artística
- 19:30** – Solenidade de abertura
- 19:45** – Apresentação do Laboratório de Análises Clínicas e Ensino
- 20:00** – Palestra I – O perfil do técnico em Análises Clínicas - Carlos Eduardo Reis – Gestor Regional do Sabin
- 20:30** – Finalização do Projeto de Inovação Tecnológica: Farmácia Satélite das UTIs do Hospital de Clínicas
- 20:45** – Palestra II – Atuação do Técnico em Farmácia – Desafios e Perspectivas
- 21:00** – Homenagens
- 21:30** – Encerramento

Fonte: Acervo documental do Cefores/UFTM

A Figura 7 traz imagens da realização desse evento. As imagens (a) e (b) mostram, respectivamente proferindo suas palestras, o coordenador do Curso Técnico em Análises Clínicas, professor Rafael Faria de Oliveira, e a professora Keila Adriana Magalhães Ferreira, uma das organizadoras do evento e, à época, coordenadora do Curso Técnico em Farmácia.

A imagem (c) reúne alguns dos homenageados do evento, sendo da esquerda para a direita: os professores Maurício Ferreira e Geraldo Batista Londe, ex-diretores; professor Paulo Roberto da Silva, diretor atual e à época; professora Rosely Aparecida Silva Gomes, ex-docente; professora Ana Palmira Soares dos Santos, docente e também ex-diretora e o professor José Henrique Nunes, ex-diretor. O três últimos também fizeram parte da equipe de idealizadores do Cefores.

Figura 7 – Palestrantes e homenageados do evento “Cursos Técnicos em Análises Clínicas e Farmácia: 20 anos de História - I Encontro de Egressos”.



Fonte: Acervo dos autores.

O evento também foi marcado pela homenagem especial ao professor José Alberto Goulart (Figura 8), apelidado carinhosamente como “Seu Zé”, que não pôde participar por estar com problemas de saúde. Pouco depois, em 2018, faleceu deixando saudades e boas lembranças. Sua partida foi recebida com muito pesar por todos os egressos do Curso Técnico em Farmácia, pelos professores, técnicos administrativos e amigos desta longa jornada dedicada ao ensino e à formação, não apenas profissional, mas também responsável, humanizada e ética.

Figura 8 – Professor José Alberto Goulart ao lado da esposa, Idelza Fernandes Goulart e dos filhos: Ricardo Fernandes Goulart, à esquerda e José Alberto Goulart Filho, à direita



Fonte: acervo da família do professor José Alberto Goulart, gentilmente cedido.

Em 2019, os alunos da XIX Turma do Curso Técnico em Farmácia realizaram uma visita técnica ao Laboratório Teuto Brasileiro, indústria farmacêutica de grande porte sediada em Anápolis-GO. A atividade foi orientada pela professora Márcia Laina da Luz Silveira, como prática da disciplina de Farmacotécnica, com o objetivo de apresentar os diferentes processos produtivos de medicamentos.

O Laboratório Teuto foi escolhido por ser referência no mercado farmacêutico nacional e internacional. Além de ser pioneiro na produção de medicamentos genéricos no Brasil, também investe em projetos de sustentabilidade. Entre as diversas ações com foco em meio ambiente, saúde e bem estar, destaca-se a preservação da Reserva Follium, uma área de 700 mil metros quadrados que abriga diversas espécies do cerrado.

As imagens da Figura 9 mostram, na sequência, os alunos acompanhados pela professora Márcia Laina no gramado da fachada do laboratório e em frente à entrada principal; no refeitório onde foi oferecido um almoço e no momento em que conheceram a Reserva Follium.

Figura 9 – Visita Técnica ao Laboratório Teuto Brasileiro pela XIX Turma do Curso Técnico em Farmácia do Cefores/UFTM



Fonte: Acervo dos autores.

A XIX Turma do Curso Técnico em Farmácia também teve a oportunidade de conhecer a Master Line do Brasil – indústria de produtos de higiene pessoal e cosméticos sediada em Uberaba – com o objetivo de aprofundar os conhecimentos adquiridos na disciplina de Farmacotécnica. A atividade contou com a orientação e/ou acompanhamento dos seguintes professores: Keila Adriana Magalhães Ferreira, Geraldo Batista Londe, Márcia Laina da Luz Silveira e Tony de Paiva Paulino.

Figura 10 – Visita Técnica à Master Line do Brasil pela XIX Turma do Curso Técnico em Farmácia do Cefores/UFTM



Fonte: Acervo dos autores.

Em 6 de março de 2020, ocorreu a Cerimônia de Formatura da XIX Turma do Curso Técnico em Farmácia, então coordenado pelo professor Geraldo Batista Londe. A solenidade foi presidida pela professora Fabiana Caetano Martins Silva e Dutra, representando o Magnífico Reitor da UFTM e o Pró-reitor de Ensino.

Além da professora Fabiana, compunham a mesa diretiva o professor Paulo Roberto da Silva, diretor do Cefores; a pedagoga Jacqueline Oliveira Lima, representando a Coordenadora Pedagógica; as professoras Keila Adriana Magalhães Ferreira, Coordenadora Geral de Cursos Técnicos e Márcia Laina da Luz Silveira, representando o Coordenador do Curso Técnico em Farmácia, além do professor Rafael Faria de Oliveira, coordenador do Curso Técnico em Análises Clínicas, cuja XX Turma também recebeu a outorga do título.

A Figura 11 traz algumas imagens dessa cerimônia. A imagem (a) mostra os formandos ao lado do paraninfo, professor Tony de Paiva Paulino, que além de ser egresso do Cefores, coordenou o Curso Técnico em Farmácia por quase uma década. Já a imagem (b) mostra o convite da formatura.

Figura 11 – Formandos e Paraninfo da XIX Turma do Curso Técnico em Farmácia do Cefores e respectivo convite de formatura

a)



b)



Fonte: Acervo dos autores.

Recordar e saborear

Ao fazer voltar à memória, tem-se a oportunidade de reviver belas recordações. Assim, nos depoimentos apresentados a seguir, obtidos de importantes figuras que participaram da construção dos 30 anos do Cefores e do Curso Técnico em Farmácia, é possível degustar e saborear essas lembranças, num misto de satisfação, alegria e sensação de tarefa cumprida.

A professora Marlene Cabrine dos Santos Silva, por exemplo, que foi docente substituta do Curso Técnico em Farmácia entre os anos 2001 e 2003, ministrando as disciplinas Farmacognosia e Farmacodinâmica, relembrou uma homenagem recebida dos alunos em 2001:

Fiquei muito emocionada e me senti recompensada pelo esforço em fazer um bom trabalho. Foi no Cefores minha primeira experiência! Nunca vou esquecer o quanto aprendi! Aprendi nesse tempo que eu realmente tinha dom para ser professora e firmei o meu propósito em seguir esse caminho. Hoje, agradeço a Deus as oportunidades que Ele me deu e o meu dom. Sou muito feliz em ser docente da UFTM, hoje na graduação do curso de Biomedicina (CABRINE-SANTOS, 2020).

Professora do Curso de Biomedicina da UFTM, atuando com o Estágio em Análises Clínicas e autora de preciosos trabalhos na área da pesquisa científica em Protozoologia Parasitária, a professora Marlene também destaca a importância do profissional Técnico em Farmácia no mercado farmacêutico nacional e no campo da Saúde Pública:

Considero o Técnico a força de trabalho numa farmácia e um dos responsáveis pelo seu sucesso. Na manipulação de medicamentos, o farmacêutico orienta o técnico em como a manipulação deve ser feita, mas é ele que deve assumir a responsabilidade da manipulação, ele precisa entender que seu serviço é fundamental para a cura/alívio dos pacientes. O técnico também deve ser o escolhido para o atendimento no balcão, pois, como tem noções de saúde, doença e medicamentos, pode prestar um serviço de qualidade e humanizado. Desse atendimento, principalmente, depende o sucesso da farmácia! Hoje vejo que as pessoas estão mais confiantes na homeopatia – que ainda é um campo promissor, na manipulação de medicamentos, no atendimento humanizado no balcão – uma inovação – e o que me encanta, a chamada farmácia clínica (CABRINE-SANTOS, 2020).

Outro exemplo é o de Sandra Mara Morais Fonseca, que também se emocionou ao recordar sua história no Cefores. Sandra é egressa da I Turma de Auxiliar de Farmácia e da III Turma de Técnicos em Farmácia. Em seu depoimento ela afirmou:

Fiquei muito emocionada...acho que é de grande importância quando alguma porta abre e dá luz a uma pessoa. Eu estava em casa, não estava trabalhando e de repente ouvi no rádio um anúncio falando que haveria os Cursos de Auxiliar de Farmácia e o Curso Técnico em Radiologia. Eu fiquei super interessada, fiz minha inscrição e comecei a fazer [o curso], sempre gostei de estudar...Sempre gostei da área da saúde e falar sobre medicamentos, sobre doenças, sempre me chamou muito a atenção. O Curso despertou ainda mais minha curiosidade, me ajudou a definir o que eu queria e até financeiramente, pois a oferta do curso é gratuita... (FONSECA, 2020).

Sandra Mara atualmente é colaboradora no Serviço de Farmácia do HC-UFTM. Com carinho, recorda momentos do curso e início da carreira:

Foi uma turma muito bem preparada por pessoas maravilhosas que nos acompanharam durante o curso. Assim que terminei o Curso de Auxiliar e até antes de fazer o Curso Técnico já comecei a trabalhar em uma Farmácia de Manipulação e ali fui desenvolvendo, trabalhando, me aperfeiçoando...e tudo que tenho até hoje foi graças ao Curso de Auxiliar, foi por ele que eu fiz tudo na minha vida. Mas enfim, foi por causa do Curso Técnico em Farmácia e de Auxiliar que hoje eu estou aqui, completando 27 anos de técnico...foi muito bom (FONSECA, 2020).

Ainda no depoimento concedido por Sandra Mara, fica evidente a importância do Cefores enquanto instituição de educação profissional, bem como o seu papel de transformação social no âmbito de Uberaba e região:

O Cefores foi uma inspiração...profissional e pessoal...você estando dentro de uma instituição que abre as portas, te oferece uma forma de trabalhar...te molda. Você chega lá fora e tem uma forma de encarar a vida, de encarar sua profissão com uma bagagem profissional. Eu acho que isso foi maravilhoso. Eu saí de lá, já entrei na carreira de Técnico em Farmácia e além de ter sido reconhecida...eu pude ajudar muita gente... Eu pude falar: olha, vai lá e faz o Técnico, você vai melhorar sua vida, você vai melhorar o seu currículo, você vai melhorar o seu nível profissional...Muita gente que orientei está hoje com a mesma satisfação de estar trabalhando como técnico, de ser reconhecido, de ser valorizado...O grande momento da minha vida foi estar dentro do Cefores. O Cefores representa para mim uma Escola de grande valor, que não deve acabar...que deve estar sempre ali com seus alunos... crescendo da mesma forma (FONSECA, 2020).

Considerações finais

No decorrer deste capítulo recordamos o nome de diversas pessoas – docentes, discentes e técnicos administrativos – que deram sabor à história do Curso Técnico em Farmácia do Cefores. Sabemos que inúmeras outras pessoas não citadas também desempenharam um papel fundamental nessa história, apoiando e vivenciando sua construção. A elas nossa gratidão e a certeza de que ajudaram a construir uma escola pública de qualidade, que contribui para transformar vidas. Todos fazem parte desse sucesso.

Referências

BRASIL. **Decreto nº 5.840 de 2006**. Institui no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. Diário Oficial da União. Brasília, 2006.

_____. **Lei nº 12.513 de 2011**. Institui o Programa Nacional de Acesso ao ensino Técnico e Emprego (PRONATEC). Diário Oficial da União. Brasília, 2011.

_____. Ministério da Educação. **Portaria SENETE nº 73, de 29 de junho de 1990**. Autorizou o funcionamento do Cefores. Diário Oficial da União. Brasília, 1990.

_____. Ministério da Educação. **Portaria da Secretaria Nacional de Educação Tecnológica nº 435, de 16 de julho de 1992**. Declara a regularidade dos cursos: Auxiliar de Farmácia, Auxiliar e Técnicos em Enfermagem e Técnico em Radiologia Médica. Diário Oficial da União. Brasília, 1992.

CABRINE-SANTOS, Marlene. [Universidade Federal do Triângulo Mineiro]. Uberaba, 31 de março de 2020. Depoimento concedido às docentes Keila Adriana Magalhães Ferreira e Márcia Laina da Luz Silveira.

CENTRO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DA UFTM. **Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Farmácia**. Uberaba, 2017.

FERREIRA, Maurício. [Centro de Educação Profissional]. Uberaba, 17 de dezembro de 2019. Depoimento concedido aos organizadores do Projeto de Extensão “Cefores, 30 anos de história”.

FONSECA, Sandra Mara Moraes. [Hospital de Clínicas /Universidade Federal do Triângulo Mineiro]. Uberaba, 12 de março de 2020. Depoimento concedido ao discente Douglas Passos Ribeiro.

LIMA, Teresinha das Graças. [Centro de Educação Profissional]. Uberaba, 10 de dezembro de 2019. Depoimento concedido aos organizadores do Projeto de Extensão “Cefores, 30 anos de história”.

LONDE, Geraldo Batista. **[Centro de Educação Profissional]**. Uberaba, 17 de dezembro de 2019. Depoimento concedido aos organizadores do Projeto de Extensão “Cefores, 30 anos de história”.

NUNES, José Henrique. **[Centro de Educação Profissional]**. Uberaba, 14 de novembro de 2019. Depoimento concedido à Equipe responsável pela elaboração do Livro Cefores, 30 anos de história.

SOARES, Ana Palmira. **[Centro de Educação Profissional]**. Uberaba, 11 de fevereiro de 2020. Depoimento concedido às docentes Keila Adriana Magalhães Ferreira e Márcia Laina da Luz Silveira.

CURSO TÉCNICO EM RADIOLOGIA: HISTÓRIA E QUESTÕES ATUAIS

Neliane Cristina Moreira¹
Edmur Teodoro Leite²
Fabiano de Araújo Rezende³

Introdução

Para iniciar a história do Curso Técnico em Radiologia do Cefores é oportuno mencionar a história da radiologia no mundo e no Brasil. Sendo assim, a data registrada como a descoberta oficial da radiação ionizante foi 8 de novembro de 1895, com o físico alemão Wilhelm Conrad Röntgen (1845-1923), que produziu radiação eletromagnética nos comprimentos de onda correspondentes aos atualmente chamados raios X. Esse nome foi dado devido ao desconhecimento, na época, a respeito da natureza dessa radiação. A primeira radiografia realizada foi da mão esquerda de Anna Bertha Röntgen, esposa do físico, que expôs a mão à radiação oriunda do tubo por cerca de 15 minutos.

No Brasil, a história tem início com o radiologista Álvaro Alvim, que em 1896 foi para a França, onde se especializou em Física Médica. De Paris, trouxe alguns dos primeiros equipamentos radiológicos para o Brasil.

Em 1897, o professor Alfredo Brito (1863-1909) realizou, na Bahia, a primeira radiografia no campo de batalha, durante a Guerra de Canudos, para

1 Doutoranda em Medicina Tropical e Infectologia (Imunologia e Parasitologia Aplicadas) pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: neliane.moreira@uftm.edu.br.

2 Especialista em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Universidade de Uberaba. Foi Professor Substituto do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: edmurteo@hotmail.com.

3 Mestre em Ciências Farmacêuticas pela Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Técnico em Radiologia no Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro e Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: fabiano.rezende@uftm.edu.br.

localizar projéteis de arma de fogo nos combatentes. Destaque em Minas Gerais para a cidade de Formiga, que recebeu o primeiro aparelho de radiologia, instalado no interior do Brasil, trazido pelo doutor José Carlos Ferreira Pires, no final do século XIX.

Em 1951, o Hospital das Clínicas de São Paulo criou o Curso Técnico Raphael de Barros, o primeiro a formar Técnicos em Radiologia no Brasil.

No dia 29 de outubro de 1985, o exercício da profissão de Técnico em Radiologia foi regulado no Brasil pela Lei nº 7.394/85. E no dia 17 de junho de 1986, esta lei foi regulamentada pelo Decreto nº 92.790/86.

E finalmente em Uberaba, no ano de 1990, o Cefores implantou o Curso Técnico em Radiologia Médica, Radiodiagnóstico e Radioterapia. Com o objetivo de compreender a história do curso, realizamos um estudo a partir de depoimentos e levantamento de documentos históricos pertencentes ao acervo do Cefores.

Contextualização histórica do curso

O Curso Técnico em Radiologia foi implantado em 1990, inicialmente denominado Curso Técnico em Radiologia Médica, Radiodiagnóstico e Radioterapia. Foi reconhecido pela Portaria nº 435, de 16 de julho de 1992, da Secretaria Nacional de Educação Tecnológica do Ministério da Educação – Senete/MEC. A principal motivação para criação do curso foi a carência de profissionais apresentada no município e região. O objetivo inicial era formar e habilitar técnicos que pudessem atuar de forma competente em diversos locais como hospitais, laboratórios, clínicas e demais instituições de saúde.

A primeira turma de Técnicos em Radiologia do Cefores iniciou o curso em agosto de 1990 e concluiu em julho de 1991. Os formandos dessa turma foram: Ana Lucia Oliveira Mendes, Anísio Dias Umbelino, Emil Al Manne, Gilcileia Rocha e Silva, Jeronima Costa Vieira Marciano, João Anivaldo Oliveira, José Eduardo dos Reis Félix, José Geraldo Alves, Lourival Pereira de Andrade, Lucia Maria Nunes e Silva, Marta Maria da Silva Ferreira, Paulo Roberto Paulino, Randolfa Alves Raimundo e Wagner da Cruz.

A Figura 1 mostra alguns alunos na cerimônia de formatura. Vale lembrar que alguns deles são atuantes no Hospital de Clínicas da UFTM como Técnicos em Radiologia e contribuem na formação dos alunos do Cefores em campo de estágio.

Figura 1- Formatura da Primeira Turma de Técnicos em Radiologia



Fonte: Acervo pessoal do Professor José Eduardo dos Reis Félix.

Os idealizadores do Curso Técnico em Radiologia do Cefores foram Ana Palmira Soares dos Santos, José Henrique Nunes e Wandir Ferreira de Sousa. Dentre esses, a professora Ana Palmira ainda contribui como docente, além de apoiar iniciativas que visam à melhoria da qualidade do ensino no Cefores.

Dr. Wandir, por sua vez, sendo médico radiologista, foi uma das principais referências na criação do curso. Com sua visão de futuro e credibilidade, reconheceu a necessidade de capacitação de profissionais na área técnica em radiologia e orientou a administração da época a fim de viabilizar a criação do curso, sendo seu primeiro coordenador. Após muitos anos de dedicação à Radiologia em Uberaba, Dr. Wandir faleceu em 5 de novembro de 2016, deixando um grande legado para o Curso Técnico em Radiologia do Cefores.

Em entrevista aos autores, seu filho Luis Ronan, também médico radiologista, mencionou que o Dr. Wandir sempre apoiou a carreira dos Técnicos em Radiologia. Inclusive, um dos primeiros profissionais apoiados por ele foi Wilson Facure, Técnico em Radiologia homenageado como nome de uma sala no Hospital das Clínicas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

Os professores pioneiros do curso Técnico em Radiologia foram: André Luiz Alves da Silva, Dalton Lóes Brazil, Francisco Carlos da Silva, José Augusto Martins Braga, José Martins Júnior, Luiz Fernando Angotti, Maria Regina Basílio Teodoro Santos, Roseli Aparecida Silva e Wandir Ferreira de Sousa.

O professor André, carinhosamente chamado de Dedé, atuou como docente e coordenador do curso, permanecendo no Cefores até sua morte, em janeiro de 2015. Foi uma personalidade notória no Cefores, que além de co-

laborar para a formação dos discentes, também foi um excelente companheiro de trabalho. De forma perspicaz, transmitia ensinamentos que não serão esquecidos. Tinha um jeito único de ensinar e foi um dos responsáveis pela formação de alguns dos atuais professores do Curso Técnico em Radiologia. Prestigiado por todos, definitivamente foi uma sumidade que marcou o Cefores e a Radiologia em Uberaba.

Desde sua implantação, o curso passou por algumas adaptações curriculares com o objetivo de atualizar o ensino técnico de acordo com as necessidades de mercado e as modificações legais, priorizando uma melhor preparação do educando para o trabalho e o exercício da cidadania. A primeira matriz, demonstrada na Tabela 1, contava com carga horária total de 1.110 horas, sendo a carga horária de estágio de 300 horas.

Tabela 1 – Grade Curricular do Curso Técnico em Radiologia Médica, Radiodiagnóstico e Radioterapia

DISCIPLINAS E ATIVIDADES	Carga Horária		
	1º	2º	Total
Fundamentos de Radiologia	75	75	150
Administração	60		60
Psicologia e Ética Profissional	45	45	90
Radiologia	75	75	150
Proteção e Higiene das Radiações	60	60	120
Radioterapia	75	75	150
Português Aplicado		60	60
Estudos Regionais	15	15	30
Subtotal	405	405	810
Estágio Supervisionado		300	300
Total	405	705	1110
RESUMO			
1º Semestre – 27 horas semanais	405 horas		
2º Semestre – 27 horas semanais	405 horas		
Estágio (desenvolvido ao final do 2º semestre) – 20 h/sem	300 horas		

Fonte: FMTM/Cefores,1992 (adaptado).

O curso iniciou com duração de um ano, passou por um período com um ano e meio e, atualmente, a formação na área requer dois anos de duração.As matrizes que fizeram parte da história do curso estão descritas a seguir com suas respectivas cargas horárias na Tabela 2:

Tabela 2 – Matrizes que fizeram parte da história do Curso Técnico em Radiologia

Matriz	CH Teórica	CH Prática	CH Estágio	CH Total
1ª	810 horas	-	300 horas	1.110 horas
2ª	1.270 horas	100 horas	440 horas	1.810 horas
3ª	1.390 horas	260 horas	500 horas	2.150 horas
4ª	1.295 horas	260 horas	400 horas	1.955 horas
5ª	1.317 horas	260 horas	500 horas	2.077 horas
6ª	902,5 horas	297,5 horas	400 horas	1.600 horas

Fonte: FMTM/Cefores,1992; Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Radiologia,2018 (adaptado).

Atualmente, o Curso Técnico em Radiologia tem uma matriz curricular de 1200 horas, de acordo com o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos, e 400 horas de estágio, conforme determinado pelo Conselho de Técnicos em Radiologia – Conter.

A profissão está fundamentada na legislação apresentada no Quadro 1:

Quadro 1 – Fundamentação legal da profissão de Técnico em Radiologia

LEGISLAÇÃO	DATA	DISPOSIÇÃO
Lei nº 1.234	14/11/1950	Regulamenta e confere direitos e vantagens a servidores que operam com Raios X e substâncias radioativas.
Lei nº 7.394	29/10/1985	Regula o exercício da profissão de Técnico em Radiologia, e dá outras providências.
Decreto nº 92.790	17/06/1986	Regulamenta a Lei nº 7.394, de 29 de outubro de 1985, que regula o exercício da profissão de Técnico em Radiologia e dá outras providências.
Portaria nº 453 da Secretaria de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde	01/06/1998	Aprova o Regulamento Técnico que estabelece as diretrizes básicas de proteção radiológica em radiodiagnóstico médico e odontológico, dispõe sobre o uso dos raios x diagnósticos em todo território nacional e dá outras providências.
Lei nº 10.508	10/07/2002	Altera o inciso I do art. 2º da Lei no 7.394, de 29 de outubro de 1985, que determina que o operador de técnicas radiológicas deve ser portador de certificado de conclusão do ensino médio e possuir formação profissional mínima de nível técnico em Radiologia.

Quadro 1 – Fundamentação legal da profissão de Técnico em Radiologia (continuação)

LEGISLAÇÃO	DATA	DISPOSIÇÃO
Decreto nº 5.211	22/09/2004	Revoga o art. 18 do Decreto nº 92.790, de 17 de junho de 1986, que regulamenta a Lei nº 7.394, de 29 de outubro de 1985, que regula o exercício da profissão de Técnico em Radiologia.
Resolução nº 15 do Conter	12/12/2011	Reformula o Código de Ética dos profissionais das técnicas radiológicas.
Resolução nº 330 da Diretoria Colegiada da Agência Nacional de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde.	20/12/2019	Regulamenta os serviços de radiologia. Substitui a Portaria SVS/MS 453 de 1º de junho de 1998 e a Resolução Anvisa/RE nº 1016 de 3 de abril de 2006.

Fonte: elaborado pelos autores.

O Curso Técnico em Radiologia na atualidade

O Curso Técnico em Radiologia, um dos pioneiros do Cefores, chega ao seu trigésimo ano, com a vigésima quinta e vigésima sexta turmas em andamento. É um dos cursos mais concorridos nos processos seletivos e formou, ao longo desses anos, 478 (64,86%) Técnicos em Radiologia. Ao todo foram 737 ingressantes, com 197 (26,73%) desistentes e atualmente 62 alunos (8,41%). Os egressos do Curso Técnico em Radiologia estão espalhados por diversas regiões do Brasil atuando na área e levando consigo o nome do Cefores e sua excelência na formação de profissionais.

Além disso, o Curso Técnico em Radiologia do Cefores formou profissionais que retornaram à escola na condição de docentes, atuando na área específica e prática do curso. São eles: Fabiano de Araújo Rezende, José Eduardo dos Reis Félix e Neliane Cristina Moreira. Além deles, Tony de Paiva Paulino, docente do Curso Técnico em Radiologia também é ex-aluno do Cefores pelo Curso Técnico em Patologia Clínica. Vale lembrar que ao longo desses anos alguns ex-alunos também contribuíram na formação dos discentes como professores voluntários ou substitutos: Alex Ricardo de Oliveira, Diego Amad Reck, Edmur Teodoro Leite e Karina Martins de Oliveira Rezende.

Para que os alunos vivenciassem situações diversas, eles foram encorajados pelos docentes do curso a participarem de eventos científicos, tanto os promovidos pelo Cefores-UFTM, quanto aqueles realizados em outras regiões do país. A participação em congressos e workshops teve como objetivo estimular e inserir os alunos na realidade social, para se situarem e se

identificarem, histórica e culturalmente, além de propiciar a vivência na área científica e a troca de experiências com outros discentes e profissionais.

As participações dos alunos e docentes do Curso Técnico em Radiologia do Cefores nesses eventos científicos resultaram em 65 trabalhos apresentados, nove resumos publicados em anais. Além disso, o Cefores foi contemplado com sete prêmios por trabalhos apresentados por este curso.

Os discentes do curso também contribuíram na área da pesquisa com 11 projetos de iniciação científica, com o apoio de instituições de fomento como a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – Fapemig e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

A inserção de Atividades de Conclusão de Curso na matriz curricular também foi uma forma de incentivar os alunos a desenvolverem pesquisas, sendo que, inclusive, alguns trabalhos apresentados em sala de aula foram encaminhados para eventos científicos.

De acordo com depoimentos de egressos do Curso Técnico em Radiologia, a participação em atividades de pesquisa e eventos científicos foi importante para o crescimento profissional e pessoal, uma vez que proporcionou a aproximação com profissionais que agregaram conhecimento e estímulo, abrindo um leque de oportunidades e apontando caminhos diferentes para o futuro.

O Congresso de Radiologia como parte da história do Curso Técnico em Radiologia

O Congresso de Técnicos em Radiologia faz parte da história do curso. Seus idealizadores foram ex-alunos e profissionais que reconheceram a importância da divulgação do conhecimento como forma de integração. Sendo assim, desde 1995 o Congresso de Tecnólogos e Técnicos em Radiologia do Triângulo Mineiro é realizado em Uberaba concomitantemente ao Encontro dos Ex-Alunos do Centro de Educação Profissional.

O evento foi idealizado pelos profissionais atuantes da área: Carlos Roberto da Rocha, funcionário do Hospital Dr. Hélio Angotti; Alex Ricardo de Oliveira, Técnico em Radiologia do Hospital de Clínicas da UFTM e o professor José Eduardo dos Reis Félix, sendo esse o único que compôs a organização de todas as edições do evento. Com intuito de promover a divulgação científica, em 2008 o evento passou também a contar com a Mostra de Painéis. Na Figura 3, é possível observar participantes do evento em uma das Mostras de Painéis, realizada em 2018.

Figura 3 - Alunos e professores da XXIV Turma de Técnicos em Radiologia do Cefores e convidado no XXII Congresso de Técnicos e Tecnólogos em Radiologia do Triângulo Mineiro em Uberaba, realizado em 2018



Fonte: Arquivo pessoal da professora Neliane Cristina Moreira

O objetivo do evento sempre foi de apresentar as novas propostas que surgem no setor, bem como promover a troca de experiências entre técnicos, tecnólogos e estudantes de radiologia. Palestrantes do mais alto nível abordam temas diversos e o evento recebe não apenas participantes de Uberaba e região, mas também grupos de diversas localidades do Brasil, tais como Rio de Janeiro-RJ, Barretos-SP, Franca-SP, Goiânia-GO, Brasília-DF, entre outras.

A importância da participação nessas atividades é destacada pela ex-aluna Marianna Melo Luna. A Técnica afirma que “a oportunidade que é dada em eventos para a apresentação de trabalhos é muito importante, pois estimula o aluno a ter vontade de crescer, de adquirir mais conhecimentos, de se interessar mais em pesquisas” (LUNA, 2020).

Outros alunos relataram que a participação nesses eventos científicos ao longo da própria formação é de grande importância, uma vez que o curso é de curta duração. Dessa forma os eventos, que são abrangentes, proporcionam o conhecimento de novos temas, além de outras formas de aprendizado, muitas vezes, inclusive, descontraídas.

De acordo com a ex-aluna Camila Lagares Cordeiro, “a participação em eventos é uma forma de educação continuada; atualizar conhecimento, além de melhorar o currículo é uma oportunidade de contatos, parcerias e quem sabe a porta de entrada para o mercado de trabalho” (CORDEIRO, 2020).

Ainda de acordo com os depoimentos dos alunos, participar desses eventos e observar a apresentação de trabalhos é uma forma extremamente significativa de aprendizado. Além disso, assistir as palestras incentiva-os a se tornarem, um dia, palestrantes. Portanto, os congressos realizados esti-

mulam o desenvolvimento científico e levam os alunos a pensar nas diversas possibilidades enquanto profissionais da radiologia, com foco em um futuro próspero e de reconhecimento.

Atuação profissional

O Técnico em Radiologia da contemporaneidade necessita preparar-se, de forma ética e consciente, para as demandas do trabalho e para o tratamento humanizado aos clientes e/ou pacientes, como um bom profissional da área da Saúde. Os egressos do curso podem atuar em diversas áreas como diagnóstico, tratamento, supervisão técnica e até mesmo na docência, como nos casos já relatados.

Os profissionais formados no Cefores são reconhecidos pela sociedade uberabense. O médico radiologista Dr. Luís Ronan, inclusive, destaca que o Curso Técnico em Radiologia do Cefores é importantíssimo para o mercado de trabalho local, formando profissionais competentes, proativos e centrados no cuidado ao paciente.

Considerações Finais

No decorrer da coleta de dados para a escrita deste capítulo, identificamos que o Curso Técnico em Radiologia foi idealizado para transformar a vida daqueles que por ele passassem e, à medida que tomávamos conhecimento dos depoimentos de egressos e docentes, percebemos que de fato ocorreram mudanças significativas na vida dessas pessoas.

Assim como profissionais de outras áreas, os Técnicos em Radiologia enfrentam diversos desafios no mundo do trabalho. Nesse contexto, percebemos que o Curso Técnico em Radiologia do Cefores tem e sempre teve a preocupação de preparar seus alunos para que possam corresponder de forma eficiente às demandas do mercado.

O curso faz parte de toda a história do Cefores e vem se transformando, ao longo desses 30 anos de existência, para estar atualizado às exigências da profissão, cumprindo as normas legais e mantendo a excelência na formação dos futuros Técnicos em Radiologia.

Referências

CONTER. Conselho Nacional dos Técnicos em Radiologia. **Histórico**. Disponível em: <www.conter.gov.br>. Acesso em: 14 jul. 2012.

CORDEIRO, Camila Lagares. **[Cefores]**. Uberaba, 11 de janeiro de 2020. Depoimento concedido a Neliane Cristina Moreira.

FÉLIX, José Eduardo dos Reis. **[Cefores]**. Uberaba, 30 de dezembro de 2019. Depoimento concedido a Clarissa Stival Gonçalves e Paulo Henrique de Jesus Miranda.

FMTM/Cefores. **Processo de Reconhecimento dos Cursos Técnicos do Cefores- FMTM**. Uberaba,1992.

LUNA, Marianna Melo. **[Cefores]**. Uberaba,11 de janeiro de 2020. Depoimento concedido a Neliane Cristina Moreira.

SOARES, Ana Palmira. **[Cefores]**. Uberaba, 08 de janeiro de 2020. Depoimento concedido a Neliane Cristina Moreira.

SOUZA, Luis Ronan M.F.**[Cefores]**. Uberaba, 08 de janeiro de 2020.Depoimento concedido a Neliane Cristina Moreira.

FERREIRA, Mauricio. **[Cefores]**. Uberaba, 27 de novembro de 2019. Depoimento concedido a Edmur Teodoro Leite, Clarissa Stival Gonçalves e Paulo Henrique de Jesus Miranda.

NUNES, José Henrique. **[Cefores]**. Uberaba,31 de outubro de 2019. Depoimento concedido a Edmur Teodoro Leite, Clarissa Stival Gonçalves e Paulo Henrique de Jesus Miranda.

UFTM. **Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Radiologia do Cefores**. Uberaba, 2018.

PARTE III

MOMENTO ATUAL E PERSPECTIVAS



O CEFORES E A IDENTIDADE PROFISSIONAL

Neusa da Silva¹

Núbia Nogueira de Freitas Vogado²

Introdução

No decorrer da história dos 30 anos do Cefores, é possível perceber a ação viva de uma diversidade de pessoas com vários tipos de pensamentos e que, no seu conjunto, escreveram e continuam escrevendo essa história.

Conhecer, de fato, uma história, implica em conhecer os personagens que a escrevem e também determinados aspectos que a compõem. Neste capítulo, iremos ressaltar um deles: a identidade profissional. Esse aspecto fez e faz parte de toda a história do Cefores que, assumindo a identidade institucional de Escola Técnica vinculada a uma Universidade Federal, vem contribuindo para a formação de diversas outras identidades.

Para tanto, primeiramente, apresentamos uma contextualização de algumas discussões promovidas no âmbito da temática da Identidade Profissional e, posteriormente, apresentaremos os resultados de duas pesquisas nessa temática desenvolvidas com servidores³ e discentes do Cefores.

Contextualizando Identidade e Identidade Profissional

Usualmente, o termo *identidade* pode ser compreendido em como a pessoa se reconhece ou em como ela se identifica. Entretanto, o seu conceito vai um pouco além disso. Ele traduz que a identidade não só diz respeito a quem a pessoa é ou de onde ela veio, mas muito mais em quem ela pode se

1 Mestranda em Atenção à Saúde pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: neusa.silva@uftm.edu.br.

2 Mestre em Educação Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro. Assistente em Administração no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: nubia.vogado@uftm.edu.br.

3 A pesquisa em questão foi aplicada tanto para docentes quanto para técnicos-administrativos, por entendermos que todos são educadores, ou seja, profissionais da educação.

tornar ou em como ela tem sido traduzida (WOODWARD, 2007).

Essa concepção aceita que as identidades não são unificadas e singulares, mas que são cada vez mais fragmentadas e fraturadas, ou seja, são multiplicitamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos (HALL, 2007).

Sabemos que a existência do homem é, historicamente, assegurada pela produção de riquezas e satisfação de necessidades. Ao pensarmos assim, podemos interpretar o *trabalho* como uma prática econômica fundamentada na profissionalização.

Mas, absorver o legado de uma profissão, de um ofício ou de uma ocupação duradoura, de maneira a criar uma identidade profissional, não parece ser uma tarefa fácil. Para Pierre Lévy (1998), não basta mais habituar-nos a uma categoria, a uma profissão, ou a uma comunidade de trabalho; é preciso sobretudo, adotarmos a individualidade, ou seja, a própria identidade pessoal, na vida profissional. O texto abaixo descreve bem o que o autor quer mostrar:

Ter uma identidade, existir no espaço dos fluxos das mercadorias é participar da produção e das trocas econômicas, ocupar uma posição nos pontos nodais das redes de fabricação, de negócios e de comunicação. Não é bom ser desempregado no Espaço das Mercadorias, uma vez que a identidade social é nele definida pelo “trabalho”; [...]. Em nosso *curriculum vitae*, depois do nome (posição na Terra) e endereço (posição no Território), em geral vem a profissão (posição no Espaço das Mercadorias). (LÉVY, 1998, p. 24, grifos nossos).

Sendo assim, podemos compreender que a identidade profissional, por sua vez, é tida como uma maneira popularmente aceita para as pessoas se reconhecerem umas às outras, no campo do trabalho e do emprego. Vários são os fatores que se apresentaram, ao longo da história, como motivações para o estudo do aspecto profissional que compõe a construção das identidades.

Ressaltamos, por exemplo, a dimensão psicológica como uma das responsáveis pela escolha profissional e, dependendo das transformações nela ocorridas, pode fazer com que a pessoa obtenha sucesso ou insucesso profissional. Constantino (2009, p. 42) afirma que “esse período de definições de valores e autoconhecimento, culmina na identidade pessoal e, após a vivência de novos papéis, na identidade profissional”.

No entendimento de Brando (2005, p. 21), “a escolha profissional implica em optarmos, dentre um rol muito grande e diversificado de atividades, muitas vezes pouco conhecidas, por uma profissão que, ao menos idealmente, nos contente e proporcione um reconhecimento social e condições dignas de sobrevivência”.

É importante nos atentarmos que o fato de uma pessoa não ser reconhecida no trabalho pode ser um trauma na sua autoestima tanto quanto

uma marca identitária geradora de transtorno social. Inversamente, o fato de ser reconhecida no trabalho, de poder ter convivências, mesmo antagônicas, com os outros e de poder se dedicar por si própria em sua ocupação é “ao mesmo tempo, construtor de identidade pessoal e de criatividade social” (DUBAR, 2005, p. XXII).

Ressaltamos que o reconhecimento profissional é o resultado de relações assertivas entre a pessoa que visa sua real identidade profissional e o lugar do seu trabalho que, de fato, é quem lhe concede uma identidade profissional “virtual”. Começamos a enxergar um pouco das identidades do Cefores, um desses lugares.

Pesquisa sobre Identidade Profissional realizada junto aos educadores do Cefores

A Educação Profissional, ao longo de sua trajetória, passou e vem passando por várias mudanças, adquirindo grande importância dentro do cenário educacional brasileiro, uma vez que tem a responsabilidade de instrumentalizar os jovens, capacitando-os às demandas do mercado (MARCHESAN; SANTOS, 2017).

Entretanto, na atualidade, o ensino técnico está muito além de instruir mão de obra para o mercado de trabalho, tendo como propósito preparar as pessoas para que obtenham o máximo de saberes técnicos e, especialmente, conhecimento científico e humano para que se tornem capazes de compreender a dinâmica da sociedade moderna e nela atuarem de forma crítica e reflexiva.

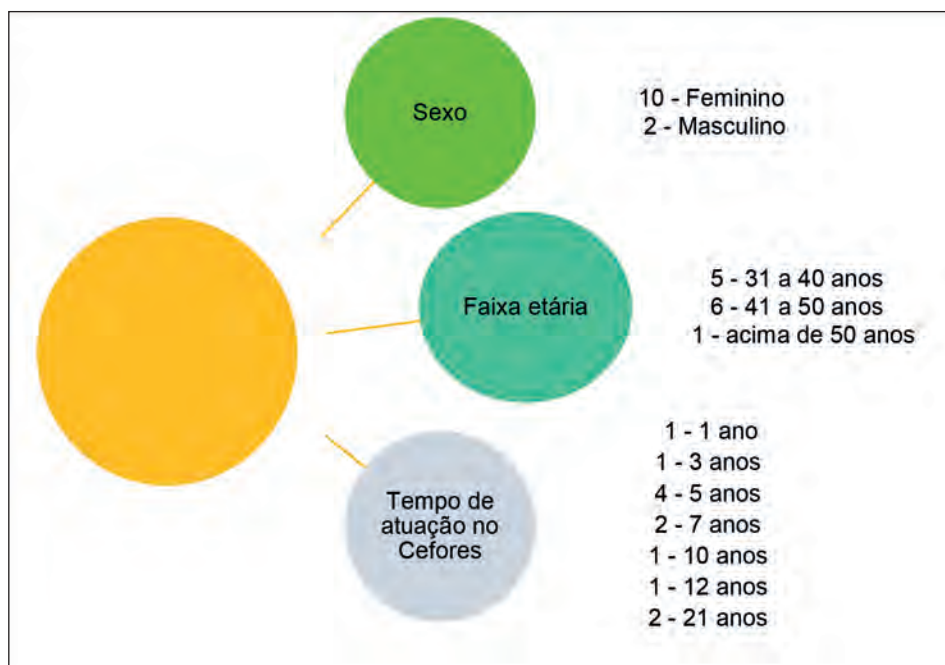
Nesse contexto, torna-se essencial o papel do professor enquanto mediador do conhecimento. Ele se forma por meio de estudos, pesquisas, experiências e outros saberes historicamente acumulados que servem de base para a construção e reconstrução da prática do ensinar (RIBEIRO; FÁVARO; SOMACAL, 2015).

Vale ressaltar, porém, que sendo a escola um ambiente essencialmente educativo, todos que nela atuam contribuem para a formação dos discentes, podendo ser considerados educadores. Além disso, no caso da escola técnica, diversos profissionais, embora não pertencentes à carreira do magistério, contribuem diretamente na formação dos alunos por estarem envolvidos nas práticas profissionais e estágios supervisionados.

Por esse motivo, a pesquisa realizada não se restringiu aos professores, mas envolveu também outros profissionais que trabalham na instituição que conta, atualmente, com 54 servidores. Destes, 12 participaram da pesquisa que gerou os dados descritos nessa seção, sendo que 8 ocupam cargo de docente e 4 de técnico-administrativo com atuação direta ou indireta no ensino.

Apresentamos a seguir alguns dados da identidade profissional dos participantes da pesquisa.

Figura 1 - Perfil dos participantes quanto ao sexo, idade e tempo de atuação na instituição



Fonte: Elaborado pelas autoras

Dentre os participantes da pesquisa, há profissionais formados em diversos campos, entre bacharéis e licenciados, em Biomedicina, Letras, Enfermagem, Farmácia, Matemática, Pedagogia e Odontologia. Além do nível superior, todos possuem especialização, sendo que 5 já são mestres e outros 5 doutores. Além disso, 4 deles também possuem formação técnica e são egressos dos Cursos Técnicos do Cefores em Enfermagem e Radiologia.

Para realização da pesquisa, foi solicitado a esse grupo de servidores que respondessem questões relacionadas ao *ser professor*. O objetivo da pesquisa foi conhecer qual a percepção dos participantes sobre alguns aspectos que compõem essa identidade profissional.

Por meio dessas respostas foi possível perceber que se conceber professor fundamenta-se na constante revisão da própria prática, levando em consideração sua história de vida, suas descobertas, seus medos, enfim, suas experiências das quais o resultado é a revelação de sua própria identidade. Dentre as perguntas realizadas, a primeira teve como objetivo saber o que os participantes pensavam sobre o significado de ser professor.

A palavra professor, consoante a gramática, tem origem no latim *professus* que significa pessoa que *declara em público ou aquele que afirmou publicamente*. Tal palavra era usada para referir-se às pessoas que se declaravam aptas a exercer uma função, no caso, a de ensinar.

Fatos históricos remetem a Sócrates como uma das primeiras personalidades dedicadas a ensinar a virtude e a sabedoria. Ele foi contrário ao modelo vigente do seu tempo, segundo o qual o conhecimento deveria ser transmitido de *cima para baixo*. O seu método consistia-se na reunião de pequenos grupos em praças e mercados para dialogar (GENTILE, 2001).

Alessandra Ferreira, professora da Região Sudeste do Estado de Minas Gerais, apresenta as seguintes considerações sobre o *ser professor*:

Conta uma velha lenda que os professores são seres magistrais, meio humanos, meio mágicos. São humanos porque são limitados. São mágicos porque podem transformar até um assunto pouco relevante em uma aula de dezenas de minutos. Nascem como humanos comuns na coletividade. Eles são muito especiais na individualidade e tem como missão a seguinte sequência de ações: nascer para aprender, crescer e continuar aprendendo, acumular conhecimentos e experiências, aprender a ensinar, transmitir conhecimentos e a ensinar e prosseguir, sempre, aprendendo mais e mais. Dizem também que são seres meio reais e meio fantasiosos. Que jamais cometem erros, só uns enganos pontuais. Que sobrevivem fantasticamente com poucos recursos. Dizem as crianças: “Eles não trabalham; só dão aulas”. São seres cuja estatura é inferior a 2,5 metros, mas as extensões de suas influências são infinitas. São encontrados facilmente em vias públicas, porém recebem pouco reconhecimento. De noite, não dormem: elaboram e corrigem provas; preparam aulas e atualizam diários de classe. E são grandes sonhadores, sonham eternamente acordados, com um futuro melhor...(FERREIRA, 2013).

Feitas essas considerações, vejamos o que foi dito pelos participantes da pesquisa sobre o que é *ser professor*. Dentre as diversas respostas obtidas, notamos que foi bastante recorrente a percepção do *ser professor* enquanto *partilha de conhecimento*. Por exemplo, Claudia fala que ser professor é “compartilhar conhecimentos e vivências”. Assim como ela, Fabiano acredita que é “compartilhar o que se aprendeu com as experiências vividas e aprender todo dia com as experiências docentes vivenciadas”. Para ele, ser professor também é “conseguir demonstrar que vale a pena todo o esforço e que a educação e profissionalização é a melhor maneira de se mudar vidas”.

Para Joyce, ser professor é “compartilhar conhecimentos, aprender e ensinar todos os dias aquilo que um dia você também recebeu de alguém”. Ela acrescenta que também é “construir e se reconstruir na relação com discentes a cada novo contato e se sentir realizado a cada conquista e bom resultado do discente”.

No pensamento de Karla, ser professor é “poder partilhar conhecimentos e experiências adquiridas, poder colaborar com a formação de outra pessoa”. Ela ainda acrescenta que “é orientar, é aprender com o outro, é poder colaborar um pouco com a transformação de um mundo, mesmo que seja o interior”. Não

deixando de evidenciar esta ação, Neliane afirma que a docência é “uma profissão que exige esforço e dedicação para compartilhar conhecimento”.

Ao mencionar a palavra *esforço*, ela nos remete ao pensamento de Janisse, para quem ser professor é “ser desafiado todo o tempo”. Esse desafio nos aponta para os conceitos apresentados por Jacqueline e Renata, ambas pedagogas por formação. Para Jacqueline, ser professor é “atuar como mediador no processo de ensino e aprendizagem”. Renata, por sua vez, acredita que ser professor “é ser mediador do processo pedagógico, é ser um facilitador da aprendizagem e um grande incentivador”. Ela complementa afirmando que também é “agir conduzindo os alunos ao alcance de seus objetivos”.

Nas respostas obtidas, encontramos também outras percepções acerca do que é *ser professor*. Paulo, por exemplo, afirma que ser professor é “ter a oportunidade de proporcionar às pessoas conhecimentos e com isso uma formação profissional”. Na concepção de Luciana, “é ser pensador, crítico e reflexivo, capaz de criar oportunidades de ensino e aprendizagem, em todo momento e lugar”. Ela ainda afirma que o professor “é um profissional capaz de enxergar um diamante na pedra bruta com habilidade para lapidá-lo gradativamente”.

Ao relacionar o ser professor a um “ato de grande hierarquia”, Lílian afirma que essa profissão “é ter nas mãos ferramentas que podem transformar tanto sua vida, quanto a do outro. É uma via de mão dupla: enquanto se conduz ao caminho do conhecimento, aprende caminhando junto”. Ela ainda complementa enfatizando que é “ensinar, aprender, conduzir, acolher, transformar realidades, evoluir. É uma árdua e encantadora profissão”.

Já para Teresinha, ser professor é “uma das missões mais nobres e edificantes que uma pessoa pode exercer, haja vista que para galgar qualquer profissão tem que passar por vários professores”. E, ao mencionar a sua experiência, ainda afirma: “cada vez mais sinto que preciso me capacitar para atender um público com necessidades diversificadas, demandando orientações específicas”.

Dando continuidade à pesquisa, foi solicitado aos participantes que, tendo como referência a própria experiência profissional, apontassem os pontos que fragilizam a prática do *ser professor*, assim como aqueles que a potencializam, tornando o exercício da profissão mais prazeroso.

Tais questionamentos foram feitos levando-se em consideração que o saber dos professores está relacionado com a pessoa e a identidade de cada um. Ele faz alusão à sua experiência de vida, à sua história profissional, à sua relação com os alunos e outros atores escolares. É importante conectar esses saberes com os elementos construtivos do conhecimento, como as realidades sociais, organizacionais e humanas em que estão mergulhados. Os saberes docentes são saberes plurais formados pelo amálgama de saberes da formação profissional, disciplinar, curricular e existencial (TARDIF, 2018).

Os saberes existenciais podem ser entendidos como aqueles que resultam do exercício da atividade profissional produzidos por meio de vivências

de situações específicas relacionadas ao espaço da escola, nas relações com os alunos e com os colegas (CARDOSO; PINO; DORNELES, 2012).

Sendo assim, no espaço escolar, de forma geral, são diversas as fragilidades que dificultam a prática do ser professor. Tendo como referência o espaço específico do Cefores, os participantes da pesquisa elencaram os seguintes aspectos: a dificuldade para a realização de concursos que possibilitem o ingresso de novos servidores; a comunicação interna que nem sempre é satisfatória; o acúmulo de trabalho; o excesso de burocracia durante a aquisição de materiais básicos para o funcionamento dos cursos; a dificuldade em evitar a evasão, visto que muitos alunos precisam interromper os estudos para trabalhar, situação que interfere diretamente na RAP⁴; entre outras.

Em relação aos fatores que deixam a prática do ser *professor* prazerosa, os participantes apresentaram respostas variadas, tendo como base as próprias vivências e experiências. Em diversos depoimentos, os participantes mencionaram que os discentes quase sempre são responsáveis por potencializar a prática de ensinar, tornando-a mais prazerosa. Segundo Paulo, o que potencializa a sua prática é “ver os discentes chegarem com expectativa de ter uma formação, que lhes dará uma nova profissão e ainda um emprego na área”. Já para Janisse é perceber “o desejo de vários alunos em realmente aproveitar as oportunidades do curso”. E para Fabiano é a vontade do aluno de aprender para tornar-se um profissional qualificado. Ele ainda finaliza afirmando que o sucesso profissional dos egressos é o que potencializa a sua prática. Claudia também menciona a curiosidade e progresso dos alunos e Karla, o brilho existente nos olhos deles.

Para outros, além dos discentes, o que também contribui é a equipe de trabalho. Por exemplo, para Claudia é a interação humana respeitosa da equipe e o reconhecimento social da profissão. E para Karla são a força de vontade, o desejo de mudança e a resiliência presentes na equipe de trabalho. Destacamos ainda o depoimento de Joyce ao afirmar que “a união e apoio de outros colegas de trabalho potencializam a atuação”. E ainda complementa que essa união e apoio fortalecem e impulsionam a buscar o melhor para o discente.

Alguns aspectos relacionados à equipe de trabalho também foram mencionados juntamente com algumas questões institucionais como sendo fatores que contribuem para potencializar a prática do ser *professor*, conforme observado nos depoimentos de Lílían e Luciana. Para a primeira, o que contribui para a sua prática prazerosa são professores qualificados e engajados no exercício profissional, uma boa estrutura física e o conceito elevado da escola perante a comunidade. Já para a segunda, é a oportunidade de capaci-

4 Indicador do Ministério da Educação cujas iniciais significam Relação Aluno-Professor. Para o seu cálculo considera-se o alunado geral e o número de docentes, ponderando-se as suas cargas horárias. O resultado desse indicador aponta quantos docentes a instituição possui por aluno matriculado e serve para tomadas de decisões não só a nível institucional, mas também a nível de políticas públicas de educação profissional e tecnológica do Governo Federal.

tação, a motivação, a flexibilidade de horários, o trabalho em equipe, a formação de grupos de estudo, pesquisa e extensão.

Sobre a questão institucional, na opinião de Renata o que torna a prática de ensinar mais prazerosa é a estrutura adequada de salas de aulas e laboratórios, materiais e equipamentos disponíveis, clima organizacional favorável e planejamento institucional. E ainda complementa afirmando que é também a “motivação por parte dos docentes e discentes”. Finalmente, temos o depoimento de Neliane, para quem “acreditar que ainda é possível formar bons profissionais” é o que de fato potencializa a prática de ensinar.

Concordando com ela, entendemos que ser professor do Ensino Técnico é acreditar que ainda é possível. Ao tomar consciência do seu ofício, o professor transmite seu conhecimento de todas as formas: científica, técnica, empírica e emocional. Ele reconhece que na sua sala de aula estão presentes jovens e adultos ávidos por conhecimento e esperançosos por uma posição no *Espaço das Mercadorias*, ou seja, por uma profissão. Vamos compreender melhor quem são alguns desses jovens e adultos na próxima seção.

Pesquisa sobre Identidade Profissional realizada junto aos discentes do Cefores

As identidades profissionais estão em constante movimento. Uma vez que o nível de exigência para o ingresso no mercado aumenta diariamente, o trabalho tem sido obrigado a passar por transformações identitárias. E, por acompanhar cada vez mais todas essas modificações, a educação profissional, por sua vez, nas palavras de Dubar (2005, p. XXVI), “intervém nas dinâmicas identitárias por muito tempo além do período escolar.”

Consoante, Lordelo (2011) acredita que ela imprime uma intervenção não só na pessoa que busca formar-se para estar em atividade no mundo do trabalho, mas também naquela que trabalha e precisa adaptar-se às constantes mudanças do seu contexto de ação profissional.

Concordando com Vogado (2019, p. 69), entendemos que é importante responder aos seguintes questionamentos: “Qual o papel da educação na formação das identidades profissionais? Atualmente, que lugar a formação de identidades profissionais ocupa na sociedade?”

Buscando responder a essas perguntas, recentemente, o Cefores foi locus de uma pesquisa⁵ de Mestrado em Educação Tecnológica sobre a iden-

5 Pesquisa intitulada “Formação da Identidade Profissional do educando: um estudo de caso no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro” realizada por Núbia Nogueira de Freitas Vogado, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, concluída em janeiro de 2019. Este artigo conta com a apresentação de alguns dados decorrentes das narrativas e entrevistas obtidas junto aos participantes.

tidade profissional discente. Alguns de seus resultados serão apresentados nessa seção. Diferente da seção anterior, na qual os participantes se identificaram, aqui as identidades foram resguardadas por meio de pseudônimos, uma característica da pesquisa acadêmica com seres humanos.

A partir da técnica de estudo de caso, a pesquisa avaliou a formação da identidade profissional de discentes concluintes, cujo ingresso no curso ocorreu no segundo semestre de 2016, o que gerou uma amostra de 46 discentes pertencentes a duas turmas de cursos distintos.

Quanto ao perfil geral dos estudantes, identificou-se que o corpo discente do Cefores, em sua maioria, é constituído por identidades de jovens que estão entrando na fase adulta e buscando por uma melhor colocação profissional e, até mesmo, qualidade de vida. A comparação dos dados de gênero e idade revelou a predominância de mulheres adultas na busca pela qualificação profissional na instituição.

A pesquisa também demonstrou que a maioria são pessoas que vão para escola à noite, mas sempre deixam alguém em casa esperando por elas: pais, avós, cônjuges, filhos, sobrinhos, enfim, alguém com quem elas puderam contar durante a trajetória de suas formações. A média salarial *per capita* da maioria foi de 1 a 3,5 salários-mínimos. E relativo à formação no Ensino Médio, mais de 90% cursou esse nível integralmente em escola pública.

Outra revelação da pesquisa foi que a grande maioria escolheu o curso por vontade própria, conforme ilustrado nos exemplos que seguem. Eduarda, por exemplo, em uma das frases de sua narrativa afirma que sempre gostou da área de seu curso, pois o via como uma oportunidade de crescer tanto profissional quanto humanamente. Já Flávia, que não foi convocada para matricular-se no curso na primeira chamada, mas ingressou ocupando a vaga de alguém que desistiu, diz não se envergonhar disso, pois se profissionalizar na área era um sonho antigo. Assim como Marcela, para quem o curso foi um sonho que demorou a realizar. Ela afirma que saiu formada, feliz e realizada.

Dando continuidade às narrativas, Kenedy, que já tinha uma formação acadêmica em relações humanas, sua área de maior interesse, acredita que o trabalho como técnico permite um maior contato pessoal e colabora ainda mais com a sua carreira profissional. Nelson, por sua vez, acredita que a profissão técnica escolhida se resume em ajudar o próximo e afirma que isso sempre foi sua vontade, inclusive por incentivo da família, cujos membros também atuam na mesma área. Para ele, entrar no Cefores foi o pontapé inicial para aquilo que chama de seu *projeto de vida*.

A pesquisa ainda revela que a escolha do curso também apresenta ligação com a condição econômica e social. Para Vogado (2019, p. 150), esta é “uma realidade de quem quer se qualificar e busca a solução na instituição pública de formação profissional”. Carlos, por exemplo, disse que escolheu fazer o seu curso por não ter outras opções, apenas para obter conhecimento e uma profissão a nível técnico. Afirma ainda que, com o decorrer do curso,

se identificou e passou a gostar cada vez mais da profissão. Nas palavras dele, “não escolhi esta profissão por vontade própria, mas ela me escolheu, agora quase formando vou fazer de tudo para zelar pela vida do trabalhador”. Já Bernardo, que cursava graduação em instituição particular ao mesmo tempo que o técnico no Cefores, assim afirmou: “Eu não conheço o futuro, é melhor eu me preparar para ele”, referindo-se que dessa maneira terá duas opções no mercado de trabalho.

Um dado interessante foi que o quesito financeiro, em algumas vezes, foi motivo de tomada de decisão de interrupção dos estudos como, por exemplo, no caso de Andréa. A estudante revelou que sempre se identificou com a área do seu curso e teve a oportunidade de realizá-lo em outras duas instituições. No entanto, em nenhuma delas conseguiu terminar por questões financeiras. Assim, ao prestar a prova no Cefores, pôde enfim estar mais perto de alcançar seus objetivos.

Após conhecer o perfil geral dos estudantes e os motivos pelos quais escolheram o curso técnico, a pesquisa buscou compreender como se dá a formação das identidades profissionais dos discentes. Segundo Forcione (2013, apud FORCIONE, 2018, p. 22) “durante a realização dos cursos, os profissionais atualizam suas experiências passadas gerando diferentes interpretações sobre si, o outro, o mundo e o objeto de atenção”. A formação das identidades profissionais é, portanto, indivisível dos programas de formação e dos tipos de relação profissional que organizam os muitos e específicos gêneros de mercados de trabalho.

Assim, como o intuito foi avaliar não só a identificação com a profissão, mas também a colaboração do Cefores na formação dessas identidades profissionais, a pesquisa buscou alguns padrões a fim de facilitar uma provável mensuração de conceitos. A solução foi encontrada nas próprias matrizes curriculares e nos perfis de egressos e campos de atuação dos respectivos cursos no Catálogo Nacional de Cursos Técnicos–CNCT.

No caso das disciplinas das matrizes curriculares, elas foram divididas em três grupos: conteúdos específicos do curso, conteúdos relativos à área na qual o curso se insere e conteúdos de outras áreas aplicados à área do curso. Vejamos alguns resultados que a pesquisa revelou.

Com relação à identificação com os conteúdos das matrizes curriculares dos cursos, uma turma apresentou maior identificação que a outra. Nela, a predominância foi para o conceito de *identificação total*, tanto com os conteúdos específicos do curso, quanto com os conteúdos desta área.

Daniela, por exemplo, afirmou que fez o processo seletivo, passou e começou o curso pensando, inclusive, que não tinha perfil e que se não se identificasse, simplesmente abandonaria o curso. Entretanto, o que ocorreu foi o contrário, uma vez que ela complementa dizendo que, com o decorrer das aulas, foi se apaixonando pelo curso e, quando começou o estágio, se identificou tanto que começou a indagar-se acerca do motivo de não ter começado antes.

Para Andréa, a profissão escolhida é muito gratificante pois permite ao profissional compreender e ajudar as pessoas a terem uma melhor qualidade de vida. Assim também pensa Eduarda, para quem é incrível a capacidade do ser humano se identificar ou não com “as coisas”. Para ela, a sua história com a profissão vai além da identificação profissional, envolve amor. Em concordância, embora tenha se desdobrado diante de inúmeras dificuldades, Flávia também afirma que se identificou com o curso e foi persistente até conseguir concluir todos os períodos. Ela diz ainda que pretende atuar na área e fazer a diferença.

Com relação aos conhecimentos de outras áreas aplicados à área do curso, a predominância foi do conceito de *identificação parcial*, o que representa uma aproximação parcial desses conteúdos na aplicabilidade da profissão.

Já na outra turma, a predominância foi do conceito de identificação parcial nos três tipos de conteúdos, o que pode ser considerado compreensível, visto que este curso ainda é, relativamente, novo na instituição. Para ilustrar, vamos retomar algumas falas dos participantes. Bernardo, por exemplo, afirma que “o curso é muito longo, para quem quer ter uma capacitação rápida para o mercado [...] é necessário mudança na matriz curricular, mais prática, apoios externos para fazer promoção de estágios”. Também apresentando uma identificação parcial, Carlos afirma que a profissão escolhida é um pouco ingrata, mas quando feita com amor e respeito se torna gratificante. Já Patrícia, que à época da pesquisa ainda não havia feito o estágio, afirma que o curso foi uma experiência muito boa para ela, embora também a considere estressante. Ela afirma que o curso foi muito corrido e ao mesmo tempo demorado para acabar, mas demonstrou esperança de que no estágio consiga se identificar mais. Outro exemplo dessa identificação parcial pode ser visto no discurso de Bernardo. Ao ser questionado sobre como se sentirá atuando em duas profissões, tendo-as escolhido por uma demanda do mercado, ele respondeu: “eu vou ficar satisfeito quando trabalhar e ver que meu salário está sendo justo com meu trabalho”.

Com relação à contribuição da instituição na identificação dos discentes com as atividades atribuídas no CNCT e na preparação para atuação nos respectivos campos, a pesquisa revelou novamente um quadro específico para cada turma.

Uma delas conceituou essa contribuição como sendo *muito boa*, o que refletiu num sentimento de *preparação* dos discentes para exercerem suas profissões nos diversos campos de atuação definidos no CNCT. Nas entrevistas, inclusive, os discentes chegaram a levantar outros campos que não constam no catálogo, tamanha a pluralidade de opções que esses profissionais têm para almejavem suas colocações.

Por exemplo, Olívia afirma que cresceu bem mais durante os anos do curso do que em todos os outros anteriores. E conclui agradecendo a cada profissional do Cefores que a acolheu e lhe proporcionou tamanho aprendizado. Da mesma maneira, Juliana afirma que só tem a agradecer relatando que o

aprendizado que obteve no Cefores fará uma imensa diferença, não somente na profissão, mas por toda a sua vida. Consoante, Marcela afirma que se sente privilegiada por ter conhecido o Cefores e se tornado uma profissional dentro dessa instituição.

Já para a maioria da outra turma, a contribuição da instituição foi boa, o que refletiu em sujeitos *parcialmente preparados*, também em sua maioria. Por exemplo, para Rafaela o conteúdo teórico de uma disciplina específica não foi suficiente para o aprendizado em campo de estágio, por isso não se sente totalmente preparada para atuar neste campo. Laura também teve o mesmo sentimento. Já Sandra atribui essa falta de preparação não só em função da escola, mas também em função dos desafios que foi encontrando durante o percurso e os sentimentos de medo e insegurança que lhe acometiam.

A diferença entre os resultados dessas duas turmas pode ser melhor compreendida quando se constata que a primeira teve maior quantidade de aulas práticas que a segunda. Por esse motivo, um dos discentes dessa turma pretende buscar experiência em empregos cujos salários possam até estar abaixo do piso da categoria para, depois quando se considerar de fato preparado, buscar colocações mais justas. Isso demonstra a importância das atividades práticas nos cursos de formação técnica.

De um modo geral, o Cefores, enquanto instituição de formação profissional, foi muito elogiado pelos participantes da pesquisa, tanto na questão técnica da profissão quanto humana, de preparação para a vida. Com relação ao lado técnico, Nelson afirma que os procedimentos que viu em sala de aula foram de grande ajuda no momento da realização da prática. Da mesma maneira, Taciana afirma que com o passar do curso e o conhecimento das matérias específicas, ela pôde ter a certeza de que a área que escolheu é bem interessante e tudo que era aprendido em sala de aula podia aplicar no dia a dia do trabalho. Outro exemplo é Úrsula, que afirma nunca ter planejado se formar nessa área. Incentivada por terceiros a fazer o processo seletivo, no decorrer do curso descobriu a grande responsabilidade da profissão.

Com relação ao lado humano, para Andréa, por exemplo, o curso foi de grande valia para um aprendizado não somente profissional, mas também, pessoal. Para ela, estar diante de diversas situações e poder ser útil para aqueles que mais precisam é uma realização. Laura diz que só tem a agradecer porque sai do curso com sentimento de dever cumprido e com a certeza de que é isso o que quer para a sua vida. Também Carlos afirma que o curso despertou seu lado humano, passando a enxergar melhor o próximo e a cuidar da sua integridade física. Já Vitor afirma que o curso melhorou o seu modo de pensar, de ver a vida, pois para ele tudo pode ser diferente, sendo necessário lutar, perseverar, nunca desistir e acreditar que podemos fazer o nosso melhor sempre. O discurso de Olívia resume o sentimento de gratidão dos discentes pela instituição:

Quando eu comecei fazer o curso no Cefores, sem exagero, sem brincadeira nenhuma, eu sou outra pessoa. Eu descobri assim, não só na identidade profissional, não só profissionalmente, mas como pessoa, como mulher, como mãe. Eu me tornei, sem dúvida nenhuma, uma pessoa melhor. Uma esposa melhor, uma mãe mil vezes melhor e uma profissional, sem dúvida nenhuma. Porque eu me encontrei de verdade na minha profissão.

Antes de encerrar as entrevistas com os participantes, foi solicitado que dissessem uma mensagem para aqueles que estavam nessa jornada de formação de suas identidades profissionais. Flávia ressaltou a necessidade das pessoas saírem de suas zonas de conforto: “se você quer resultado diferente, tem que fazer algo diferente. [...]. E outra coisa, não é fácil fazer algo diferente. Aí você tem que se reinventar, procurar se organizar, tirar força de onde não tem mesmo”. Kenedy, por sua vez, deixou a seguinte mensagem:

Podia tá na minha casa descansando, assistindo TV à noite, mas mesmo assim eu peguei esse tempo disponível e resolvi tá investindo aí numa coisa que eu queria. [...]. Mas a mensagem que eu deixo é essa. Sempre tá estudando, meu... que seja lendo uma bula de remédio, receita de bolo, mas sempre estudando, porque se você parar, pra recomçar depois é complicado.

Já a mensagem deixada por Ivan falava de persistir e não desistir, pois para ele o conhecimento nunca é demais. Em suas palavras, “quanto mais conhecimento você adquire, mais preparado você estará para o mercado”. Terminamos com a mensagem deixada por Olívia que se resume em ter prazer no que faz. Para ela, quando a pessoa começa um curso e vê que isso não lhe traz prazer, ou que não é isso o que quer, é preciso buscar, procurar, pensar, conversar, tentar algo novo, com prazer até descobrir.

A pesquisa realizada e o acesso a todos esses depoimentos dos discentes permitem inferir que o Cefores tem contribuído da melhor forma possível para a formação da identidade profissional das inúmeras pessoas que passaram pela instituição. Sendo assim, é extremamente gratificante perceber que o trabalho de cada um dos servidores, tanto dos professores quanto do pessoal técnico administrativo, colabora de maneira ímpar para formar pessoas com tamanho nível de maturidade.

Considerações Finais

O processo de formação das identidades pressupõe reconhecimento e construção de si, enquanto pessoas, em diversas áreas. A identidade profissional, como uma dessas áreas, pode ser compreendida em como as pessoas se reconhecem e se encontram no campo do trabalho.

Conforme pontuado nas considerações iniciais, o presente texto teve como objetivo tecer reflexões sobre a importância da identidade profissional, tendo como referência um público específico, ou seja, as pessoas que integram a Comunidade Cefores, tanto na condição de profissionais, quanto na condição de alunos que estão em busca de uma formação técnica.

As pesquisas realizadas com os servidores e com os discentes mostraram que durante esses 30 anos de história do Cefores muitas identidades se construíram, outras, ainda, estão passando por esse processo que é permeado por idas e vindas, desconstruções e reconstruções, fragilidades e potencialidades, além do compartilhamento de conhecimentos e vivências.

De qualquer forma, é uma alegria constatar que o Cefores vem se estruturando e se consolidando cada vez mais, assumindo, ele mesmo, sua identidade institucional de Escola Técnica vinculada a uma Universidade Federal que contribui para a formação de diversas outras identidades.

Referências

BRANDO, Fernanda da Rocha. **Escolha Profissional**: uma questão de identidade. 2005. 161 f. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru-SP, 2005.

CARDOSO, Aliana Anghinoni; PINO, Mauro Augusto Burkert Del; DORNELES, Caroline Lacerda. Os saberes profissionais dos professores na perspectiva de Tardif e Gauthier: contribuições para o campo de pesquisa sobre os saberes docentes no Brasil. **XI Seminário Anped Sul** (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), 2012.

CONSTANTINO, Graciela. **Teoria e prática na Orientação Profissional**. 2009. 263 f. (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2009.

COSTA, Francisca Thais Pereira et al. **A história da profissão docente**: Imagens e autoimagens. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil, 2014.

DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Tradução Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Tradução de: La socialisation: construction des identités sociales et professionnelles.

_____. **A crise das identidades**: a interpretação de uma mutação. Tradução Catarina Matos. Santa Maria da Feira: Rainho & Neves, Lda., 2006. Tradução de: La crise des identités. Le interprétation d'une mutation.

FERREIRA, Alessandra. A lenda dos professores. In: **Café com história e educação**. 17 de outubro de 2013. Disponível em: <<http://cafecomhistoriaeeducacao.blogspot.com/2013/10/a-lenda-dos-professores.html>>. Acesso em 09 out. 2019.

FORCIONE, Thais Lanutti. **Dinâmicas de identificação na trajetória profissional em transição**. 2018. 107 f. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2018.

GENTILE, Paola. **Como se constrói identidade**. Associação Nova Escola, [S.L.], 2001. Disponível em:< <https://novaescola.org.br/conteudo/1500/como-se-constroi-identidade>>. Acesso em: 17 jan. 20120.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? Tradução Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 200, p. 103-133. Tradução de: Who needsidentity?

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. Tradução Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1998. Tradução de: L'intelligencecollective: pour une anthropologiedu cyberspace.

LORDELO, Sayonara Nobre de Brito. **O mundo do trabalho e a formação do tecnólogo: compreensões necessárias à construção da sua identidade profissional**. 2011. 207 f. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2011.

MARCHESAN, Maria Tereza Nunes; SANTOS, Guilherme da Silva dos. Educação profissional e tecnológica (EPT) no Brasil e seus Docentes: trajetos e desafios. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**, v. 11, n. 1, p. 357-374, 2017.

RIBEIRO, Mayara Fabriny de Barros Silva; FÁVARO, Marinez Soares; SOMACAL, Cristiane Maccari. Refletindo sobre a construção da identidade docente: curso de enfermagem – CTESOP. **XII Congresso Nacional de Educação**, Curitiba, 2015.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. 325 p.

VOGADO, Núbia Nogueira de Freitas. **Formação da identidade profissional do educando: um estudo de caso no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro 2019**. 207 f. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, Uberaba-MG, 2019.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007, p. 7-72. Tradução de: Conceptsofidentityanddifference.

O CEFORES NA CONTEMPORANEIDADE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Claudia Almeida Rodrigues Murta¹
Teresinha das Graças Lima²

Introdução

Nas últimas duas décadas, o mundo tem presenciado mudanças nos contextos econômico, político, social e cultural, motivadas pela revolução das tecnologias de informação vivenciada por todos nós. O contexto do trabalho, especialmente, passou por significativas transformações, em grande parte impulsionadas pelo advento dessas tecnologias.

Tais transformações promoveram redução de postos de trabalho, extinção de funções e demanda de novas competências profissionais. Como afirma Pinto (2017, p. 101) “a evolução dos meios de produção, o fim da era do pleno emprego e a ruptura do domínio industrial registram, de forma macro, as mudanças enfrentadas pelos atores das relações de trabalho”. Os efeitos da tecnologia no mundo do trabalho e na vida do trabalhador podem ser aferidos pelos impactos gerados e as tendências na conformação do mercado. De acordo com Pinto (2017, p. 101),

O início do incentivo ao empreendedorismo, a migração do emprego formal para a informalidade e a falta de capacitação do trabalhador para atuar no novo mercado são amostras dos efeitos nefastos do descompasso vivido entre a era da informação e o mercado de trabalho.

Diante desse cenário – alicerçado na tecnologia da informação e na globalização da economia – a necessidade de formação técnica e especializada se tornou cada vez mais evidente e ao mesmo tempo paradoxal, pois a exigência

1 Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: claudia.murta@uftm.edu.br.

2 Especialista em Gestão Estratégica da Educação pela Faculdade de Ciências Econômicas do Triângulo Mineiro. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: teresinha.lima@uftm.edu.br.

de formação não é garantia de emprego e, ao mesmo tempo, a falta dela exclui ou diminui em grande medida as possibilidades de empregabilidade.

O fato é que há postos de trabalho não preenchidos por falta de qualificação profissional. De acordo com pesquisa divulgada pelo Jornal Estadão, em 2 de junho de 2019, das 11,8 mil vagas ofertadas em mutirões de emprego, 60% não foram preenchidas.

Em um mundo tecnocêntrico, a informação e o conhecimento passaram a ser exigências, cada vez mais competitivas e, até injustas, para inserção e/ou permanência no mercado de trabalho. Por isso, a formação técnica, por ser mais rápida e direcionada ao mercado de trabalho, pode ser uma opção para quem quer entrar nesse mercado.

Esse tipo de formação é proveniente de uma modalidade de ensino que apresenta vantagens significativas, como maior empregabilidade. Devido à carência de profissionais técnicos, existem vagas a serem preenchidas por quem tem perfil e preparo para assumir diferentes demandas de uma determinada área.

Outra vantagem é que se trata de um aprendizado mais prático que permite ao educando desenvolver uma postura profissional em menor tempo. E ainda, são cursos mais acessíveis em relação a outros cursos, como os de graduação. Os cursos técnicos ofertados pelo Centro de Educação Profissional – Cefores, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM, por exemplo, são totalmente gratuitos. Tudo isso faz do curso técnico uma opção, mas também, por outro lado, uma necessidade para a qualificação do trabalho e para o fortalecimento do desenvolvimento do país.

O Cefores, enquanto escola técnica vinculada à UFTM, tem o objetivo de ofertar ensino público, gratuito e de qualidade a toda comunidade de Uberaba e região. E tem construído sua história, ao longo de 30 anos, com muito trabalho e esforço diante de todas as adversidades políticas, econômicas e sociais que desafiam nosso país.

Embora os modelos de educação profissional adotados pelo Brasil sejam temas importantes para se compreender a temática da educação na contemporaneidade, o foco deste capítulo será a educação a nível técnico, que tem sido uma alternativa de qualificação profissional importante para o desenvolvimento de todos os países do mundo. Além disso, refletiremos sobre os desafios enfrentados pelo Cefores, suas perspectivas e cenários vislumbrados, tanto coetaneamente, quanto para o futuro.

Panorama da formação técnica no mundo e no Brasil

O contexto contemporâneo, com as transformações globais no âmbito do trabalho, advindas da reestruturação produtiva (ANTUNES, 2011), deflagrou diversas alterações nas relações sociais no mundo do trabalho, como foi mencionado anteriormente. Dada a complexidade da realidade capitalista, o

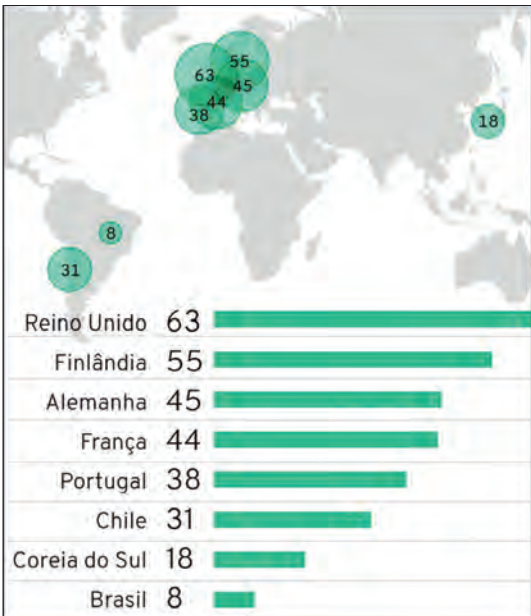
Estado tem empreendido tentativas de respostas ao enfrentamento dessas questões, especialmente no tocante à Educação Profissional.

No Brasil, essa modalidade de educação data desde o seu descobrimento. Ela reproduz a estrutura social de nosso país, alicerçada em grandes antagonismos e marcada pela desvalorização do trabalho manual (MORAES, 2019). Atrelada a uma tradição escravocrata, a educação profissional tem sido culturalmente associada à pobreza, à perspectiva da servidão (idem). Portanto, no “Brasil houve a criação de uma rede de escolas voltada especificamente para os menos favorecidos, com uma educação profissional, manual e prática, em oposição a uma rede de escolas voltada para a educação propedêutica, intelectual, destinada aos mais ricos” (AFONSO; GONZALES, 2018). Por essa razão, as classes elitizadas da sociedade brasileira não cogitam ingressar em cursos dessa natureza, desprestigiando o ensino técnico em detrimento ao superior.

Diante disso, a despeito da relevância social, as estatísticas sobre a educação profissional mostram o desinteresse brasileiro pela formação de trabalhadores, marcas de uma tradição bacharelesca.

Por essa razão, frente à realidade internacional, o Brasil ocupa um dos últimos lugares do mundo na oferta de educação profissional. Enquanto nos países membros da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico –OCDE– têm-se, em média, 43% dos estudantes entre 15 e 19 anos matriculados em cursos técnicos, no Brasil esse índice é de apenas 8%, como pode ser observado na figura a seguir.

Figura 1 - Cenário Mundial da Educação Profissional e Tecnológica de Nível Médio



Fonte: Relatório da OCDE (Education At a Glance 2018) apud Gazeta do Povo, 2019.

Apenas 6,6% dos jovens brasileiros estão matriculados em cursos de educação profissional. O percentual é muito inferior à média dos países industrializados, onde 35% dos jovens optam pela educação profissional, conforme dados da OCDE. Na Europa, quase metade dos alunos se formam no ensino profissional de nível médio. Na Finlândia, cerca de 55% dos jovens fazem cursos técnicos e, na França, 44%. Na Alemanha, entre 40 e 50% dos jovens procuram a formação técnica, e os níveis de empregabilidade e de valorização no mercado são altos. Na Austrália, o número de matrículas no ensino profissionalizante corresponde a 70%. O número chega a 63% no Reino Unido. E o Brasil vai na contramão, com apenas 8% dos egressos do ciclo básico educacional com formação técnica. Esses dados mostram que a educação profissional nos países desenvolvidos tem uma relevância muito grande. Entretanto, no Brasil essa importância tem sido negligenciada não só pelo poder público, como também pela sociedade em geral.

A realidade do Cefores retrata muito bem o cenário brasileiro. Apesar de sermos uma escola vinculada a uma universidade federal, com ensino gratuito, nosso número de alunos é reduzido, ratificando a ideia de que a desvalorização do ensino técnico é corrente em nosso país.

Cefores: desafios e perspectivas

O Cefores é uma escola pequena, tanto em número de alunos, quanto em número de docentes, quando comparado a outras instituições públicas de ensino técnico, como os Institutos Federais.

Em 2019, o total de alunos, distribuídos nos sete cursos em funcionamento na instituição, foi de 245. Além desses, contava com outros 339 matriculados nos cursos de Formação Inicial e Continuada – FIC – e no Cursinho de Educação Popular. Esse número é considerado muito baixo na Relação Aluno-Professor – RAP, que é um indicador utilizado pelo Ministério da Educação para determinar o Banco de Professor Equivalente – BPEq, que passou a regulamentar as unidades de educação vinculadas às Universidades pelo Decreto 8.260, publicado no Diário Oficial da União, de 30 de maio de 2014. Este decreto ratifica:

A criação do Banco tem por objetivo conceder mecanismos necessários para efetuar a reposição das vacâncias de forma automática, semelhantemente ao que foi concedido às Universidades Federais, mediante os Decretos nºs 7.485, de 18 de maio de 2011, e 74.232, de 19 de julho de 2010, e aos Institutos Federais, por meio do Decreto nº 7.312, de 22 de setembro de 2010. O Decreto nº 8.260, no que refere às Universidades Federais, aplica-se àquelas Instituições que tem vinculadas a elas às unidades de educação básica e técnica, que independentemente de prévia autorização dos Ministérios do Planejamento,

Orçamento e Gestão e da Educação podem: I- realizar concurso público e prover cargos de Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico; e II- contratar professor substituto e visitante, com base nos incisos IV e V do caput do artigo 2º da Lei nº 8.745, de 1993 (BRASIL, 2014).

Devido à criação desse banco, nossa escola tem enfrentado grandes desafios no que tange ao quadro de docentes. Vale ressaltar que houve um descompasso entre a realidade e a leitura do BPEq que foi feita tendo como base os cargos ocupados em 31 de janeiro de 2013 e as autorizações de vagas por meio de duas portarias interministeriais publicadas no mesmo ano. Sendo assim, a constituição do banco foi feita da seguinte forma:

Tabela 1 – Número contabilizado pelo MEC de professor equivalente do Cefores

Regime de horas semanais	Fator de conversão	Quantitativo de docentes	Equivalente
20 horas	0,67	10	6,7
40 horas	1,00	2	2,00
40 horas com dedicação exclusiva	1,59	15*	23,85
Total de Docentes		27	32,55
20% total real para contratação de substitutos		5,4	5,4
Total Equivalente			37,95
* 9 professores em exercício, 1 vaga autorizada pela Portaria Interministerial nº 25, de 05/02/2013 e outras 5 autorizadas pela Portaria Interministerial nº 344, de 26/09/2013.			

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Ocorre que, ao verificar a publicação do banco, constatou-se que houve um equívoco na soma do equivalente, pois ao invés de totalizar 37,95, conforme quadro anterior, divulgou-se 37,55, representando uma diferença de 0,40 pontos em desfavor ao Cefores, ou seja, quase um professor ocupante de cargo de regime de 20 horas.

Observou-se ainda que, na data de leitura do sistema, o Cefores possuía quatro códigos de vagas livres, que estavam em processo de ocupação por meio de redistribuição de cargos, conforme previsto no Artigo 37 da Lei 8112/1990. E assim, foram feitas as quatro redistribuições de docentes no regime de dedicação exclusiva – DE, com dois Institutos Federais. Em 3 de setembro e 2 de outubro de 2013, foram redistribuídos dois códigos de vagas do Instituto Federal do Triângulo Mineiro e, em 3 de outubro de 2013, outros dois do Instituto Federal do Tocantins.

Essas redistribuições foram feitas porque os institutos já tinham seus BPEq's estabelecidos e publicados desde 22 de setembro de 2010, pelo Decreto 7.312, ou seja, eles estavam autorizados a utilizar seus códigos de vagas livres e a realizar concursos públicos.

Além disso, nesse meio tempo, outros dois docentes do Cefores mudaram do regime de trabalho de 20 horas semanais para o de DE, uma vez que o orçamento da instituição, na ocasião, permitia.

Dessa forma, com a publicação dessas redistribuições e com as concessões de mudança de regime de trabalho, o total equivalente real que deveria ter sido publicado era de 46,95, conforme demonstrado a seguir:

Tabela 2 - Número real de professor equivalente do Cefores

Regime de horas semanais	Fator de conversão	Quantitativo de docentes	Equivalente
20 horas	0,67	8	5,36
40 horas	1,00	2	2,00
40 horas com dedicação exclusiva	1,59	21*	33,39
Total de Docentes		31	40,75
20% total real para contratação de substitutos		6,2	6,2
Total Equivalente			46,95
* 11 professores em exercício, 4 códigos vagos em processos de redistribuição, 6 novos códigos vagos autorizados para execução de concursos públicos.			

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Foram tomadas algumas medidas para não aumentar essa diferença: não abertura de processo seletivo simplificado destinado à contratação de professor substituto, encerramento de dois contratos de professores substitutos que ainda existiam, além de várias solicitações de correção e atualização do banco diretamente ao MEC e a outros órgãos competentes do Governo Federal, todas sem sucesso.

Entretanto, apenas foi possível conseguir que o MEC diminuísse os fatores de correção do BPEq. Mesmo assim, o Cefores não tem o percentual do total efetivo destinado à contratação de substitutos. Portanto, embora o banco esteja positivo, ele não permite as contratações necessárias para suprir as demandas enfrentadas, tampouco a mudança de jornada de trabalho de docentes do regime de 20para 40 horas semanais.

Outra dificuldade enfrentada pelo Cefores é em relação ao espaço físico. Até o ano de 2019, a escola funcionou em condições precárias e, portanto, desconfortáveis na Unidade Praça Manoel Terra, popularmente conhecida como Campus I da UFTM. Embora ainda não possuindo sede própria, nesse

ano, a escola transferiu-se para o Centro Educacional e o prédio anexo Prof. Aloísio Rosa Prata, que passaram a abrigar toda a área administrativa e os gabinetes dos professores. Essa mudança trouxe mais conforto e melhores condições de trabalho para os servidores.

Outra situação vivenciada pelo Cefores é o esforço para a manutenção da RAP. Em função disso, a escola não tem condições de ofertar novos cursos e incrementar o número de alunos, um dos desafios mais emergentes enfrentado na contemporaneidade para que ela possa crescer enquanto escola técnica vinculada à UFTM. Nesse sentido, vários esforços têm sido empreendidos para divulgar os processos seletivos, como visitas às escolas de Ensino Médio da cidade e região, veiculação em redes sociais e canais de rádio e televisão, dentre outros.

Por outro lado, assegurar a permanência dos discentes nos cursos também tem sido um desafio para o Cefores. Devido a diversos fatores, especialmente socioeconômicos, a evasão é uma realidade nos cursos técnicos. Para mitigar esse problema, o Cefores dispõe de atendimento pedagógico próprio. Também conta com a parceria da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis – Proace, que oferece atendimentos médico, psicológico e de assistência social. Além disso, ela disponibiliza recurso para assistência estudantil, por meio do qual o discente tem a possibilidade de obter vale transporte e auxílio alimentação, importantes para a sua frequência e permanência no curso.

Outra iniciativa do Cefores para tentar minimizar a retenção e a evasão dos alunos é o Programa de Monitoria, que oferece bolsas de incentivo a alunos com bom rendimento e domínio de conteúdos para que acompanhem e ajudem os colegas com problemas de aprendizagem.

Além disso, atualmente, estão sendo instituídas bolsas para alunos participantes de projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão, mais um incentivo para que o aluno se engaje nas atividades da instituição, melhorando, cada vez mais, a própria formação e, por consequência, a qualidade dos cursos. O Cefores, portanto, não tem medido esforços para a permanência e êxito de seus alunos nos cursos técnicos.

Apesar dos desafios relatados, o Cefores vislumbra perspectivas futuras, sendo que uma delas é a criação de novos cursos regulares e cursos de FIC, uma vez que eles trarão novas possibilidades de atuação, suprimindo outras demandas de formação para o desenvolvimento socioeconômico de nossa cidade e região.

Considerações finais

Conforme percebido no decorrer deste texto, a trajetória do Cefores foi permeada de muitas conquistas, mas também de muitos desafios. Alguns desses desafios, inclusive, para serem ultrapassados, necessitam de ações que extrapolam as decisões institucionais, envolvendo questões políticas e sociais.

Assim, temos a esperança de que o Brasil se alinhe aos índices internacionais de formação técnica e invista em políticas públicas nesse nível de en-

sino. Esperamos também que a sociedade se conscientize e passe a valorizar os profissionais de nível técnico, necessários não apenas enquanto mão de obra qualificada, mas acima de tudo, enquanto profissionais que compõem a estrutura social para seu pleno desenvolvimento.

Cabe ressaltar que, apesar das dificuldades relacionadas, no decorrer desses 30 anos de história, o Cefores caminhou na seara da educação técnica ofertando um ensino de qualidade e gratuito, alicerçado no comprometimento com a sociedade e com o bem público, contribuindo, assim, para alcançar seu reconhecimento.

Sabemos que ainda temos muito trabalho pela frente. Entretanto, temos a certeza de que cada um que passou por aqui, seja na condição de docente, discente ou servidor técnico, vem escrevendo essa história com muita dedicação e amor pela instituição.

Referências

AFONSO, A. M. M.; GONZALEZ, W. R. C. Desafios da educação profissional e tecnológica: novas faces dos mesmos problemas. **Com Ciência**. nov. 2018.

CHIARA, M de.; GRAVAS, D. Sem qualificação, parte dos brasileiros não consegue ocupar vagas básicas. **O Estado de São Paulo**. 02 de Junho de 2019. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,sem-qualificacao-parte-dos-brasileiros-nao-consegue-ocupar-vagas-basicas,70002852842> Acesso em: 17 de Dezembro de 2019.

PINTO, S. L. A.; SOUZA, L. C. de. Tecnologia e trabalho na era da informação. **Scientia Iuris**, Londrina, v. 21, n. 3, p.99-124, nov. 2017.

ENSINO TÉCNICO NO BRASIL. **Gazeta do Povo**. 17 jul 2019. Disponível em: <https://infograficos.gazetadopovo.com.br/educacao/ensino-tecnico-no-brasil/> Acesso em: 18 dez 2019.

MORAES, G. H. As estatísticas da educação profissional e tecnológica: silêncios entre os números da formação de trabalhadores. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**, Brasília, 2019. 50 p. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/6688378

SOBRE OS AUTORES

Célio Cézar Antunes de Souza

Possui graduação em Enfermagem Médico-Cirúrgica pela Fundação de Apoio à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1990). Tem experiência na área de Enfermagem, atuando com ênfase em Enfermagem, principalmente nos seguintes temas: aperfeiçoamento do profissional de enfermagem, humanização do atendimento ao ser doente com Necessidades Humanas Básicas prejudicadas (NHBp) com uso dos Instrumentos Básicos da Enfermagem (IBE) feridas e úlcera de pressão e cuidados humanizando o ser doente a partir dos atributos espirituais. Foi professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, ministrando as disciplinas de Biossegurança Aplicada à Enfermagem, Enfermagem na Saúde do Idoso, Assistência de Enfermagem em Clínica Médica e Assistência de Enfermagem em Clínica Cirúrgica, aposentando-se no ano de 2020. E-mail: celio.souza@uftm.edu.br.

Claudia Almeida Rodrigues Murta

Graduada em Letras (1999). Possui especialização em Língua e Literatura Brasileiras e em Ensino de Línguas mediado por computador. Mestrado em Linguística e Doutorado em Estudos Linguísticos. É professora de Línguas em cargo efetivo com dedicação exclusiva no Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Tem experiência na área de Língua Portuguesa, com ênfase em Linguagem e Tecnologia, Português como língua não-materna e língua estrangeira para fins específicos. E-mail: claudia.murta@uftm.edu.br.

Douglas Passos Ribeiro

Técnico em Farmácia pelo Centro de Educação Profissional – Cefores, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. Atuou como monitor no

Cefores das disciplinas de Química e Fisiologia e foi voluntário na Farmácia do Hospital de Clínicas da UFTM. Atua como Técnico em Farmácia no Hospital São Domingos. E-mail: douglas_passosribeiro@outlook.com.

Edilene Alexandra Leal Soares

Possui graduação em Ciências Sociais pelo Centro de Ensino Superior de Uberaba (2005) e Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia– UFU(2015). Doutoranda em Educação na linha de pesquisa em História e Historiografia da Educação na UFU. Atualmente, faz parte do quadro efetivo da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia do Conhecimento, atuando principalmente nos seguintes temas: avaliações educacionais, classificação, disciplina, assistência, política, mídia, linguagem, educação inclusiva, história da educação, formação de professores e política de humanização. E-mail: edilene.soares@uftm.edu.br.

Edmur Teodoro Leite

Graduado em Engenharia Civil pelo Centro de Ensino Superior de Uberaba. Especialista em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Universidade de Uberaba. Técnico em Radiologia e Técnico em Enfermagem pelo Centro de Educação Profissional – Cefores, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro– UFTM. Foi Professor Substituto do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico da UFTM, lotado no Cefores. Atua no mercado há 18 anos como Técnico em Radiologia. Presidente do Rotary Club de Uberaba Santa Rosa. E-mail: edmurteo@hotmail.com.

Elaine Cristina Bento Oliveira

Possui graduação em Ciências Biológicas – Bacharelado e Licenciatura pela Universidade Federal de Uberlândia (2002), mestrado (2006) e doutorado (2013) em Medicina Tropical e Infectologia (Área de Concentração: Parasitologia e Imunologia Aplicadas) pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro– UFTM. Atualmente, é professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Centro de Educação Profissional da UFTM, sendo responsável pelas disciplinas de Parasitologia, Biologia Celular e Histologia para os cursos técnicos em Análises Clínicas, Enfermagem, Farmácia e Saúde Bucal. Tem experiência em monitoramento de morcegos, caracterização biológica e molecular de tripanossomatídeos, reservatórios silvestres da doença de Chagas. E-mail: elaine.oliveira@uftm.edu.br.

Fabiano de Araújo Rezende

Mestre em Ciências Farmacêuticas pela Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (2007). Graduado em

Farmácia Industrial pela Universidade de Uberaba (2004). Especialista em Tomografia Computadorizada e Ressonância Magnética pela Faculdade Método de São Paulo(2019). Técnico em Radiologia no Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM desde 1999. Técnico em Radiologia pelo Centro de Educação Profissional – Cefores da UFTM. Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico da UFTM lotado no Cefores desde 2008. E-mail: fabiano.rezende@uftm.edu.br.

Fernanda Silva Santos

Enfermeira. Colaboradora no Curso Técnico em Enfermagem do Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. Especialista em Estomaterapia pela Universidade de Ribeirão Preto e em Docência na Educação Superior pela UFTM. Mestre em Atenção à Saúde pela UFTM. E-mail: fernanda.santos@uftm.edu.br.

Guilherme Henrique Barbosa

Possui graduação em Direito pela Universidade de Uberaba. Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro. Atualmente é Assistente em Administração na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, lotado no Centro de Educação Profissional, atuando na Seção de Registro Acadêmico. E-mail: guilherme.barbosa@uftm.edu.br.

Jacqueline Oliveira Lima

Possui Graduação em Pedagogia (2000), mestrado (2013) e doutorado (2020) em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente, é pedagoga no Centro de Educação Profissional - Cefores, escola técnica vinculada à Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Pesquisa e tem experiência profissional na área de Políticas Públicas, com ênfase em Política Educacional, atuando principalmente nos seguintes temas: Trabalho e Educação, Educação Superior, Educação Profissional e Projeto Pedagógico. E-mail: jacqueline.lima@uftm.edu.br.

Joyce Mara Gabriel Duarte

Enfermeira. Colaboradora no Curso Técnico em Enfermagem do Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. Tutora no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da UFTM no Eixo de Concentração Saúde do Idoso. Especialista em Docência do Ensino Superior, mestre e doutora em Atenção à Saúde pela UFTM. E-mail: joyce.duarte@uftm.edu.br.

Karla Fabiana Nunes da Silva

Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM, em 2003. Especialista em Saúde Coletiva pela UFTM. Mestre e doutora em Atenção à Saúde pelo Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Atenção à Saúde da UFTM. Docente do quadro efetivo do Centro de Educação Profissional – Cefores, no Curso Técnico em Enfermagem, desde 2014. Ministra disciplinas como História da Enfermagem, Enfermagem em Saúde Coletiva, Farmacologia Aplicada à Enfermagem, Enfermagem em Saúde da Mulher, Enfermagem em Saúde da Criança e Adolescente, dentre outras. Atualmente, é coordenadora do Curso Técnico em Enfermagem do Cefores. E-mail: karla.silva@uftm.edu.br.

Keila Adriana Magalhães Ferreira

Possui graduação em Farmácia Bioquímica pela Universidade de Ribeirão Preto (1999), especialização em Saúde Coletiva (2003), mestrado (2006) e doutorado (2012) em Medicina Tropical e Infectologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. Atuou por mais de dez anos como farmacêutica do Hospital de Clínicas da UFTM e atualmente é docente no Centro de Educação Profissional – Cefores – da UFTM. Durante quatro anos, foi coordenadora do Curso Técnico em Farmácia e atualmente exerce a função de coordenadora geral decursos técnicos do Cefores. Desenvolve atividades de pesquisa na área de biologia molecular de tripanossomatídeos e segurança terapêutica medicamentosa. E-mail: keila.ferreira@uftm.edu.br.

Lilian Cristina da Cruz

Enfermeira especialista em Formação Pedagógica para Profissionais da Área de Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Atenção à Saúde pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. Auxiliar de Enfermagem na UFTM, lotada no Centro Educação Profissional. Colaboradora no Curso Técnico em Enfermagem. E-mail: lilian.cruz@uftm.edu.br.

Luciana Ferreira dos Santos Vaz

Enfermeira pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM, pedagoga pela Universidade Federal de São Carlos e psicopedagoga pelo Centro Universitário Internacional – Uninter. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão de Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Saúde Pública e mestre em Ciências da Saúde pela UFTM. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Centro de Educação Profissional da UFTM, desde 1998. E-mail: luciana.vaz@uftm.edu.br.

Márcia Laina da Luz Silveira

Possui Graduação em Farmácia Industrial pela Universidade Federal de Santa Maria, especialização em Farmácia Magistral pelo Instituto Brasileiro de Estudos Holísticos e Mestrado em Inovação Tecnológica pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro–UFTM. Atualmente, é professora da UFTM, com ênfase em Atenção Farmacêutica, Farmacotécnica, Higiene e Profilaxia, Prática Profissional e Orientação de Estágios. E-mail: marcia.silveira@uftm.edu.br.

Marilsa Aparecida Alberto

Graduada em Pedagogia (2000) pela Universidade Federal de Uberlândia–UFU e em Letras (2017) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro. Especialista em Avaliação Educacional (2002), mestra (2012) e doutora (2018) em Educação pela UFU. Técnica em Assuntos Educacionais no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro desde 2007. E-mail: marilsa.alberto@uftm.edu.br.

Neliane Cristina Moreira

Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Viçosa, especialista em Docência na Educação Superior, mestre e doutoranda em Medicina Tropical e Infectologia, área de concentração: Parasitologia e Imunologia Aplicadas, pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. Técnica em Radiologia pelo Centro de Educação Profissional da UFTM. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Centro de Educação Profissional da UFTM. E-mail: neliane.moreira@uftm.edu.br.

Neusa da Silva

Técnica em Enfermagem pelo Centro de Educação Profissional – Cefores, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. Técnica em Enfermagem do Trabalho pela Escola Técnica Profissionalizante – IANG. Bacharel em Enfermagem pela Universidade de Uberaba. Especialista em Enfermagem do Trabalho pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá. Especialista em Formação Pedagógica para Profissionais da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mesetranda em Atenção à Saúde pela UFTM. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico na UFTM, lotada no Cefores. E-mail: neusa.silva@uftm.edu.br.

Núbia Nogueira de Freitas Vogado

Mestre em Educação Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (2019). Especialista em Controladoria

e Finanças (2013) e Bacharel em Administração com habilitação em Comércio Exterior pela Faculdade de Ciências Econômicas do Triângulo Mineiro (2006). Técnica em Administração pela Escola Técnica de Formação Gerencial (2002). Servidora da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, lotada no Centro de Educação Profissional. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em avaliação de projetos pedagógicos. E-mail: nubia.vogado@uftm.edu.br.

Paulo Roberto da Silva

Possui Graduação em Ciências Biológicas (Licenciatura Plena) pela Universidade Federal de Uberlândia. Mestrado e doutorado em Ciências da Saúde (área de concentração Patologia Clínica) pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. Tem experiência na área de Análises Clínicas com ênfase em Microbiologia e Imunologia, atuando principalmente nos seguintes temas: suscetibilidade de microrganismos a antimicrobianos e resposta imune a *cryptococcus sp.* Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico da UFTM, responsável pelas disciplinas de Fundamentos de Análises Clínicas, Microbiologia e Hematologia. Diretor do Centro de Educação Profissional da UFTM de 2011 a 2013 e de 2017 até os dias atuais. E-mail: paulo.roberto.silva@uftm.edu.br.

Rafael Faria de Oliveira

Possui Graduação em Biomedicina pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. Mestrado e doutorado em Medicina Tropical e Infectologia (área de concentração: Parasitologia e Imunologia Aplicadas) pela UFTM. Atualmente é professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Centro de Educação Profissional da UFTM, sendo responsável pelas disciplinas de Fisiologia Humana e Bioquímica. Tem experiência em resposta imune e suscetibilidade genética das leishmanioses e doença de Chagas, trabalhos de área endêmica e técnicas de Imunologia e Biologia Molecular. E-mail: rafael.oliveira@uftm.edu.br.

Renata Costa Gomes

Licenciada em Pedagogia e Bacharel em Biomedicina pela Universidade de Uberaba. Especialista em Microbiologia Clínica pela Academia de Ciência e Tecnologia de São José do Rio Preto. Atualmente, é servidora pública na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, com atuação na Seção de Registro Acadêmico do Centro de Educação Profissional. E-mail: renata.gomes@uftm.edu.br.

Teresinha das Graças Lima

Possui Graduação em Matemática (Licenciatura Plena) pelas Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino (1978). Especialização em Gestão Estratégica.

gica da Educação pela Faculdade de Ciências Econômicas do Triângulo Mineiro (2001). Desde 1998, é professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, lotada no Centro de Educação Profissional – Cefores, responsável pela Disciplina de Matemática. No Cefores, foi diretora de 2015 a 2017 e, atualmente, exerce as funções de coordenadora pedagógica e diretora substituta. E-mail: teresinha.lima@uftm.edu.br.

Vivian Jilou

Possui Graduações em Enfermagem e em Ciências Biológicas (Licenciatura Plena) pela Universidade de Uberaba. Especialização em Gestão Integrada da Qualidade: ISO 9001, ISO 31000 e Acreditação. Especialização em Gestão Pública em Serviços de Saúde. Especialização em Biotecnologia e Biologia Molecular. Mestra em Educação pela Universidade de Uberaba. Doutoranda em Atenção à Saúde pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: vivian.jilou@uftm.edu.br.

SERVIDORES LOTADOS NO CEFORES EM 2020

Alexandre Monteiro Casmamie
Ana Palmira Soares dos Santos
André Luis Beloni dos Santos
André Luiz Souza
Arildo Rabis Diniz
Artur Henrique Alves de Assis
Bruno Cesar Scandar Melo
Célio Cezar Antunes de Souza*
Claudia Almeida Rodrigues Murta
Denise Bertucucci Rocha Rodrigues
Drayna Versone de Sousa
Edilene Alexandra Leal Soares
Edson Martins
Elaine Cristina Bento Oliveira
Elisângela de Jesus Pessoa
Evandro Guglielmi
Fabiano de Araújo Rezende
Fernanda Silva Santos
Freud Antonio Martinelli Gomes
Geraldo Batista Londe
Gilberto Antonio Borges
Guilherme Ferretto
Guilherme Henrique Barbosa
Jacqueline Oliveira Lima
Janisse Martinelli de Oliveira Misiara
José Eduardo dos Reis Félix
Joyce Mara Gabriel Duarte
Karla Fabiana Nunes da Silva
Keila Adriana Magalhães Ferreira

Lilian Cristina da Cruz
Lúcia Helena Gonçalves Araújo
Luciana Ferreira dos Santos Vaz
Luis Henrique Borges
Márcia Laina da Luz Silveira
Márcio de Queiroz Murad
Marília da Glória Andrade
Marilsa Aparecida Alberto
Neliane Cristina Moreira
Neusa da Silva
Núbia Lopes Correa
Núbia Nogueira de Freitas Vogado
Pablo de Oliveira Pegorari
Paulo Roberto da Silva
Rafael Faria de Oliveira
Rafael Miranda Euqueres
Regina das Dores Maia
Renata Costa Gomes
Sanívia Aparecida de Lima Pereira
Stella Borges Silva*
Tânia Mara Arantes
Teresinha das Graças Lima
Tony de Paiva Paulino
Valéria Siqueira Roque
Veralice Cardozo Rodrigues*
Vivian Jilou
Weder da Silva Mateus
William Alexandre Manzan

* Servidores que se aposentaram no ano de 2020, após muitos anos de dedicação ao Cefores. A eles nosso respeito e gratidão.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS

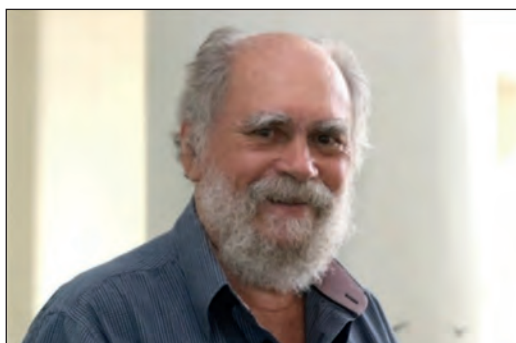
Primeiros Diretores do Cefores – 1990 a 2007

Ana Palmira Soares dos Santos



Fotografia: Elioenai Amuy da Silva

José Henrique Nunes



Fotografia: Luís Adolfo Fonseca Júnior

Maurício Ferreira



Fotografia: Elioenai Amuy da Silva

Diretores do Cefores – 2007 a 2020

Geraldo Batista Londe

Agosto de 2007 a agosto de 2008

Abril de 2013 a abril de 2015



Fotografia: Luís Adolfo Fonseca Júnior

Regina das Dores Maia

Agosto de 2010 a março de 2011



Fotografia: Luís Adolfo Fonseca Júnior

Paulo Roberto da Silva

Abril de 2011 a abril de 2013

Abril de 2017 a abril de 2021



Fotografia: Elioenai Amuy da Silva

Teresinha das Graças Lima

Abril de 2015 a abril de 2017



Fotografia: Luís Adolfo Fonseca Júnior

Parte do corpo de servidores do Cefores – Dezembro de 2019



Fotografia: Luís Adolfo Fonseca Júnior

**Projeto de Extensão “Cefores: 30 anos de história”
Visita do ex-diretor Prof. José Henrique Nunes
Outubro de 2019**



Fonte: Acervo do Cefores

Projeto de Extensão “Cefores: 30 anos de história”
Visita do ex-diretor Prof. Maurício Ferreira
Novembro de 2019



Fotografia: Elioenai Amuy da Silva



Fotografia: Elioenai Amuy da Silva



ISBN: 978-65-89736-08-0

CDL



9 786589 736080